

Os desportistas olímpicos deverão ir a Moscovo

As manifestações culturais e desportivas deverão ser promovidas sem outra finalidade que a aproximação dos homens e das nações, o aperfeiçoamento dos praticantes, o convívio fraternal, o desenvolvimento das modalidades desportivas e das actividades culturais.

Não é o campo das práticas desportivas e atléticas o terreno mais próprio para decretar sanções, organizar represálias, prosseguir a «guerra-fria». As dificuldades levantadas à participação dos atletas portugueses nos Jogos Olímpicos de Moscovo deverão ser removidas. Se o Governo AD não reconsiderar, o que é extremamente provável, cabe à opinião pública mais do que uma palavra do apoio à decisão isenta do Comité Olímpico Português, cabe-lhe tomar em mãos a subvenção das deslocações dos atletas.

O «DL» abriu ontem as suas colunas ao apelo da «Comissão de Apoio aos Olímpicos Portugueses». Espera que, uma vez mais, o público de um modo geral, e, em particular, os desportistas, manifestem a sua solidariedade a uma iniciativa que tem como único objectivo garantir a presença de Portugal nos Jogos Olímpicos.

A Comissão está instalada na Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Rua da Palma, 256-A, 1100 Lisboa, Telf. 861619/863643.

Todos poderão contribuir para a presença dos representantes portugueses nos Jogos Olímpicos de Moscovo, enviando os seus donativos para a conta, aberta no BESCL, delegação de Almirante Reis. A conta tem o n.º 07/004/18761/00/5.

A trajectória de Soares Carneiro entre S. Nicolau e o Sheraton

De n.º 2 com Santos e Castro a n.º 1 com Sá Carneiro

De 1968 a 25 de Abril de 1974 Soares Carneiro abandonou a carreira militar para se dedicar exclusivamente a cargos políticos, altamente responsáveis na hierarquia colonial. Na sequência de práticas escandalosas na Diamang, que levaram o director da companhia e dois funcionários à prisão, Soares Carneiro é nomeado governador do distrito da Lunda (zona dos diamantes). Os três presos são libertados, regressam aos seus postos e o processo-crime é abafado. A Diamang era um estado dentro do Estado. Soares Carneiro é promovido a secretário-geral de Angola. Compete-lhe também despachar para os internamentos no campo de «recuperação» de S. Nicolau. Passa sobre deci-

gando com mais três anos de prisão detidos que tinham sido libertados. Visita o campo de S. Nicolau. Não fala com um preso sequer. Os presos num abaixo-assinado enviado às autoridades coloniais denunciam as condições desumanas em que vivem. Soares Carneiro almoça com o director do campo, Baltazar de Lima, hoje fugido, que foi acusado, pelos presos e pela justiça portuguesa, de corrupção, espancamentos e assassinios.

Amanhã, dá uma conferência de Imprensa com jornalistas estrangeiros e nacionais, a anunciar o seu compromisso — desta vez de candidatura.

Pág. 4



Foto: HERNANDO DOMINGUES



Com aparatoso dispositivo policial, demonstrado na imagem, o regime racista de Pretória tentou, em vão, evitar que a população da cidade «negra» de Soweto, arredores de Joanesburgo, evocasse os mártires do massacre de há quatro anos.

Repressão não apaga memória de Soweto

Pág. 13

Comboios reduzidos a zero

Não circula qualquer comboio, desde as zero horas de hoje, na rede ferroviária nacional. O facto é uma consequência da greve de 24 horas determinada pela Federação dos Sindicatos Ferroviários que pretende negociar todo o clausulado do Acordo Colectivo de Trabalho.

A paralisação total dos comboios ficou a dever-se directamente a uma decisão do Conselho de Gerência da CP que entendeu «não haver condições de segurança», uma vez que apenas os maquinistas (e não todos) escapavam ao pré-aviso de greve, entregue nos termos legais.

No entanto, a posição do CG é o resultado dos elevados níveis de adesão que habitualmente são registados em paralisações da empresa, o que sempre tem obstado à circulação de qualquer comboio.

Deste modo, mesmo os comboios internacionais foram afectados, uma vez que a partir da (e até à) nossa fronteira, o transporte é assegurado em autocarros fretados para o efeito. Contudo, o comboio internacional «Ter» e a ligação Porto - Vigo foram totalmente suprimidos.

As negociações do ACT dos ferroviários arrasta-se desde há oito meses e a sua concretização está prejudicada por um recente diploma governamental que estabelece o equivalente à homologação prévia da contratação para as empresas públicas.

Hoje há «Exclusivo»

A viúva de Letelier comenta a situação existente no Chile, resumindo-a com trágica simplicidade: «Demasiadas viúvas!», o que constitui um dos temas do «Exclusivo» de hoje. O nosso suplemento dedicado à vida internacional inclui ainda textos e fotos de temas da maior actualidade, nomeadamente sobre problemas relacionados com a segurança e a paz na Europa.

concurso DL concurso DL

Ainda pode concorrer

CONTINUA A REPETIÇÃO DOS CUPOES DA 1.ª SÉRIE

Hoje n.ºs 4 e 5

concurso DL concurso DL

Decisão impugnada pela oposição

Parlamento encerra em Julho

Apenas por dois votos de diferença (um foi o do reformador Adão e Silva, muito «visitado» e «aconselhado» ao longo da reunião por outro reformador, Nuno Godinho de Matos), a AD conseguiu restringir ao mínimo o período suplementar de trabalho da Assembleia da República. O outro voto de diferença deve-se à ausência de António Arnaut, nesta reunião da Comissão Permanente da AR.

Logo de início, a AD votou contra a presença de jornalistas nesta reunião, permitindo apenas a sua entrada para a votação. Depois, a AD ali representada activamente por Rui Pena (CDS) e Amândio de Azevedo

(PSD) deu o tom à reunião: a Assembleia ia funcionar o menos possível. Os inquéritos do PS não serão concluídos, a interpegação sobre cultura do MDP «ar-deu» e a moção de censura do PCP foi relegada para o último dia — dia 27 — deste período suplementar (a AD insiste em chamar-lhe complementar, para retirar aos trabalhos toda a sua plenitude regimental e constitucional).

A oposição (PS+PC+MDP) bem classificou esta posição de anticonstitucional e anti-regimental. Quer o PC, quer o MDP anunciaram que vão pedir a impugnação desta decisão na pró-

ximo plenário da AR, na quinta-feira.

Quanto à homenagem da AR ao 4.º centenário de Camões, Amândio de Azevedo considerou que a Assembleia tem assuntos mais importantes para tratar, não deixando (como convinha) de sublinhar a importância do centenário do poeta. Notar-se-ia, porém, que nesta matéria, a AD cedeu com receio do impacto da sua oposição à homenagem, podendo efectuar-se num destes dias, e na primeira parte da Ordem de Trabalhos, a homenagem a Camões.

Por outro lado, foi decidido

Continua na pág. 20

Denúncia da escalada AD nos órgãos estatizados amanhã no Vasco Santana

Amanhã, às 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, efectua-se uma sessão contra a escalada do Governo AD na Comunicação Social estatizada.

Como oportunamente foi noticiado, esta sessão é apoiada pelos mais diversos quadrantes políticos (PS, PCP, MDP/CDE, UDP, ASDI, UEDS, etc.).

Como oradores, intervirão Adelino

Gomes, Cesário Borgia, Emídio Rangel, David Lopes e João Paulo Oliveira. Como jornalistas, denunciarão a situação antidemocrática que se vive na RDP, na RTP, do «Diário de Notícias» e no «Diário Popular». Em nome deste vespertino, usará também da palavra um outro trabalhador. A sessão é pública.

“El Pais”: estatuto editorial é o primeiro de Espanha

Os jornalistas do diário espanhol «El Pais» aprovaram recentemente o primeiro estatuto editorial existente numa empresa jornalística do país vizinho.

O estatuto, que regula as relações entre redactores e a direcção do jornal, será proximamente submetido a aprovação definitiva da junta dos fundadores e da junta geral dos acionistas da sociedade «Prisa», proprietária do jornal.

O estatuto afirma que «El Pais» é

um jornal independente, nacional, de informação geral, com uma clara vocação europeia, defensor da democracia pluralista e se compromete a defender a ordem democrática e legal estabelecida na Constituição espanhola.

Quanto à nomeação de um novo director, a opinião contrária de mais de dois terços dos jornalistas deverá ser tomada em conta pelo Conselho de Administração, embora não seja vinculativa.

Greve vitoriosa dos jornalistas australianos

Os cerca de 2000 jornalistas australianos da imprensa escrita, em greve há três semanas para obterem um suplemento pela utilização de consolas de computadores, decidiram recomençar a trabalhar.

Os grevistas, apoiados pela Associação dos Jornalistas Australianos (AJA), obtiveram um aumento de salário de 6 por cento, a atribuição de mais de três dias de dispensa por ano e a reintegração de 29 colegas despedidos por se terem recusado a trabalhar com o novo equipamento.

Durante uma reunião, em que foram acusados de se terem «vendido» os responsáveis da Associação dos Jornalistas precisaram que os dirigentes dos jornais não iriam além desta oferta e continuariam com os tipógrafos e elementos do pessoal comercial e administrativo utilizado como jornalistas, a fazer sair os jornais.

O movimento, que principiou no dia 13 de Maio, afectou principalmente os jornais nacionais e a Agência Australiana de Imprensa.

“Espaço T Magazine”

«Espaço T Magazine» é uma revista mensal cujo primeiro número acaba agora de sair. Director: José Miguel Júdice. A redacção é constituída por Handel de Oliveira, João Amaral, José Rui Cunha e Maria José Félix. Do estatuto editorial: «T Maga-

zine» é um meio de grande informação, que pretende contribuir para um melhor conhecimento dos grandes acontecimentos nacionais e internacionais e para um melhor aproveitamento dos tempos livres».

Ligações telefónicas entre Lisboa e Algarve

Compreenderá duas estações terminais e três estações de retransmissão o contrato assinado pela firma francesa «Thomson-CSF» com a administração portuguesa dos Correios e Telecomunicações (CTT). O contrato respeita à montagem de uma ligação hertziana telefónica de grande capacidade (1800 vias) entre Lisboa, Arrábida, Santiago do Cacém e Faro.

A linha terá 250 quilómetros. A firma francesa, segundo os termos do

contrato, fornecerá os equipamentos em rádio, antenas e guias de ondas. Os serviços suplementares e outros fornecimentos serão feitos pela «Thomson-CSF de Portugal» e outras empresas portuguesas que com ela trabalham.

A concretização do contrato contribuirá significativamente para o des congestionamento das ligações telefónicas entre Lisboa e o Algarve (Fóia e Faro) via Arrábida e Santiago do Cacém.

SESSÃO PÚBLICA

PELA LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

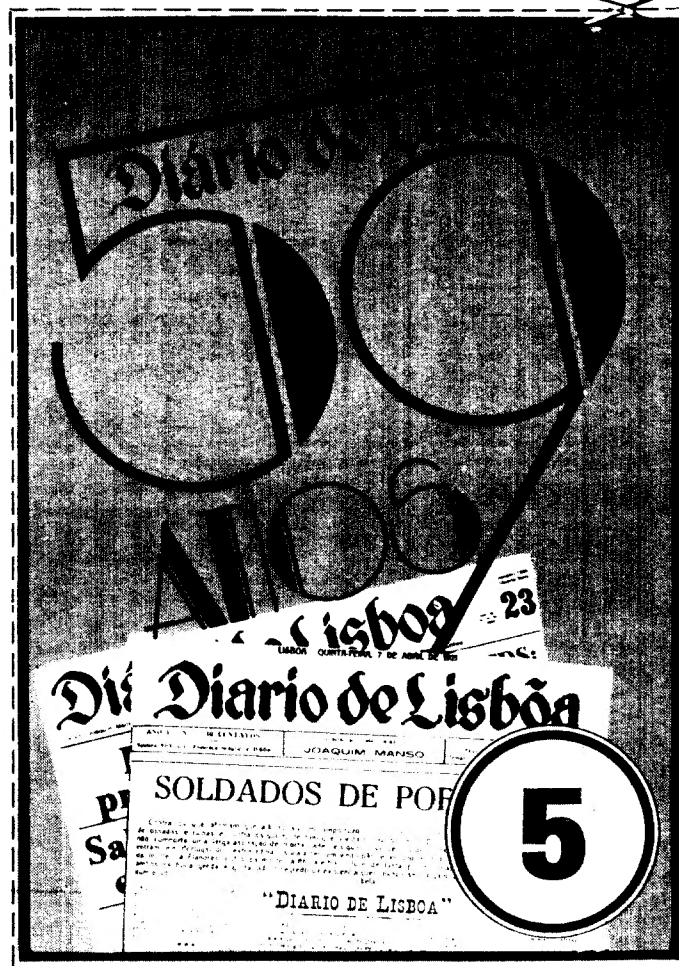
18 de Junho
21.30 horas

Teatro

Vasco Santana

ORADORES:

Adelino Gomes, Cesário Borgia, Emídio Rangel, David Lopes, João Paulo Oliveira.



ENVIE AS COLECÇÕES

ATÉ 26 DE AGOSTO

Chegado o termo da publicação das duas séries do nosso concurso, o leitor que nos tiver acompanhado, diariamente, terá em seu poder sessenta cupões, permitindo fazer duas colecções completas (cada uma tem de conter 30 cupões de qualquer das séries mas numeradas de 1 a 30). Foram, também, publicados vários boletins de identificação.

O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope. Pedimos-lhe que leia as indicações que a seguir fornecemos, esperamos que o concurso lhe tenha agradado, e desejamos-lhe boa sorte!

• **PARA SE HABILITAR AO SORTEIO** o leitor deverá juntar 30 cupões numerados de 1 a 30 (de qualquer das duas séries) recortados pelo tracejado e tendo anexo um boletim de identificação;

• **O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO** deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;

• **O TALÃO RECIBO** deverá ser igualmente preenchido e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de juntar um selo de correio de 6\$50. Se não o fizer, o leitor não deixa por isso de se habilitar ao sorteio: acontece apenas que não terá em seu poder a informação do número que lhe coube para o sorteio;

• **QUANTO AO ENVIO** o leitor pode enviar quantas colecções quiser, mas sempre só uma em cada envelope, e cada uma acompanhada de um boletim de identificação devidamente preenchido e de um selo de 6\$50 no caso de desejar a devolução do talão recibo;

• **O PRAZO DE ENVIO** termina em 26 de Agosto de 1980 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

• **O ENVIO PELO CORREIO** é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;

• **O APURAMENTO DAS COLECÇÕES** será feito entre 8 e 19 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

O concorrente deverá indicar o nome completo tal como figura no seu bilhete de identidade.

Não se esqueça de indicar o nome e endereço do vendedor ou do estabelecimento onde adquiriu o «Diário de Lisboa».

EMPRESA GRÁFICA E EDITORA DE JORNAL DIÁRIO EM LISBOA

Admite

CHEFE DE CONTABILIDADE

— Pretende-se diplomado pelos Institutos Comerciais/ISCAL com ou sem experiência em Contabilidade Analítica.

— São condições de preferência conhecimentos de Informática.

— Oferece-se lugar de interesse com remuneração adequada ao mérito.

Resposta com currículo detalhado ao n.º 17 607 deste jornal.

GITUS

«AUTO FÉRIAS»

★ **ALGARVE**

Aldeia das Açoteias

(só mês de Junho)

Desde: 560\$00 pessoa/dia

★ **TROIA** — Jovens

APARTAMENTOS DE 8 PESSOAS

Pessoa/dia — 100\$00

Por apartamento/dia — 750\$00

★ **VILA NOVA MIL FONTES**

(PENSÃO MARGARIDA)

Diárias completas

(almoço/jantar/alajamento)

pessoa/dia — 775\$00

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE

GITUS

Av. da Liberdade, 72 - 1.º - 1200 Lisboa

Tels. — 32 95 56-32 96 38 36 43 03

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PONTE DE SOR

ANÚNCIO

2.ª Publicação

PROCESSO N.º 1/79 SECÇÃO DE PROCESSOS

PELO Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Duarte da Silva, casado, proprietário, residente em Vale de Bispo Fundeiro, Ponte de Sor, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Coelho & Serra, L.d.ª, Sociedade por Quotas, com sede em Ermidas do Sado. Ponte de Sor, 30 de Maio de 1980.

O JUIZ DE DIREITO,
Jaime Manuel Belém Santana Guapo
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
Ilídio GB Cadete

Em OLHAO o **Diário de Lisboa** esta a venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes

ponto a ponto



● O general Ramalho Eanes recebeu ontem, no Palácio de Belém, as cartas credenciais do novo embaixador da Holanda em Lisboa, Klaas Westerhoff. Amanhã, pelas 16 horas, presidirá a mais um plenário do Conselho da Revolução, que analisará a situação político-militar.

● O vice-primeiro-ministro chinês da Cultura afirmou ontem, à sua partida de Lisboa, que o acordo cultural luso-chinês encontra-se em fase de estudos preliminares, não se prevendo para breve a respectiva assinatura formal. Estão previstos acordos em vários domínios, como seja Arte, Desporto, Ciência, Tecnologia, Teatro e Bolsas de Estudo, disse ainda o governante da República Popular da China, que no aeroporto da Portela foi cumprimentado pelo seu embaixador e por representantes do MNE e ainda por um dirigente da Associação de Amizade Portugal-China.



● O Papa João Paulo II recebeu ontem o presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, mostrando vivo interesse pelas actividades do povo açoriano, particularmente no que toca à promoção social e desenvolvimento. Mota Amaral afirmaria ao Papa que os Açores o receberiam com entusiasmo, apesar de lhe não ter feito qualquer convite formal.



● Já regressou o prof. Mota Pinto, que se deslocou ao Estado de S. Paulo (Brasil), a convite da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, e ali foi orador oficial na sessão solene comemorativa da morte de Camões, organizada pelas autoridades brasileiras. Fez ainda uma conferência na Associação Comercial de S. Paulo, na qual versou o tema «Portugal, Brasil e o Mercado Comum».



● A Câmara Municipal de Coimbra aprovou já o programa da visita que o Presidente da República e o chefe do Estado-Maior da Força Aérea farão àquela cidade no próximo dia 4 de Julho, estando previstas uma exibição da esquadilha da FA e uma visita de ambos à Feira Comercial e Industrial (CIC 80).

ALIENAÇÃO PROGRESSIVA DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Joaquim Ribeiro Simões *

O cidadão comum, contribuinte e votante, deste País de brandos costumes e solarentos areais (tão apetecidos por essa Europa brumosa e emburguesada) deve exigir dos seus governantes a estrita garantia da independência nacional.

Somos independentes há mais de oito séculos: para mantermos este pequeno rectângulo peninsular tivemos de lutar contra moiros, castelhanos, ingleses, espanhóis, holandeses, franceses e alemães, mas parece que valeu a pena (vale sempre a pena se a alma não é pequena, no dizer de Fernando Pessoa).

«Vereis amor da pátria, não movido de prêmio vil, mas alto e quase eterno», ensinou-nos um dia Luís Vaz de Camões, o nosso imortal Poeta, que continua a ser um símbolo vivo «desta ditosa pátria minha amada».

Vêm estas considerações propiciatórias a propósito de certos factos chocantes, negros indícios de que a perda de soberania (real) não é um mero jogo de fonemas sem nexos, mas algo que, por desdita nossa, tem conteúdo concreto, que é urgente desmascarar, estender ao sol das nossas cidades, vilas e aldeias, para que todos os portugueses o vejam e o julguem em boa consciência.

O desejo, pacóvio e acaciano, de tudo fazer para agradar aos patrões do imperialismo, com a capa de que Portugal está obrigado (e obrigado) à NATO, tem levado os dirigentes actuais a uma série de actos que se tradu-

zem numa perda (real) de soberania, e isto nas costas do Povo, nos segredos dos gabinetes, apresentando depois os factos consumados, como se governar os portugueses fosse o lidar com rebanhos de carneiros, dóceis e submissos.

O planeamento da construção de enorme oleoduto, para uso exclusivo dos exércitos da NATO, que ligaria SINES, Santa Margarida e Leixões a um ponto da fronteira, a ser usado em caso de guerra; o estacionamento no estuário do Tejo, quase misturado com as nossas habitações, de um porta-aviões provido de ogivas nucleares, que poderiam alcançar todo o espaço europeu — são apenas duas amostras daquilo que certos peritos alienados andam a projectar, sem ter a mínima consideração e respeito pelo teor do nosso Texto Fundamental e pelos sentimentos do nosso Povo.

Estas duas intenções, somadas com a aprovação pelo ministro da Defesa do 5.º Governo Constitucional da instalação nos países europeus da NATO de foguetes Pershing II e de mísseis Cruise, coloca o nosso país numa posição de alvo potencial para os foguetes soviéticos; por outras palavras, caso se concretizassem as duas propostas referidas, Portugal seria um alvo preferencial e, como acertadamente afirmou o general Costa Gomes, o nosso país estaria mais ameaçado do que defendido. Trata-se, portanto, de um assunto que interessa a todos os cidadãos: porque, constituindo em si uma flagrante perda de

soberania, pode acarretar o aniquilamento material e espiritual da Nação. Os portugueses, em bloco, têm de dizer não a esta política aventureira, absurda e irracional! Têm de dizer: basta!

Mas há mais. Há meses os meios de comunicação noticiaram que algures, no sul do País, se efectuaram uns treinos militares da NATO, rotineiros e ingénuos; sempre que se desencadeiam acontecimentos políticos de relevo (o próprio 25 de Abril não escapou a isto), surgem no pacífico Tejo (o das Tágides minhas) poderosas esquadras «aliadas», também em exercícios de rotina, simples brincadeiras que fazem a alegria das crianças lisboetas! E que dizer da entrega da Base das Lajes, aos americanos e da Base de Beja aos alemães de Bona?

Os leitores já pensaram nos efeitos (sonoros e visuais) «agradáveis» que terão os voos inocentes, também de rotina, dos caças germânicos, sobre o Alentejo, onde, com suor, lágrimas e sangue, se está realizando a mais bela conquista da Revolução dos Capitães: a Reforma Agrária mais avançada, correcta e justa de toda a Europa não-socialista?

E, quanto à Base da Terceira, cedência que vem dos dias cinzentos do salazarismo, qual a opinião do cidadão comum? A troca de um negócio miserável, os açorianos têm de assistir, quietos e mudos, à utilização da-

quela parcela do nosso território para todos os fins que o imperialismo escolha, incluindo a passagem de tropas para esmagarem revoltas, ou para operações que em nada interessam ao nosso Povo, como por exemplo o falhado «raid» ao Irão.

Tudo isto representa uma descarada alienação do princípio de independência nacional, de que o Povo não abdica. Por muito hábeis que sejam os argumentos dos juristas que rodeiam os governantes, eles não convencerão a maioria dos cidadãos.

Mesmo que todas estas negociações nos fornecessem benefícios económicos astronómicos (e não as mirradas contrapartidas actuais), isso não diminuiria a repugnância pela perda real da soberania que acarretam. É isto que muitos tecnocratas e políticos, bem nutridos pelas pantagruélicas almoçadas nos restaurantes caros (a expensas do erário público), tão atraídos pela falsa prosperidade dessa pequena Europa decadente, têm de aprender com humildade: em política pode negociar-se tudo, menos aquilo que os Povos têm de mais sagrado: a sua **independência**.

Já assim pensava Luís Vaz de Camões, o Poeta, o Militar, o Patriota, que viveu e morreu pobre (e mal nutrido).

* Coronel, na reserva

A AD EM DIFICULDADES

António Vitorino

1. A semana transacta registou os primeiros sintomas de mal-estar na direcção da Aliança Democrática em termos estratégicos. Depois de alguns escândalos, mais ou menos obscuros (que só merecem reflexão porque exprimem atitudes que se adoptam e depois não são assumidas em todas as suas implicações) e das posições dissonantes do grupo dos Reformadores em relação à maioria, vieram recentemente a lume as primeiras interrogações sistemáticas sobre o sentido estratégico da orientação política do Governo e da AD. Foram portavozes desta primeira leitura crítica da AD, partindo das suas próprias fileiras, Francisco Lucas Pires e Marcelo Rebelo de Sousa, cujas posições fazem prever, pelos lugares de destaque que ocupam, que o essencial do debate estratégico da AD está ainda por fazer.

A perda de dinamismo da AD é um facto inegável. A concentração no Governo das principais figuras dos partidos políticos esvaziou a imagem parlamentar da AD, deixada a cargo de dirigentes inexpressivos ou manifestamente inábeis. A AD no Parlamento é um grande barco à deriva sem timoneiro, sobrevivendo a custo à relação de exterioridade com o Governo, expressa não apenas na dissociação das intervenções do Governo e dos parlamentares da maioria, mas sobretudo na passividade de acção política da maioria parlamentar que se tem vindo a colocar abulicamente nas mãos do Governo, mesmo quando não consegue discernir para onde aquela a conduz.

A ofensiva da oposição limita-se pois a tirar benefício desta realidade inegável, forçando o debate com a AD no terreno que a esta é mais desfavorável. Trata-se de uma res-

posta da oposição que reputamos muito importante: atribuir à Assembleia da República o protagonismo político fundamental que lhe deve caber, por contraponto à prática do Governo AD que através do recurso sistemático a autorizações legislativas tem transferido do Parlamento para os gabinetes governamentais as tarefas de elaboração de diplomas legislativos de inegável interesse público cujo conhecimento pelo conjunto dos portugueses fica assim praticamente inviabilizado. Basta recordarmos o caso da Lei de Delimitação de Sectores que, pelo facto de ter sido debatida no silêncio dos ministérios, teve três versões consecutivas sem que a opinião pública se tivesse apercebido das verdadeiras opções políticas e jurídicas que estavam em causa e das diferenças entre as várias propostas de diploma.

Acossada por uma intensa actividade, parlamentar e extra-parlamentar, dos principais partidos da oposição, a AD tenta esboçar uma resposta com base em dois instrumentos fundamentais: a «construção» de uma imagem governativa favorável e o lançamento de uma candidatura presidencial própria destinada a «completar» o quadro da tão célebre «mudança».

Contudo estes instrumentos não parecem corresponder cabalmente aos objectivos pretendidos.

2. Algumas sondagens recentemente feitas sem quaisquer intuídos manipulatórios ou propagandistas assinalam que uma esmagadora maioria dos portugueses considera que desde Dezembro de 1979 até hoje a situação «não melhorou» ou até «piorou». Só uma minoria muito escassa considera que a «mudança» que a AD lhe trouxe foi para melhor.

Ninguém pode ignorar que esta situação é muito desfavorável em termos eleitorais à actual maioria da AD, uma mera e frágil maioria parlamentar a que nem sequer corresponde uma maioria de sufrágios.

Dai o esforço desesperado de criação de uma imagem pública da acção governativa que corresponda às demagógicas promessas eleitorais; o que não podendo ser feito com base em realizações concretas que correspondam às aspirações do seu próprio eleitorado, nomeadamente daqueles sectores sociais intermédios que nos principais centros urbanos deram a vitória à AD, é tentado através da mais descarada manipulação dos meios de Comunicação Social, recorrendo à censura, à falsidade e aos saneamentos e perseguições pessoais numa atitude histórica que denuncia insegurança e medo.

A recente interpelação parlamentar promovida pelo Partido Socialista, que culminou na apresentação de uma proposta de inquérito parlamentar à situação da Comunicação Social em Portugal, demonstrou claramente que existe em pleno funcionamento uma campanha de intoxicação e manipulação da informação a cargo de grupos e sectores afectos ao Governo, sob a superior cunivência dos departamentos estaduais ligados ao sector.

A «batalha» da Comunicação Social ganha assim para o Governo uma importância muito particular: não só porque a inabilidade e perfídia dos governantes e dirigentes partidários da AD tem neste plano ressaltado com evidência, mas também porque sem a docilidade dos «mass media» a estratégia de tensão

da AD pode ser levada às últimas consequências. E sem uma tal tensão permanente os próximos resultados eleitorais da AD estarão seriamente comprometidos.

3. Particularmente significativa tem sido a utilização que o Governo faz dos meios de Comunicação Social para promover um clima de conflitos generalizados entre órgãos de soberania, visando principalmente o Conselho da Revolução e o Presidente da República.

A estratégia dos «bodes espiatórios» não é original. E sempre mais fácil procurar incriminar os outros pelos erros que nós próprios cometemos, do que assumir conscientemente as limitações da nossa própria actuação e a definição de prioridades a satisfazer em função dos objectivos que nos propomos atingir.

Assim a AD, desde os primórdios da sua governação, demonstrou que «assumia o poder» (a frase é de Sá Carneiro) numa lógica de oposição, ou seja, de que Governo e Parlamento, porque dominados pela AD, seriam zonas libertadas da estrutura institucional do Estado, utilizáveis primordialmente para combater aquelas instituições e órgãos de soberania cuja composição não lhes é afectada, a saber, o Conselho da Revolução e a Presidência da República.

A estratégia de «contrapoder» da AD assenta pois primordialmente numa guerra de nervos com a Presidência da República (veja-se o caso da pretendida exoneração da eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo, vejamos-se as obstruções governamentais às viagens presiden-

Continua na pág. 18



Barbosa de Melo regressa: de Coimbra e menos dissidente



Que procura Sousa Tavares? E esta a primeira posição conhecida do reformador que faz parte do Conselho Político de apoio à candidatura de Soares Carneiro. À saída da sede do candidato da AD, observam-no Naraña Colossoró, Manuel Lucena e Carlos Macedo vagamente preocupado com o gesto do director de «A Capital»



O general candidato da AD guardado e sem retoques

Soares Carneiro reúne-se com os 12 "apóstolos" da sua candidatura

«Se é uma reunião preparatória, é daquelas em que não se fazem declarações» — foram as primeiras e únicas palavras que o general Soares Carneiro disse ao «DL» à saída da reunião que ontem à tarde o levou a uma das

luxuosas residências da família Borges (ex-proprietários do Banco Borges e Irmão), na Avenida da República em Lisboa. Tratava-se da reunião do Conselho Político da sua candidatura composto por 12 personalidades

mais ou menos conhecidas: Vasco Pulido Valente, secretário de Estado da Cultura, Cruz Vilaça, secretário de Estado da Administração Interna, Mota Pinto, o líder da campanha, Carlos Macedo, presidente da Comissão Política Nacional do PSD e que também já foi assessor de Ramalho Eanes, Barbosa de Melo, dissidente do PSD e animador do «grupo de Coimbra», Rosado Fernandes, latifundiário alentejano e reitor da Universidade Clássica de Lisboa, Sousa Tavares, director de «A Capital» e também Reformador, Manuel de Lucena, signatário do Manifesto Reformador, Ângelo Correia e António Cabecinha, deputados do PSD, Lucas Pires, Alexandre Sousa Pinto e Naraña Colossoró, do CDS.

registra-se: a residência sibirita da reunião tem 16 divisões e era utilizada pela família Borges para dar festas.

Os actuais proprietários do

andar estão ligados por laços de família a Sá Carneiro.

Amanhã, em conferência de imprensa, no Hotel Sheraton, Soares Carneiro formaliza o seu

compromisso de candidatura. Não apresentará, ao que se prevê, programa político. Entende que tal pertence aos partidos políticos.

O candidato da AD às presidenciais também esteve em S. Nicolau

Soares Carneiro, secretário-geral de Angola, também esteve em S. Nicolau. Como autoridade política, competia-lhe assinar os despachos do internamento dos presos no Centro de Recuperação de S. Nicolau, onde alguns foram abatidos a tiro e o estudante Saturnino foi crucificado depois de lhe terem arrancado os olhos.

Um preso de S. Nicolau responde na Comissão de Inquérito ao Campo de S. Nicolau, em 31 de Maio de 1974, às perguntas do dr. Jorge Sobral e do coronel César Rodrigues.

Soares Carneiro também visitou S. Nicolau. «Não falou com ninguém». «Essas visitas particulares de que é que consistiam?» «Não havia recepção. Almoçavam sempre em casa do director Lima, depois iam passear por diversas secções, as indicações eram feitas pelo director do Campo.» «Não falavam assim com os presos?» «Não senhor, nunca falavam com ninguém».

O famigerado Baltazar Lima, acusado pelos africanos de corrupção, espancamentos e assassinios, hoje fugido à Justiça, confirma também, perante a Comissão de Inquérito, em declarações prestadas em 7 de Junho de 1974, que Soares Carneiro visitou em 1973 o Campo de S. Nicolau, que vivia à margem de todas as leis, mesmo as fascistas. É o próprio Baltazar Lima que reconhece: «Eu creio que, oficialmente

até, pelo menos eu não conheço, o campo de S. Nicolau não existe nem está criado».

Mas Soares Carneiro não falou com os presos, almoçou em casa do Lima, que tinha 20 criados (eram presos obviamente) e que fornecia criados (presos, obviamente, e sem remuneração) ao palácio do governador do distrito, às casas dos administradores do concelho e a outras personalidades; Soares Carneiro não «teve ocasião» de conhecer o abaixo assinado dos presos em 3 de Dezembro de 1973, ao director do Campo e ao governador do Distrito, Amândio José Rogado, que estava sob a sua alçada em que eram denunciadas «as prisões arbitrárias a indivíduos já internados num campo prisional; espancamentos degradantes e absolutamente desumanos». Os presos não puderam falar com Soares Carneiro.

Mas Soares Carneiro não soube o que os presos lhe podiam dizer: o Augusto que foi abatido a tiros de Mauser pelo guarda Gastão; o Casiano que envenenou; um preso que levou 800 palmatoadas por ter comido uma banana; os presos que chegavam ao Cerco «feridos, muitos deles com as mãos e pés inchados».

Mas Soares Carneiro preferiu almoçar com Baltazar Lima que, quando preso na cadeia da Comarca de Cabinda, escolheu para advogado um irmão do general Galvão de Melo.

Mota Pinto não assistiu à reunião por só ontem ter regressado de uma visita ao Brasil.

Manuel Lucena, que se recusou a prestar declarações, disse, no entanto, não haver «novidades nenhuma». Sousa Tavares mostrou-se visivelmente contrariado por ser «descoberto» por um jornalista.

Neste «fait-divers» político, preparatório de uma campanha,

Soares Carneiro na rota dos diamantes

Corria o ano de 1968. Soares Carneiro é nomeado para o seu primeiro grande cargo político — governador do distrito da Lunda. Viria a subir em 1973 ao segundo posto mais importante da hierarquia do regime colonial-fascista — secretário-geral de Angola.

Mas porquê e como foi Soares Carneiro para a Lunda?

Rebentara um escândalo na Diamang que necessitava a todo o custo de ser abafado. A história em poucas linhas: um jovem delegado e o juiz da comarca de Moxico detectaram escândalos na Diamang. Entre outros, constataram a prática de administração privativa de justiça e manuten-

ção de cadeias igualmente privativas. Perante esta situação foram conduzidos directamente à prisão o director-geral da companhia, eng. João Bexiga, e mais dois funcionários, Custódio Fraga e Rui Mendonça, ex-PJ.

O escândalo rebenta em Luanda. As pressões por parte da Diamang — um Estado dentro do Estado — são grandes. Há ordens para abafar o caso. É assim que o delegado e o juiz são substituídos, melhorando a sua situação funcional. É assim que Soares Carneiro é nomeado governador da Lunda (zona dos diamantes). O processo-crime ficou a marcar

passo na Câmara de Moxico. Mais: o director-geral da companhia e os dois funcionários regressam aos postos anteriores e os abusos da Diamang continuaram como dantes. Soares Carneiro da Lunda sobe a Luanda.

Só depois de 25 de Abril, e ainda antes da independência, são julgados pelas autoridades portuguesas em Angola, e à revelia, os três elementos da Diamang. São condenados.

Hoje, sabemos do paradeiro de um deles pelo menos — Rui Mendonça trabalha na Ronda, empresa que fornece elementos de segurança a outras empresas e que é dirigida pelo general Diogo Neto.

Eanes a propósito de afirmações de Sá Carneiro

«Não acredito que tenha admitido o confronto político»

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, disse ontem «não acreditar» que o Primeiro-Ministro tenha admitido um confronto político entre o Governo e a Presidência da República, caso a Lei do Referendo não seja promulgada.

Sá Carneiro havia afirmado à revista britânica «The Economist» «não haver razões para o Presidente recusar o referendo, mas se o fizer sem fortes razões constitucionais, haverá uma confrontação política entre o Presidente e o Governo».

O general Ramalho Eanes disse ainda que «desde que os órgãos de soberania cumpram constitucionalmente as suas obrigações poderá haver posições diferentes, mas não conflitos

tuais em relação a essa questão como em relação a outras».

«Cumpro as obrigações constitucionais, admito que com mais ou menos acerto, mas sempre com honestidade», acrescentou Eanes.

O Presidente da República fez estas declarações depois de uma visita ao Instituto de Soldadura em Lisboa, ontem de manhã.

O general Ramalho Eanes enalteceu, na altura, os serviços prestados ao País pelo Instituto e ofereceu os seus préstimos no sentido de a indústria militar poder vir a usufruir também daqueles serviços.

Disse, depois, ser «necessário preservar a dimensão do Instituto» na medida em que a meta-

lomecânica está na base do desenvolvimento nacional.

Antes, Salgado Prata, do Conselho de Administração, havia exposto os principais problemas do Instituto, nomeadamente a falta de instalações. O presidente do Laboratório Nacional de Engenharia Técnica e Industrial, Veiga Simão, alvitrou, por sua vez, que o Instituto viesse a ficar localizado nos terrenos do Lumiar que o laboratório adquiriu recentemente para as suas novas instalações.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Kruz Abecassis, antigo director do Instituto, disse que «Lisboa vai encontrar o espaço para o instalar» e que o apoio financeiro para o mesmo poderá ser adquirido

pelo Banco Mundial através do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas.

Eanes afirmou ainda que a sua visita teve como objectivo principal sensibilizar a opinião pública e os responsáveis para os problemas do Instituto.

Veiga Simão não confirma nem desmente

Veiga Simão, no final da visita, não confirmou nem desmentiu a possibilidade de vir a aderir à Frente Republicana e Socialista.

Interrogado a esse propósito disse apenas «ser ainda cedo para falar nisso», mas não rejeitou essa possibilidade.

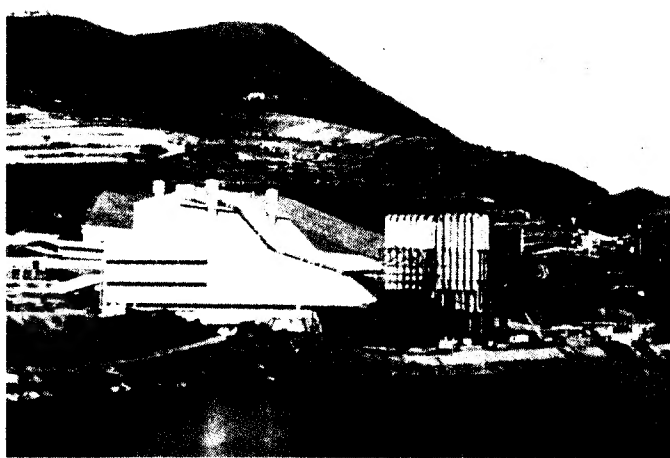
Incentivos ao Investimento

Investir é andar para a frente. É a aposta que os Empresários fazem no futuro—das suas unidades industriais e da economia do País.

Incentivar o investimento é tarefa prioritária no momento que passa. Para que se modernizem empresas, para que se criem outras, para que diminua o desemprego, para que fiquemos mais perto da CEE.

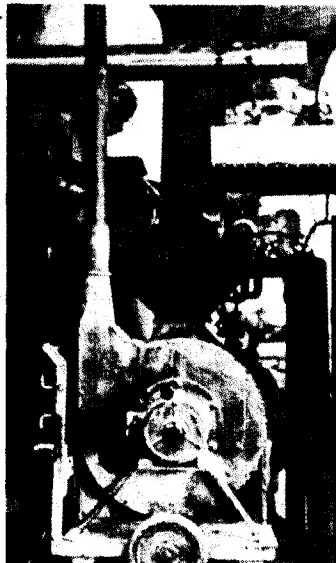
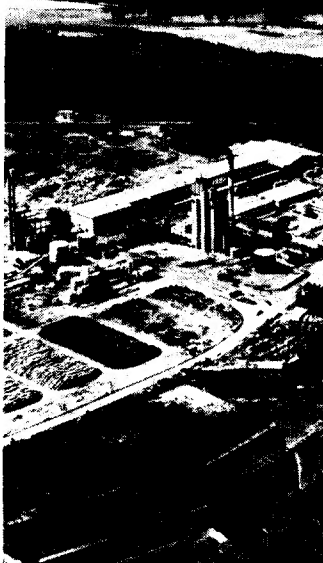
O SIII estabelece a concessão de vários benefícios para o investimento na indústria (transformadora e extractiva) e na pesca.

O Banco Português do Atlântico, através de um sistema expedito, informará os Empresários neles interessados dos montantes dos benefícios que poderão obter e empreenderá todas as diligências necessárias para a sua concessão.



Crédito BPA para o Investimento na Indústria (transformadora e extractiva) e na Pesca

Vamos ajudar a desenvolver ou a criar as Empresas de que o País precisa



O Banco Português do Atlântico põe à disposição dos Empresários interessados em investir na Indústria (transformadora ou extractiva) ou na Pesca, o SIII—Sistema Integrado de Incentivos ao Investimento, cujos principais benefícios são os seguintes:

Incentivos Fiscais

Isenções ou deduções relativamente à contribuição industrial, imposto complementar, sisa, direitos aduaneiros, imposto de capitais e imposto de mais valias

Incentivos Financeiros

Bonificações na forma de dedução à taxa de juro que podem atingir cerca de 16% no primeiro ano ou bonificação na forma de subsídio até ao montante dos juros ligados ao financiamento do projecto de investimento

Dotações de Capital

Em alternativa aos incentivos fiscais e financeiros, desde que sejam preenchidos certos requisitos específicos, consistindo numa subvenção ligada à participação dos capitais sociais no financiamento do projecto e que pode atingir 50% das entradas de capital social.

As Empresas com menos de 20 trabalhadores ao serviço e que pretendam realizar projectos de investimento na indústria (transformadora ou extractiva) ou na pesca de montante anual inferior a 5000 contos podem, também, beneficiar de vários incentivos fiscais e/ou financeiros, dos quais se destacam os seguintes:

■ Isenção de direitos aduaneiros

devidos pela importação de bens de equipamento novo.

■ Redução ao lucro tributável

da contribuição industrial de uma importância correspondente a:

- 80% ou 50% do valor do investimento em bens de equipamento novo, quando estes forem de

origem nacional ou importados;

- 20% do valor do investimento em bens de equipamento novo (a-cresce às anteriores deduções), quando a unidade produtiva estiver localizada em determinadas regiões.

■ Bonificação de juros

a deduzir aos juros a pagar nos três primeiros anos relativos ao crédito bancário (parcela do capital fixo corpóreo, excepto terrenos).

Em qualquer Balcão BPA todos os interessados nos benefícios dos Incentivos ao Investimento têm ao seu dispor:

'**Informação às Empresas**' — publicação onde é dada uma visão geral do SIII, quer para os empresários, quer para os quadros-técnicos;

'**Dossier de Consulta**' a preencher pelo Investidor e através do qual o BPA fará uma previsão dos incentivos que o seu projecto pode obter;

'**Dossier de Propositura**' dos financiamentos para investimento.

BPA

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Com vista à adesão à CEE

Portugal e Espanha concertam políticas agrícolas

Portugal e a Espanha decidiram concertar as suas políticas agrícolas, com vista à adesão à CEE — revelou ontem em Lisboa o ministro espanhol da Agricultura, Jaime Espinoza.

Em declarações à partida para o seu país após a visita que efectuou a Portugal, Espinoza anunciou que acordou com o seu homólogo português, Cardoso e Cunha, uma «permanente informação recíproca» sobre questões agrícolas, nomeadamente sobre as que se prendem com a política agrícola comunitária.

Espinoza opinou que a agricultura dos dois países «não é particularmente competitiva» e que ambos têm vantagem em cooperar e não competir, no que se refere à comercialização dos produtos do sector.

Citando produtos como a cortiça, os vinhos e o azeite, em que Portugal e a Espanha são exportadores competitivos, o ministro afirmou que estão já traçadas algumas linhas de cooperação, como reuniões entre exportadores.

Espinoza revelou também ter manifestado a Cardoso e Cunha a disposição do seu país em prestar assistência técnica caso Portugal decida avançar com um projecto de cultivo de beterraba.

Na sua reunião de ontem

Conselho de Ministros decidiu reduzir ritmo da desvalorização do escudo

O Conselho de Ministros, ontem reunido sob a presidência de Sá Carneiro, sancionou a orientação do ministro das Finanças e do Plano de reduzir o ritmo de desvalorização mensal do escudo, «tendo em conta a forte diminuição da inflação conseguida nos cinco primeiros meses deste ano».

Outra das decisões do plenário ministerial foi a de autorizar a abertura de concursos públicos para a selecção de entidades avaliadoras da situação patrimonial das empresas nacionalizadas, tendo aprovado o respectivo «caderno de encargos». Esta medida «tem em vista possibilitar o início do pagamento das indemnizações pela nacionalização das empresas».

Sob proposta do ministro das Finanças e do Plano o Conselho de Ministros deliberou também designar os novos membros do Conselho de Gestão do Gabinete da

Área de Sines.

Outras medidas tomadas na reunião de ontem: aprovação de um decreto-lei sujeitando a autorização do Conselho de Ministros o arrendamento de imóveis por institutos públicos e empresas públicas estaduais quando o valor da renda exceda 1440 contos; criação, no Ministério da Justiça, do Gabinete de Direito Europeu, «destinado a efectuar os estudos necessários à adopção de medidas legislativas impostas pela adesão de Portugal ao Mercado Comum»; prorrogação por 60 dias do prazo legalmente fixado para a integração dos funcionários e agentes dos organismos portugueses; aprovação do acordo luso-alemão sobre cooperação técnica; criação da reserva natural da Berlenga; aprovação de dois diplomas definindo as condições do empréstimo interno FIP-80, de 15 milhões de contos e de

um empréstimo interno de 98 milhões de contos, a colocar junto das instituições financeiras.

No plano da educação o CM aprovou: um diploma que «alarga as possibilidades de colocação de professores no abrigo da preferência conjugal e revê a situação dos ex-regentes escolares»; um decreto-lei que atribui competência aos reitores das universidades para autorizar a prorrogar, renovar e rescindir contratos de assistentes e leitores; um diploma que cria 18 delegações na Direcção Geral de Pessoal do Ministério da Educação e Ciência.

No domínio laboral foi deliberado «aprovar, para ratificação, três convenções da OIT, referentes, respectivamente, à política de emprego, orientação profissional e de formação profissional na valorização dos recursos humanos e administração do trabalho».

No primeiro trimestre

Défi ce da balança comercial superior às previsões do Governo

O ministro das Finanças, Cavaco e Silva, anunciou, ontem, que o défi ce da balança de transacções correntes nos primeiros três meses deste ano se situou entre os trezentos e os quatrocentos milhões de dólares. Tal valor está um pouco acima das previsões — reconheceu Cavaco e Silva —, mas tanto se deve a que em Janeiro último aumentaram muito as importações, pois os agentes económicos tiveram de refazer os seus «stocks».

Cavaco e Silva falava aos jornalistas à saída duma reunião do Conselho de Ministros para Assuntos Económicos e disse-lhes ainda que o ritmo de desvalorização do escudo passou de 0,75 para 0,5 por cento ao mês. Motivo: «uma baixa no ritmo de crescimento da inflação». Em Maio último, os preços no consumidor atingiram uma taxa negativa de 0,2 por cento.

O titular das Finanças referiu, entretanto, que as remessas dos emigrantes estão a crescer muito mais do que o previsto e o mesmo se passa com as exportações. Sobre estas, o crescimento actual será de 18 por cento ao ano.

Ainda acerca da desvalorização do escudo e da inflação que a motiva, Cavaco e Silva afirmou que a taxa não está controlada «em definitivo». A diminuição do ritmo da desvalorização do escudo visa consolidar a inflação aos níveis da maioria das países da Europa Ocidental.

No período de Janeiro a Abril de 1980 a taxa de inflação em Portugal foi de 4,7 por cento, inferior à verificada nos Estados Unidos (5,4), França (5,5), Inglaterra (9), Itália (7), Grécia (9,5), Espanha (5,3) e ao total da OCDE e da CEE, que foi de 5,2 por cento em cada caso.

Cavaco e Silva afirmou que as actuais previsões apontam para uma taxa de inflação no ano de 1980 de cerca de 15 por cento, portanto abaixo dos 20 por cento inicialmente previstos.

Disse que esta melhoria nos níveis de inflação permitiu a medida agora tomada de redução do ritmo de desvalorização do escudo, sem que os exportadores portugueses fossem afectados nos seus níveis de competitividade.

Segundo Cavaco e Silva, esta medida reduzirá em cerca de 3 por cento o diferencial entre as taxas de juro internas e internacionais em escudos, tornando mais atractivo o recurso ao crédito externo por parte das empresas portuguesas, facilitando assim o financiamento do défi ce da balança de transacções correntes.

O ministro informou que em 30 de Abril deste ano o valor das reservas cambiais ilíquidas do País era de 7,3 mil milhões de dólares e que parte das reservas de ouro afectas à garantia de empréstimos externos representava 4,09 por cento do total, contra 9,31 em Dezembro.

PCP condena governador civil de Faro

O PCP anunciou ontem em Faro «rejeitar e condenar firmemente a forma como o cargo de governador civil vem sendo ultimamente exercido».

Os comunistas consideram, em comunicado, que José Vitorino faz uma «utilização indevida de um cargo público para fins

claramente partidários» numa actuação que, inclusivamente, põe em risco o «prestígio das instituições democráticas».

As críticas do PCP incidem particularmente no discurso proferido em Armação de Pera, no passado dia 8, no qual o governador civil de Faro negou a legiti-

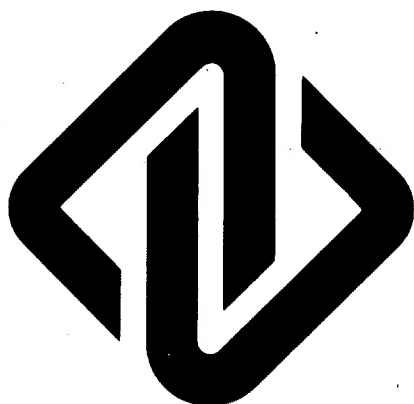
midade do Presidente da República.

Por outro lado, os comunistas criticam a «falta de cumprimento» de promessas feitas anteriormente, salientando o caso da Universidade do Algarve, cuja instalação — afirmam — o «Governo AD só tem dificultado».

ARGUS
DOURO
MUTUAL
OURIQUE
TAGUS

companhias de seguros

COM A NOSSA EXPERIÊNCIA CRIAMOS
UM SÍMBOLO NOVO



ALIANÇA SEGURADORA



SINDICATO DOS TRABALHADORES
AGRÍCOLAS DO DISTRITO DE BEJA

CIRCULAR CONVOCATÓRIA ELEITORAL

Em cumprimento dos Artigos 12.º e 39.º dos Estatutos do Sindicato convoca-se uma Assembleia Geral Eleitoral a realizar-se em 9 de Agosto de 1980 das 13 às 21 horas e que decorrerá no mesmo dia em tantas sessões eleitorais quantas as freguesias existentes no distrito em que o Sindicato tem Associados com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto Único:

Eleição do Conselho de Administração para o Bienio de 1980/1982

Beja, 31 de Maio de 1980

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Spurça Cavaco Mendes

COMPANHIEIRO E COMPANHIEIRA

Participe activamente na vida do seu Sindicato votando.

Não esqueça o cartão de identificação no dia da votação.

Parte esta tarde

Sá Carneiro em Haia e Bruxelas para discutir adesão à CEE

O Primeiro-Ministro Sá Carneiro parte esta tarde para uma visita oficial à Holanda, num périplo que o levará também à Bélgica, a partir do dia 19. O Governo, a partir do dia 19, interrompe a viagem às capitais dos países membros da CEE, interrompida em Londres por acidente automóvel.

A partida de Lisboa estava marcada para as 14.55 e a chegada a Amsterdão às 20, depois de uma escala técnica em Bruxelas.

O programa oficial da visita à Holanda é curtíssimo: consta de um almoço, que o Primeiro-Ministro holandês oferece a Sá Carneiro, em Haia, seguido de encontro das duas delegações. Sá Carneiro já irá dormir, amanhã à noite, a Bruxelas.

Na capital belga, o

Primeiro-Ministro português é recebido pelo rei Balduino quinta-feira, às 10 horas, posto o que deverá efectuar uma reunião com o Governo. Concluída que esteja a reunião com o Governo belga, Sá Carneiro desloca-se à sede da Comunidade Económica Europeia, em Bruxelas. As 13.15 estão previstos encontros simultâneos de Sá Carneiro com Roy Jenkins e de Freitas do Amaral com Lorenzo Natali.

O fim de tarde em Bruxelas será preenchido com o encontro das duas delegações e uma Conferência de Imprensa.

Na própria quinta-feira, dia 19, o Primeiro-Ministro regressa a Lisboa, enquanto Freitas do Amaral viaja para a

Austria, para uma visita oficial de três dias a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros austriaco, Willibald Pahr. Durante esta sua estadia na Austria, o vice-Primeiro-Ministro proferirá uma conferência no Congresso de Diálogo Europeu Ocidental/Japão, organizado pelo Forum de Alpbach.

Enquanto estas idas e vindas das «cabeças» do Governo AD se sucedem, já se anuncia nova saída para o Primeiro-Ministro: ele estará em Paris no dia 1 de Julho para conversações com as autoridades francesas sobre o ingresso de Portugal na CEE.

A visita a Paris faz-se a convite do Primeiro-Ministro Raymond Barre e Sá Carneiro será também recebido pelo

presidente francês Valéry Giscard d'Estaing.

Em princípio, esta curta deslocação a Paris estava prevista para o dia 20 de Maio e não se revestia de interesse particular, pois seria apenas mais uma na ronda de Sá Carneiro a todas as capitais da CEE. Mas desde então, o presidente francês deitou achas na questão da adesão de Portugal e Espanha ao Mercado Comum sendo de prever um encontro «quente» entre os estadistas dos dois países.

A França manifesta, como se sabe, reservas à adesão de Portugal e Espanha, sem que previamente tenham sido ultrapassadas as contradições sobre política agrícola no seio da comunidade.

Em 1979

Três milhões de contos da CEE para três projectos portugueses

Atingiu três milhões de contos o crédito concedido ao nosso país pelo Banco Europeu de Investimento durante o ano económico de 1979, sendo as verbas principais destinadas a financiar projectos de ampliação da rede eléctrica, pequenas e médias empresas e o reforço da segurança do aeroporto do Funchal.

Portugal recebeu no ano passado 46 milhões de unidades de conta europeias, que equivalem a três milhões e 18 mil contos e colocam o nosso País no terceiro lugar dos beneficiários de créditos do BEI. O primeiro foi a Grécia (já em fase de adesão à CEE) e o segundo o Egipto, com 65 milhões de U.C.E.

São três os projectos financiados pelo Banco Europeu de Desenvolvimento: construção de linhas de alta tensão para a central termoelectrica de Setúbal (a cargo da EDP) e que consumiu 1,3 milhões de contos; reforço da segurança da pista do aeroporto do Funchal — 734 mil contos; e um projecto de financiamento de

pequenas e médias iniciativas industriais, a cargo do Banco de Fomento, para melhoria da produtividade e reorganização de empresas.

Estes dados foram extraídos do relatório anual do Banco Europeu de Desenvolvimento, relatório esse que revela terem sido utilizados dois terços dos recursos do Banco, em acções para atenuar o desequilíbrio entre os diversos países e regiões da CEE.

Nesta perspectiva, foram especialmente beneficiadas as regiões mais atrasadas da Itália, Irlanda, e Grã-Bretanha. Com a adesão de Portugal ao Mercado Comum, as regiões mais atrasadas do espaço comunitário situar-se-ão exactamente em Portugal sendo de prever importantes ajudas do BEI ao nosso desenvolvimento regional.

As verbas destinadas pelo BEI ao desenvolvimento das regiões mais atrasadas da Comunidade Europeia são três vezes superiores às que a CEE destina ao auxílio de países não membros.

Situação da mulher

Lurdes Pintasilgo numa mesa-redonda na ONU

Maria de Lurdes Pintasilgo, ex-Primeira-Ministra de Portugal e embaixadora do nosso país na Unesco participou este fim-de-semana na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, juntamente com o Prémio Nobel, sr. Arthur Lewis, e outras personalidades de relevo internacional, numa mesa-redonda sobre as al-

terações económicas e a situação da mulher.

Documentos reunidos pela Secretariado da Conferência Mundial para a década da ONU sobre as mulheres denunciam que a contribuição económica da mulher tem sido amplamente subestimada e incompreendida.

Tradicionalmente, tem-se atribuído às mulheres o trabalho não pago e considerado não produtivo, como as actividades domésticas, a criação dos filhos e a produção alimentar.

Tal responsabilidade, ao limitar o tempo e a energia que as mulheres podem dedicar aos

trabalhos fora de casa criou uma carga dupla para as que tem emprego remunerado.

A mesa-redonda da ONU tem por objectivo formular estratégias de desenvolvimento para os anos 80 baseada na informação que o secretariado obteve sobre a situação da mulher.

Conselho Municipal de Évora

condena supressão de 138 mil contos

O Conselho Municipal de Évora condena a supressão de 138 mil contos da verba que a Lei das Finanças Locais atribui à Câmara Municipal do Alto Alentejo — afirma-se numa moção ontem divulgada naquela cidade.

A moção do Conselho Municipal, aprovada por unanimidade na sua última reunião, «condena

energicamente tal medida pelo prejuízo que necessariamente se irá reflectir no desenvolvimento do concelho».

O documento diz ainda que tal sucede «sem que tenha sido demonstrada a incapacidade da Câmara Municipal de Évora administrar as verbas que a lei lhe conferia».



Caminhos de Ferro Portugueses

Desde 15 de Maio, estão em curso trabalhos de renovação da via na linha de Sintra entre Queluz e Barcarena.

Destinam-se os mesmos a permitir:

- Maior número de circulações por hora
- Maior regularidade das circulações
- Maior segurança

A CP pede desculpa aos seus utentes pelos incómodos causados, mas lembra que os mesmos são inevitáveis para se poder atingir a muito curto prazo um maior conforto e uma maior capacidade da linha de Sintra.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º de Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Ponte de Sor, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP — (TZAT), a que se refere o processo n.º 1/2000, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Ponte de Sor de uma linha aérea a 30 kV com 856 metros, do poste n.º 8 da linha de Galveias-Ponte de Sor, ao posto de transformação n.º 665 de Pinhal-Ponte de Sor.

Linha aérea a 30 kV com 94 metros, do poste n.º 4 da linha anterior ao posto de transformação n.º 664 de Pinhal-Ponte de Sor.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 8 de Maio de 1980

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot
Larcher Nunes

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 3.º JUÍZO ANÚNCIO

O DOUTOR ISIDRO DE MATOS CANAS, Juiz de Direito de 3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA:

FAZ SABER que por este Juízo e 3.ª secção, correm editos de 30 dias, citando a R. Sociedade Farmacêutica Leseque, Lda., com sede em Lisboa na Av. Duque de Avila, n.º 193-1.º, para comparecer neste Juízo no dia 8 do próximo mês de Julho, pelas 14.30 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação designada nos autos de Acção Especial de Despejo, n.º 6348, que a A. Portugal Previdente — Companhia de Seguros, Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, move contra aquela R.

No caso de não comparecer qualquer das partes ou de se não obter acordo, deverá a R. contestar aquela acção no prazo de 5 dias, a contar daquela data, contestar o pedido que consiste em despejar o andar da sua sede acima referido, entregando-o livre e desocupado, e pagar a A. as rendas vencidas e vencidas até efectivo despejo do mesmo andar, a razão de 18 000\$00, sendo as em dívida, ao momento da propositura da acção, da importância de Esc. 72 000\$00.

A falta de comparecimento, quer da A. quer da R., não é motivo de adiamento e, nesse caso, a faltosa, será condenada em multa.

Lisboa, 30 de Maio de 1980

O JUÍZ DE DIREITO

as) Isidro de Matos Canas

O Escrivão Adjunto
as) A. Mendes de Almeida



Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte

Sindicato dos Profissionais de Enfermagem Zona Centro

Sindicato dos Enfermeiros

da Zona Sul

Sindicato dos Profissionais

de Enfermagem do Funchal

COMUNICADO

— Os 4 SINDICATOS DE ENFERMAGEM, reunidos no dia 14/6/80, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Carreiras;
 - 2 — Estatutos do Enfermeiro;
 - 3 — Descentralização do Ensino de Enfermagem pós-base;
 - 4 — Segundo Congresso Nacional de Enfermagem;
 - 5 — Aplicação do Decreto-Lei n.º 62/79, de 30 de Março;
 - 6 — Aplicação do despacho dos ministros da Administração Interna e das Finanças, de 16/4/75;
 - 7 — Intercâmbio Cultural;
 - 8 — Lei Orgânica Hospitalar;
 - 9 — Curso de Equiparação para Enfermeiros Psiquiátricos;
 - 10 — Admissão, Promoção e Remunerações de Enfermeiros;
 - 11 — Admissão nos Cursos Pós-Base de Enfermagem;
- Analisados todos os pontos da Ordem de Trabalhos deliberaram os Sindicatos comunicar ao Governo que:
- 1 — Toda a matéria exposta terá de ser solucionada até 15/7/80;
 - 2 — Estão as direcções disponíveis para solucionar os contactos que o Governo entender necessários para desenvolver os assuntos analisados.
- Se até à data determinada pelos sindicatos (15/7/80), não for solucionado todo o contencioso existente, serão determinadas formas de luta.

Funchal, 15 de Junho de 1980

Por as Direcções dos 4 Sindicatos de Enfermagem



CERCIMB — Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Moita e Barreiro S.C.A.R.L. ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Convoco os prezados consócios a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, pelas 20.30 horas do dia 20 de JUNHO de 1980, na sede social e centro escolar do Barreiro da CERCIMB — COOPERATIVA PARA A EDUCAÇÃO E REABILITAÇÃO DE CRIANÇAS INADAPTADAS DA NOITA E BARREIRO, SCARL, sito no Bairro de Santa Bárbara (ex-escolas da CUF), com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1 — Discutir, aprovar ou modificar o relatório, balanço e contas apresentados pela Direcção e o relatório do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1979.

Ponto 2 — Apreciar o Acordo DEE-MEC/CERCIs e decidir da posição da CERCIMB relativamente ao mesmo.

Se na hora marcada não se verificar o número de presenças necessárias para fazer funcionar a Assembleia, dar-se-á início à mesma uma hora depois com qualquer número de presenças.

Barreiro e Sede Social da CERCIMB em 1 de Junho de 1980.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,

António Melo Martins

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leca, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça Marques de Pombal, Rua de Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

de ontem para hoje

Londres: 10 de Junho à maneira "antiga"

Um grupo de associações de emigrantes portugueses lamentou ontem que as autoridades portuguesas em Londres tivessem comemorado o 10 de Junho de «uma maneira remanescente das comemorações pré-25 de Abril». No 10 de Junho a Embaixada portuguesa na capital britânica deu uma recepção onde estiveram presentes várias dezenas de pessoas, na maioria empresários, jornalistas e pessoas ligadas à Associação Luso-Britânica. Um comunicado subscrito pela Associação Recreativa Portuguesa, Centro Católico Português, Centro 25 de Abril, Clube Emigrante Português e Jornal «Luta Comum», refere que o facto da Embaixada não as ter convidado para as comemorações levou-as a juntarem-se nas celebrações «o que poderá ter constituído o embrião de um movimento interassociativo permanente, até aqui inexistente. O comunicado termina afirmando que «há males que vêm por bem», e que, neste caso, «será o emigrante português o que mais irá beneficiar se o projecto for avançado».

No Brasil tempestade atrasa «Sagres»

O navio-escola «Sagres» chegou ao princípio da tarde de ontem ao porto brasileiro de Santos, vindo do Rio de Janeiro, depois de se ter atrasado mais de 24 horas devido a uma violenta tempestade. Em determinada altura do percurso a caravela de três mastros, com 195 homens a bordo, perdeu o contacto radiofónico, após ventos fortes a terem arrastado para o largo da costa.

Em Letras: «Humanidade para onde vai?»

A Comunidade Bahai Portuguesa vai promover, na próxima sexta-feira, 20, na Faculdade de Letras de Lisboa, uma reunião subordinada ao tema «Humanidade para onde vai?».

Paralelamente, segundo foi ontem anunciado serão apresentados números de música clássica e de «jazz». Os Bahais, segundo refere a ANOP, são uma comunidade «que aceita todas as religiões como uma só e procuram a unidade da Humanidade».

No rio Dão: pai e filho morrem afogados

O emigrante Francisco Manuel do Céu Ferreira, de 35 anos, e um seu filho, de oito anos, morreram afogados no rio Dão, nas proximidades de Carregal do Sal. Francisco Manuel, que passava o domingo acompanhado da mulher e dos três filhos, decidiu tentar atravessar o rio levando um deles «às cavalitas». Só que perdeu o pé arrastando consigo a infeliz criança. Até ao fim desta manhã apenas tinha sido encontrado o corpo de Francisco Manuel.

Obras em curso: trânsito interdito na Senhora da Saúde

Por motivo de obras ao km 6,650 da EN 328, nas proximidades da Senhora da Saúde, entre Vale de Cambra e Sever do Vouga, foi ontem cortado o trânsito naquele local a todos os veículos e peões pelo prazo de trinta dias. Assim ficaram cortadas as ligações rodoviárias entre Pesequeiro do Vouga (EN 16) e Vale de Cambra (EN 224) através da EN 328. A Junta Autónoma das Estradas sugere como itinerário alternativo: de Pesequeiro do Vouga a Albergaria-a-Velha (EN 16) — Oliveira de Azeméis (EN 1) Vale de Cambra (EN 224) e vice-versa. Antecipada-

mente foi colocada a necessária sinalização na EN 328, quer do lado de Vale de Cambra, quer de Sever do Vouga.

Em Viana do Castelo: eleito o Conselho Distrital

A Assembleia Distrital de Viana do Castelo elegeu ontem o Conselho do distrito, em reunião presidida pelo governador civil, Manuel Coutinho. Este órgão consultivo ficou constituído pelos presidentes das Câmaras Municipais de Ponte da Barca, Monção, Valença do Minho e Viana do Castelo, afectos à AD, e pelo de Caminha, pertencente ao Partido Socialista. A Assembleia Distrital elegeu também o presidente da Câmara de Ponte de Lima para representar este órgão no Conselho Regional da Comissão de Turismo da Costa Verde.

Acidentes nas estradas: seis mortos e 63 feridos

Seis mortos e 63 feridos foi o balanço dos 59 acidentes de trânsito registados pela GNR entre as 12 horas de domingo e o meio-dia de ontem. Dos feridos, 36 encontram-se em estado grave.

Homenagem a Gilberto Freire: Abecasis convida Eanes

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Abecasis, convidou ontem o Presidente da República, general Ramalho Eanes, a assistir à homenagem que o Município da capital presta esta tarde ao sociólogo brasileiro Gilberto Freire, que se encontra em Portugal para participar em Évora no colóquio sobre mestiçagem.

Na FIL: desperdícios em congresso com 24 participantes

O Congresso Nacional sobre Aproveitamento de Desperdícios Agro-Industriais e Piscatórios iniciou-se ontem na FIL em Lisboa com a presença de 24 participantes. No decorrer do Encontro, que termina na próxima sexta-feira, serão abordados, entre outros temas, a poluição provocada pelos afluentes das destilarias de produtos vários, considerações sobre factores económicos, gestão dos desperdícios da actividade florestal e os desperdícios agrícolas e industriais dos cereais, com as possíveis formas de aproveitamento.

O Governo de Macau está a tentar resolver o problema dos refugiados

— diz o ministro João Porto

Segundo o ministro português da Habitação e Obras Públicas, o Governo de Macau está a tentar resolver, por todos os meios ao seu alcance, o problema dos refugiados vietnamitas.

João Porto regressou ontem a Lisboa vindo de Macau, onde representou o Governo português nas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades.

Aquele membro do Governo de Lisboa pôs em evidência que a situação dos refugiados coloca sérios problemas aos dirigentes de Macau, especialmente devido à reduzida superfície do território.

Mais de uma centena de refugiados vietnamitas instalou-se recentemente nas montanhas vizinhas de Macau, depois de

violentos incidentes com outros refugiados de origem chinesa.

Em Macau encontram-se presentemente mais de cinco mil refugiados vietnamitas.

João Porto disse não desejar fazer comentários à situação, cuja solução cabe às autoridades de Macau. O ministro português visitou um campo de refugiados e trabalhos em curso no campo das Obras Públicas, Cultura e Obras Sociais.

Autocarros

Macau vai ter a curto prazo mais autocarros.

A Companhia de Transportes Rodoviários Colectivos vai adquirir a uma empresa de Hong Kong dez novos autocarros e oito miniautocarros, a fim de

fazer frente às crescentes necessidades do território.

Cada autocarro custará cerca de dois mil contos. Recentemente, o Leal Senado anunciou que só autorizaria o aumento nos preços das tarifas dos autocarros caso a concessionária se comprometesse a adquirir de imediato novas viaturas para renovar a sua actual frota: actualmente, cerca de cinquenta e cinco mil pessoas utilizam diariamente os autocarros como meio de transporte em Macau.

Melhorias salariais

Menos de um mês depois das reivindicações feitas pelo pessoal dos sectores de manutenção da rede telefónica e da distribuição postal dos Correios e Telecomunicações de Macau, acaba de ser publicado um decreto-lei, com efeitos retroacti-

vos, no qual se concedem as melhorias salariais e de trabalho exigidas.

As melhorias salariais e de segurança de trabalho, agora garantidas a mais de sessenta elementos, são igualmente justificadas por existir um contingente de pessoal que, há vários anos em situação precária e auferindo salários correspondentes às categorias mais baixas do funcionalismo, vem com sacrifício assegurando a continuidade do serviço, pelo desempenho de tarefas normalmente reservadas a cargos de maior responsabilidade, diz o mesmo diploma.

Recorde-se que, quando da greve de 15 de Maio passado, que se prolongou por dois dias, o Governo de Macau havia garantido aos funcionários dos CTM que num prazo de três semanas iria rever a situação através de nova legislação.

MAP

Normas preventivas contra a febre aftosa

Em face de um surto de febre aftosa, que «surgiu com maior ou menor incidência de norte a sul do País» e dadas as consequências repercussões na economia nacional, o Ministério da Agricultura e Pescas (MAP) emitiu um comunicado apelando «para que se respeitem todas as regras que visam evitar a propagação dessa doença».

O comunicado sublinha que os agricultores-criadores devem vacinar o gado, «mesmo que ele se encontre longe dos focos da febre, pois esta doença espalha-se, difunde-se com muita facilidade». E acrescenta que se torna necessário isolar os animais, não os levando a feiras ou exposições, e no caso de comprarem gado, os agricultores

devem certificar-se de que na exploração de onde provém não existe o mal em causa, não devendo, no entanto, adquirir animais em zonas infectadas.

Outra norma indicada pelo MAP é a de proibir a entrada de estranhos na sua exploração pecuária, por poderem transportar o vírus, referindo igualmente que o tratador deve lavar as mãos e desinfetar o calçado, tanto à entrada como à saída da exploração e sempre antes e depois de estar próximo dos animais.

Aconselha o documento a não utilização de alimentos de origem desconhecida, tendo o maior cuidado com a água de beber e devendo desinfetar todos os veículos utilizados pelos animais.

Dia de Madrid em Lisboa Alcalde de Madrid chega amanhã a Lisboa

O alcalde de Madrid, Enrique Tierno Galvan, chega amanhã a Lisboa para assistir às celebrações do Dia de Madrid, resultante do acordo de geminação entre as duas cidades, que já permitiu num passado recente a realização do Dia de Lisboa, em Madrid.

Tierno Galvan será obsequiado com um jantar a realizar pelas 20.30 na sala ogival do Castelo de S. Jorge. Entretanto, o programa das celebrações do Dia de Madrid (quinta-feira, 19)

inclui: uma cerimónia oficial, prevista para as 10.30, na Câmara Municipal de Lisboa, com discurso e troca de lembranças; a inauguração, cerca das 12 horas, da exposição «Madrid, Testemunho da sua História, 1561/1875», no Palácio Galveias (Museu da Cidade); pelas 16 horas, no Teatro S. Luiz, um espectáculo de zarzuela, com a Companhia Nacional de Ópera de Madrid; a terminar, às 21.45, no Campo Pequeno, tourada goyesca.

As sequelas do sismo

Reconstrução avança nas ilhas mártires dos Açores

Segundo um relatório elaborado pelo Gabinete de Apoio e Reconstrução do Governo Regional dos Açores, encontram-se já reparadas ou em vias de reparação 4162 das habitações destruídas pelo sismo que se iniciou no início do ano e destruiu no arquipélago dos Açores.

No relatório, respeitante às actividades desenvolvidas durante o mês de Maio, refere-se que, em relação à cedência de materiais, o esquema montado continua a funcionar e permitiu que se ultrapassassem os 265 mil sacos de cimento distribuídos em toda a área sinistrada o que corresponde, para o movimento do mês, ao lançamento no circuito de mais 51 mil sacos.

No que concerne a distribuição de roupas e géneros alimentícios promovida pelo Serviço de

Ação Social, regista-se a entrega aos sinistrados da Terceira, no decurso do mês, de 845 volumes de roupa e 100 cobertores enquanto para a Graciosa foram encaminhados mil volumes com roupa e 19400 quilos de farinha.

Entretanto, o mesmo relatório num breve balanço sobre o estado de espírito das populações, indica que o mesmo corresponde plenamente ao que delas seria de esperar. «Trabalha-se como nunca se trabalhou, nos campos e na cidade aproveitando-se cada hora e cada dia para levar por diante as actividades normais e ainda encontrar alento para refazer o futuro, reconstruindo ou reparando as habitações e outros edifícios que não resistiram ao abalo sísmico.

Diagnóstico pré-natal

«O papel do diagnóstico pré-natal na prevenção de doenças genéticas» é o tema de uma conferência promovida pela Direcção da Delegação Regional de Lisboa da Associação para o Planeamento da Família,

amanhã às 21 e 30 na sede da APF, Rua da Artilharia, 1, 38, 2.º Dt.

Falará sobre o tema referido a dr.ª Maria Guida Boavida, do Instituto Ricardo Jorge.



Assalto na Reboleira:

Finanças sem mil contos

Dois jovens de cara descoberta e armados de G-3 e pistola assaltaram, cerca das 15 horas de ontem, a tesouraria da Direcção de Finanças, na Reboleira (Amadora) levando, em menos de três minutos, cerca de mil contos em dinheiro (valor todavia ainda não confirmado, segundo afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz daquela repartição). Os dois jovens afastaram-se do local num carro que os aguardava no exterior do edifício, localizado junto do pavilhão da Académica da Amadora.

A GNR e o plástico

Duas crianças (Joaquim José da Cruz Rosado, de 13 anos e Joaquim António Rodrigues Mamede, de 14) foram detidas por soldados da GNR quando brincavam nas margens do Rio Xarrama. Os dois Joaquins procuravam ninhos nas árvores e estavam «armados» com duas pistolas de plástico que, neste momento, «jazem» no quartel daquela força militarizada em Évora. As crianças foram libertadas, mas as «armas» só serão devolvidas mediante a apresentação no quartel dos seus progenitores. É obra!...

Cafeteira de vingança

Há tempos o pedreiro José Ferreira Martins, de 54 anos, foi morto à paulada, no lugar da Ilha, em Vila Nova de Gaia, na sequência de acesa rixa. Os agressores (Rosa da Silva Santos e o seu filho Manuel Joaquim dos Santos) foram detidos mas o tribunal daquela comarca acabou por mandá-los em liberdade condicional, mediante uma caução de quarenta contos. Só que a filha da vítima (Maria Amora, de 19 anos) não se conformou e ontem ao encontrar Rosa da Silva na rua despejou-lhe para cima uma cafeteira de água a ferver, provocando-lhe graves queimaduras no rosto. A população local tomou o partido da rapariga, dificultando durante bastante tempo a chegada da ambulância e o transporte de Rosa para o hospital.

Aos costumes disse NADA

Um triciclo na madrugada...

Num primeiro tempo o menos que se pode sentir é espanto quando, ao virar da esquina, deparamos, às cinco horas da manhã, numa rua de uma cidade ainda deserta, com um cidadão que conduz atabalhoadamente pela mão um triciclo de deficiente que, notoriamente não lhe pertence...

Essa a primeira reacção. Depois, vendo o ar do sujeito (cara de quem não sabe onde se meter) e vendo, sobretudo, que se trata de um africano, certos reflexos condicionados, um dos quais o racismo que espreita à porta de cada um, entram em jogo e pensa-se de imediato: o gajo é ladrão.

Tudo isto passou pela cabeça do guarda nocturno que encontrou pela frente, um destes dias, o Luciano (20 anos, natural de Cabo Verde, servente de pedreiro), con-

duzindo às cinco da manhã, em pleno Bairro Alto, um triciclo de deficiente pela mão. Passada a surpresa, o instinto policial do guarda nocturno veio à tona — toca de alertar a PSP.

Luciano, apanhado pouco depois, começa por negar («isto pertence a um dos meus familiares»), mas acaba por confessar — o triciclo foi gamado na Rua Serpa Pinto. «Mas por que razão, santo Deus?» — interrogam-se os guardas que, com razão, pensam que um triciclo de deficiente não é propriamente um objecto que atraia a gaturagem. Luciano não tem resposta, não sabe o que aconteceu, ou melhor, sabe que roubou o triciclo mas desconhece porque o fez. Pouco a pouco, os guardas começam a vislumbrar as razões do acto — Luciano cheira a álcool que tresanda. Com efeito, os guardas não se enganaram

no diagnóstico — Luciano confessa ter passado parte da noite a beber umas canecas de cerveja. A maneira como fala — a língua prende-se-lhe constantemente, a maneira como reage às perguntas, não diz coisa com coisa, provam que não mente e indicam que a bebedeira ainda não se dissipou completamente.

No Tribunal Luciano, vestido com uma camisola encarnada em cujas costas se pode ler «I Love You», continua a não encontrar explicação cabal para o roubo do triciclo.

Chamado à barra, o proprietário do veículo, reconhece que o triciclo não sofreu qualquer dano, referindo, porém, o facto de no dia do roubo não ter podido trabalhar. «Sou vendedor de jornais. Sem o triciclo não sou nada. Hoje de manhã não trabalhei (venda dos matutinos) porque não

tinha meio de locomoção. Esta tarde nada fiz (venda dos vespertinos) porque estou aqui perante Vossa Excelência...» — diz ao juiz.

Este, embora considerando a façanha do Luciano susceptível de fortes críticas, o juiz não esquece que também foi jovem. Depois de um sermão («já o disse aqui várias vezes: quem não sabe beber, bebe água...»), a sentença: três meses de prisão, 22 dias de multa à razão diária de 60\$000... No entanto: atendendo ao cadastro virgem do réu, ao facto de se encontrar sob os efeitos do álcool quando da prática do delito e se mostrar arrependido, a sentença foi suspensa. Luciano apenas terá de desembolsar 500\$000 como forma de indemnização ao proprietário do triciclo.

Manuel Anta

“Tollan”: nova tentativa Seis pilares de betão armado utilizados na recuperação

A operação de recuperação do «Tollan» deverá recomençar nos próximos dias, apurou a reportagem do «DL» junto da Capitania do Porto de Lisboa. O proprietário da empresa italiana especializada em salvagem de barcos afirmou entretanto à ANOP ter encontrado grandes dificuldades em Portugal para reunir o material necessário à tentativa que se segue. O material deverá chegar ainda esta semana a Lisboa, proveniente de um país estrangeiro.

Alberto Felício, o proprietário da empresa italiana em questão, que se encontra de novo, entre nós depois de uma primeira viagem de sondagem (a fim de avaliar as possibilidades de que dispunha para tentar a recuperação do «Tollan», afundado no Tejo, desde 14 de Fevereiro último) fez-se agora acompanhar de alguns técnicos italianos. O armador tem respeitado os prazos exigidos pelas autoridades portuguesas e já

entregou o plano de recuperação do cargueiro, onde porventura se encontrarão os quatro corpos dados como desaparecidos na ocasião do sinistro.

De acordo com o comandante Sousa Leitão, responsável pela Capitania do Porto de Lisboa, o plano prevê a passagem de seis cabos por debaixo do navio, cabos esses que ficarão ligados à parte superior do barco. Após esta operação, as extremidades desses cabos serão ligadas aos aparelhos de força pelos seis pilares de betão armado, com dez toneladas cada a 2,5 metros de profundidade, situados nos terrenos da Ribeira das Naus.

O «Tollan» encontra-se presentemente a alguns metros do cais da Praça do Comércio, com cerca de 608 toneladas de combustível, contentores e, como atrás dissemos, os corpos dos quatro tripulantes desaparecidos.

Formação de professores de ensino especial

Decorre até 30 do corrente o prazo para as inscrições no Curso de Formação de Professores de Ensino Especial do Instituto António Aurélio da Costa

Ferreira, para o ano lectivo de 1980/81.

Podem concorrer os professores profissionalizados de qualquer grau de ensino e educadores de infância.

RESTAURANTES

TATU

PASTELARIA C/ FABRICO PROPRIO
SALA PARA BANQUETES E CASAMENTOS

AUTENTICA FEIJOADA A BRASILEIRA
SÓ NO TATU

CAMPO GRANDE, 80
TELEFONE, 76 51 88 . 9

D. LUÍS

CHURRASQUEIRA

ABERTO TODOS OS DIAS

AR CONDICIONADO

★

RUA GENERAL TABORDA
9-B (CAMPOLIDE)
TELEFONE 68 12 20

CASACOS DE ANTÍLOPE E CABEDAL LIMPAM-SE

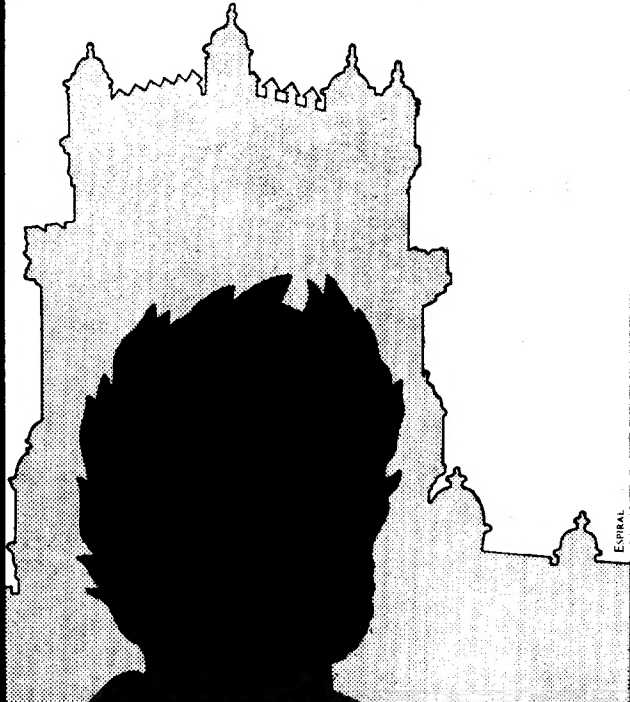
ÚNICA NO GÉNERO QUE LIMPA TODO O GÉNERO DE CONFECÇÕES DE ANTÍLOPE E TINGE TODA A CONFECÇÃO EM CABEDAL

Exclusivos **Vamar**
CASA ESPECIALIZADA

LISBOA:
R. JOÃO DAS REGRAS, 3-3.º ESQ. (À PRAÇA DA FIGUEIRA, ANTIGA R. DO AMPARO)
EM COIMBRA: R. DA SOFIA, 111-1.º

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
convida o público a assistir à

EVOCAÇÃO DE CAMÕES



ESPECTÁCULO DE LUZ E SOM

TORRE DE BELÉM

de 10. a 30 de Junho, às 22.15 horas (excepto Segundas Feiras)

Colaboração da Philips Portuguesa

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida.
Seja INDEPENDENTE.
GANHE MAIS DINHEIRO.
TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS NOSSOS CURSOS
ENVIE HOJE MESMO ESTE CUPÃO.



☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL
☐ RADIO, ELECTRÓNICA, TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____



CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA Codex - Telef. 54 31 36

ANTECIPE-SE A INFLAÇÃO

a casa dos 6 bons

BOM PREÇO
BOAS CONDIÇÕES
BOM INVESTIMENTO
BOA CONSTRUÇÃO
BOM ESPAÇO
BOA LOCALIZAÇÃO

Para habitação própria
ou rendimento

A partir de 1350 contos

outeiro
de
S. Julião

Visite os nossos andares todos os dias
das 10 às 12.30 ou das 14 às 19.
Sábados e Domingos, período da tarde

Um empreendimento **MERCATOR**
Alto da Barra- OIRAS- Telef. 2420980

Durante assalto em Graz (Áustria)

Portuguesa recusa condição de refém

Uma portuguesa de olho vivo e pé ligeiro, escapou-se ontem de um consultório médico de Graz, na Áustria, evitando assim compartilhar a sorte de quinze outras pessoas que faziam bicha na consulta para o dermatologista e foram tomadas como reféns por um jugoslavo.

Beatriz Busse — é este o nome da nossa compatriota, de 29 anos e que foi notícia das agências — fora apanhada, tal como os outros doentes, durante o assalto, realizado por Josef Kis Lukac. Todos foram feitos reféns; mas enquanto o assaltante negociava com a Polícia, exigindo falar para jornalistas italianos, jugoslavos, húngaros e russos, Beatriz Busse escapou-se fugindo da acção do assaltante.

O cidadão jugoslavo de 35 anos de idade, tinha perdido o seu emprego, numa empresa austríaca e, desesperado, assaltou o consultório médico para evitar a extradição para o seu país de origem.

Esta madrugada, porém, um dos reféns conseguiu dominá-lo e não obstante a troca de tiros com a Polícia, todos os reféns se encontram sãos e salvos. Pior sorte teve o sequestrador: quando da luta com o refém, que o desarmou, a polícia entrou na sala e eliminou-o a tiro.

MEC anuncia alargamento da educação pré-escolar

O Governo vai criar em breve cerca de 500 jardins de infância em todo o país, em instalações cedidas pelas autoridades locais.

De acordo com uma nota do MEC, representantes dos Ministérios da Educação e Ciência e dos Assuntos Sociais acertam os últimos pormenores para a concretização do programa, designadamente no que respeita à escolha das zonas e populações a beneficiar com os jardins de infância.

Posteriormente, será aberto concurso para a colocação dos educadores de infância.

A nota do MEC refere que a medida se insere no programa que aquele Ministério se propõe realizar, com o objectivo de, com o desenvolvimento da educação pré-escolar, «contribuir para cor-

rigir efeitos discriminatórios da condição socio-cultural da criança e, portanto, favorecer uma efectiva liberdade de ensino».

No ano lectivo de 1978/79, funcionaram em Portugal continental 95 estabelecimentos de educação pré-escolar no ensino oficial e 395 no ensino particular.

Quanto a educadores de infância, havia, no mesmo ano lectivo, 142 no ensino oficial e 971 no ensino particular. Alunos foram, no ensino oficial 3 331; no particular, 23 939.

Educadores não efectivos

As regras de colocação dos professores não efectivos nos jardins de infância oficiais dependentes do MEC são fixadas num despacho do ministro Vítor Crespo, ainda não publicado.

O preenchimento dos lugares dos jardins de infância será feito pelos docentes segundo a prioridade seguinte: educadores de infância que requeiram a sua recondução; educadores de infância que se apresentem a concurso a abrir para os lugares vagos após as reconduções; professores profissionalizados não efectivos do Ensino Primário que se candidatem a concurso; outros educadores de infância e professores profissionalizados não efectivos do Ensino Primário.

Até ao próximo dia 23, as direcções dos distritos escolares devem afixar publicamente as listas ordenadas provisórias dos interessados nas reconduções. O prazo para reclamações é de três dias, devendo as listas definitivas ser afixadas até 30 de Junho.

Por equívoco do MEC

Alunos esperaram horas por exame que não chegaram a fazer...

Um equívoco do Ministério da Educação e Ciência fez com que dezenas de estudantes esperassem ontem cinco horas para prestar uma prova de exame que não chegaram a efectuar.

O que estava escrito nas pautas do Liceu Camilo Castelo Branco, de Vila Real, era que o exame do Propedêutico das 10 horas seria de inglês — 1.

Aconteceu que os pontos en-

tregues aos estudantes eram de Geografia.

Confusão generalizada, perguntas a Lisboa e a resposta do MEC: aguardar a chegada dos pontos desaparecidos. Todos os que abandonassem as instalações do Liceu teriam que prestar provas numa segunda chamada.

Os candidatos ao exame aguentaram até às 15 horas, sem que tivessem sido encon-

tradas outras soluções.

Em comunicado distribuído mais tarde, os estudantes exigiram que lhes fosse «cedida uma nova chamada especial até 20 de Junho; já que muitos deles não poderão estar presentes a uma segunda chamada.

O comunicado acrescenta que os estudantes prejudicados «se encontram na disposição de levar a tribunal os responsáveis pelo acontecido».

Ministro da Saúde afirma “O País não precisa de mais médicos”

O ministro dos Assuntos Sociais, Morais Leitão, disse em Vila Nova de Gaia que «o País não precisa de mais médicos, pois já atingimos níveis iguais aos países mais desenvolvidos da Europa».

Morais Leitão falava na sessão solene inaugural do ano lectivo do ensino médico do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia, resultante da fusão dos hospitais distritais de Gaia, Eduardo Santos Silva e Sanatório Marítimo do Norte.

No entanto, prosseguiu Morais Leitão, «a assistência médica continua a ter lacunas de cober-

tura e eficiência», razão pela qual «os serviços médico-sociais têm de ser profundamente alterados, para poderem prestar melhores cuidados aos doentes».

O ministro, que apontou as medidas mais importantes previstas pelo Governo no domínio da saúde, salientou a colocação de especialistas em hospitais distritais, através de concursos e incentivos à carreira de clínico generalista pela redignificação do clínico geral.

O Centro Hospitalar de Gaia tem capacidade para atender em urgência 508 doentes por dia, disse o seu director clínico.

Jovens médicos contra projectos governamentais

Representantes das comissões de curso dos policlinicos afirmaram em conferência de Imprensa que a modalidade de generalista não responde minimamente às saídas profissionais dos médicos.

Os jovens médicos criticavam o projecto de Portaria que pretende criar a modalidade de exercício da medicina em clínica geral, que qualificaram de «mosntruosidade técnico-jurídica».

Segundo referiram, o chamado projecto de carreiras médicas, da autoria parcial da Ordem dos Médicos, não responde minimamente às reivindicações da classe no sentido da criação de uma carreira digna que resolva o problema das saídas profissionais e contribua para a transformação dos serviços de saúde.

Salientaram que o projecto de

Portaria pretende aproveitar um regime de excepção previsto na Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde, para, de uma forma golpista, liquidar na prática a necessária rede nacional de cuidados primários constituindo uma subversão da lei e clara afronta aos jovens médicos.

Os clínicos consideraram que as recentes tentativas de legislação sobre o assunto demonstram a incompetência dos seus autores que «nada sabendo, ou não querendo saber, das realidades do país desprezam de uma forma clara todas as recomendações internacionais sobre estruturação de serviços de saúde».

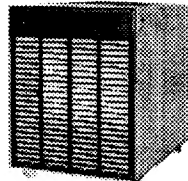
Os policlinicos em Portugal são cerca de 8.508, número que representa cerca de 50 por cento da classe.



Viva o ambiente

De Verão ou de Inverno em qualquer ocupação Amana proporciona-lhe o prazer de viver o ambiente desejado. Com uma vasta gama de aparelhos (ar condicionados e desumidificadores) capazes de responder a inúmeras aplicações — no lar, na fábrica, no laboratório — Amana tem a resposta da técnica ao seu serviço.

Amana
UMA MARCA
PARA DURAR



Representantes desde 1957

REFRIGERAÇÃO POLAR, LIMITADA

Av. Almirante Reis, 94 C — Telef. 82 33 66 — 1100 Lisboa
Av. Manuel Pinto de Azevedo, 79 — Telef. 95 37 31 — 4450 Sr.ª da Hora - PORTO

LIQUIDAÇÃO DE MÓVEIS EMIGRANTES E PÚBLICO

SÃO AS FÁBRICAS DE MÓVEIS

DARTY E CONFIANÇA

A VENDER-LHE DIRECTAMENTE POR

60% DO SEU VALOR

PARA DAR LUGAR A NOVAS LINHAS
SALÕES-DE EXPOSIÇÃO

Avenida 5 de Outubro, 55
Telef. 54 68 60 — LISBOA

R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B
(Junto ao Pão de Açúcar)
— COVA DA PIEDADE

R. dos Bombeiros Voluntários, 11-B
— ODIVELAS

Pavilhão dos Expositores da
FEIRA POPULAR

Rua de São José, Lote 1, r/c.
Telef. 251 00 92 — SACAVÉM

Avenida 25 de Abril, 45
Telef. 276 90 01 — ALMADA

Rua Padre José Feliciano, 15-B
r. ville Clairis, 21-B
e (antiga Rua 5) R. Ponte do Comboio
— BAIXA DA BANHEIRA

Rua Palha Blanco, 73
Tel. 06 32 20 81 — VILA F. DE XIRA

Rua 5 de Outubro, 63, r/c.
— ENTRONCAMENTO

Há oposição geral**Gerência da Manu quer "esvaziar a fábrica"**

Os trabalhadores das Malhas Manu, de Gaia, iniciaram esta manhã reuniões das suas estruturas sindicais e de quadros da empresa para resolverem o que um elemento da CT nos disse ser uma tentativa sistemática da gerência de «esvaziar a fábrica» e provocar o seu encerramento.

A empresa encontra-se em laboração, mas «a matéria-prima é pouca». «Assim temos com que trabalhar, a começar pelas linhas, já que as encomendas não faltam»,

disse-nos uma trabalhadora pertencente à CT da Manu, que acrescentou dever também ser hoje aberta, na presença de um representante do único gerente em funções, eng. António Taveira, uma pasta que este tentou levar no passado domingo, a fim de se saber se contém documentos pessoais ou da empresa.

De salientar que as Malhas Manu têm passado por um período difícil e que os trabalhadores, na sua quase totalidade

mulheres, prescindiram há um ano de grande parte dos salários e dos subsídios (estes com três anos de pendência) para permitirem a recuperação da empresa.

Aquilo a que têm assistido, disseram-nos os seus representantes, é a intenção de acabar com a empresa, nomeadamente com a transferência de máquinas e outras matérias para a Polimaia, onde o eng. Taveira é também gerente.

Sete federações apelam à grande participação nas manifestações do dia 21

Sete federações sindicais representando centenas de milhares de trabalhadores apelaram ontem à sua participação nas manifestações programadas para o dia 21, em diversos locais, de Norte a Sul do País. O comunicado é também subscrito pela Comissão Negociadora Sindical da TAP.

«Contra esta política e este Governo, os trabalhadores e a população em geral, virão de novo, em massa, à rua» — prevêem as Federações da Química e Farmacêutica, dos Metalúrgicos, dos Ferrovieiros, das Indústrias Eléctricas, da Cerâmica, Cimento e Vidro, dos Transportes Rodoviários e Urbanos, das Comunicações e Telecomunicações.

O comunicado ontem divulgado recorda que «o Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral pretende restringir o direito à contratação e agravar ainda mais as condições de vida dos trabalhadores».

«Tal como em todos os sectores» — prossegue o comunicado — «também nas empresas públicas a contratação colectiva é um meio importante para a defesa e melhoria das condições de vida e de trabalho dos trabalhadores».

A política governamental

traduz-se, assim, no sector público, em boicote ao exercício normal da contratação colectiva (acontece na EPAL, Transtejo, Petrolgal, CTT, etc) e proporciona ao sector privado o «refúgio» no Ministério do Trabalho.

Além disto, o Governo publicou recentemente um diploma que representa o regresso a homologação prévia dos textos contratuais acordados nas empresas públicas. O Decreto-Lei 163/80 institui também «um pesado sistema de controlo pelo Governo dos processos de contratação» e «fixa previamente todos os parâmetros de negociação».

Em suma, dizem as federações sindicais, o Governo é contra o «sector público e as nacionalizações».

Apoio de mulheres do Porto

Mulheres do distrito do Porto (dirigentes, delegadas e activistas sindicais) aprovaram, em plenário, uma moção de apoio à jornada de luta do dia 21. O documento contém uma condenação da política social do Governo.

A moção contém uma análise da repressão nas empresas, do aumento do custo de vida, do

abuso patronal dos contratos a prazo, do boicote patronal e governamental dos contratos.

«A política demagógica do Governo de falsas melhorias, sociais, ao contrário das suas promessas eleitorais, só vem beneficiar aqueles que melhor vivem» — afirma-se, ainda, na moção.

Aveiro prepara-se

Em preparação da jornada de luta do próximo dia 21, os dirigentes, delegados sindicais e membros de CT's do distrito de Aveiro realizaram, no dia 13, plenários não só na capital distrital como em Águeda, S. João da Madeira e Ovar.

Nas reuniões foi feita a análise da situação sindical e social, concluindo-se pela necessidade de se efectuar uma grande mobilização de trabalhadores e de outras camadas da população.

As manifestações marcadas para o distrito de Aveiro, no dia 21, são as seguintes: às 15 e 30, em Aveiro, Ovar e S. João da Madeira, às 16 e 30, em Águeda, na Praça da República.

Esperam ACT há oito meses**Ferrovieiros pararam totalmente**

Os ferroviários iniciaram às zero horas de hoje, uma paralisação de 24 horas em luta, pela concretização do seu Acordo Colectivo de Trabalho. As consequências desta greve, foram esta manhã sintetizadas por um dirigente sindical: «Está tudo parado».

O Secretariado da Federação dos Ferrovieiros, que determinou esta forma de luta, aguardava esta manhã, à semelhança do que aconteceu ontem, durante todo o dia, qualquer contacto quer do Conselho de Gerência da empresa, quer do Ministério dos Transportes.

O processo de negociação do ACT dos ferroviários arrasta-se desde há oito meses e inclui as cláusulas de expressão pecuniária. Com a tomada de posse do novo CG, em Maio, foram iniciados contactos e assente que no fim desse mês, o processo deveria estar concluído.

Contudo, o Governo viria a publicar legislação que limita os poderes negociais dos gerentes das empresas públicas e as dificuldades avolumaram-se. O Ministério dos Transportes prometeu uma proposta de ACT até à próxima sexta-feira.

Por seu turno, o CG da CP, em comunicado ontem emitido, manifestou-se «ciente de que as negociações se arrastaram por um longo período de tempo» e lamentou «a situação pelos graves inconvenientes e prejuízos que acarreta».

Cabos Ávila de novo parados

Os trabalhadores dos Cabos Ávila iniciaram, hoje, às 6 e 30, uma nova paralisação que se prolongará até às 19 horas. Estão em luta pela reposição da legalidade e dos direitos contratuais da empresa.

Este processo de luta foi iniciado após o malogro das tentativas desenvolvidas pelos sindicatos e estruturas representativas dos trabalhadores, no sentido de ser resolvido o conflito através do diálogo.

A Inspeção do Trabalho tem mantido uma interessante posição que se manifesta pela sua passividade total.

A administração da empresa manteve ontem as suas posições de recusa de discussão de problemas como a suspensão de trabalhadores e reintegração de despedidos. Apenas aceita discutir matérias que para os trabalhadores são direitos adquiridos.

Máquinistas da CP insistem em ameaças

O «recurso a todos os meios ao seu alcance», que poderá incluir a greve por tempo indeterminado, será decidido pelos maquinistas da CP, em plenário a efectuar no dia 24.

A possibilidade de serem encaetadas formas de luta resulta do anunciado despedimento de três

maquinistas, na sequência de processos disciplinares, que dizem enfermar de erros. Segundo o Sindicato, o CG da CP escamoteia «a todo o custo as responsabilidades da empresa, regulamentares, técnicas ou de condições de serviço».

Gráficos debatem situação do CCTV

Os representantes dos trabalhadores gráficos e da transformação do papel reúnem-se esta noite no Porto para debaterem a actual situação das negociações do CCTV e deliberarem sobre a possibilidade de formas de luta.

Novas paralisações no Infantário «Primavera»

As trabalhadoras do Infantário Primavera, do Sindicato de Seguros do Norte, voltaram a paralisar hoje durante todo o dia e amanhã farão greve durante a parte da manhã.

A decisão foi tomada depois da direcção daquele sindicato proibir as trabalhadoras de permanecerem no infantário durante a paralisação.

O conflito existente deve-se à não satisfação por parte daquela entidade patronal, de um aumento de 18 por cento pedido pelas trabalhadoras que há três anos recebem o mesmo salário e cuja luta vem sendo apoiada pelos próprios pais das crianças.

**Manobras na Mindelo para impedir plenários**

Em comunicado do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis dos Distritos do Porto e Aveiro, afirma-se que a administração da Sociedade Industrial de Mindelo, em Vila do Conde, «está, através dos chefes de secção e com a presença do filho do patrão, a chamar individualmente os trabalhadores, obrigando-os a assinar um abaixo-assinado de recusa de plenários».

O comunicado acentua ainda as tentativas de «impedir toda a actividade sindical na empresa» e criar condições para que «a repressão volte a ser o que era antes do 25 de Abril».

Segundo aquele sindicato, já no passado dia 2 a administração «impediu ilegal e arbitrariamente a realização de plenários na empresa».

OIT: de novo os problemas com a "utilização política"

O ministro do Trabalho da Alemanha Federal, Erbert Ehrenberr, advertiu os participantes na conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre o perigo da sua utilização com «fins políticos».

Ehrenberr condenou durante um discurso na conferência da OIT, a discussão de problemas que, em seu entender, nada têm a ver com os objectivos sociopolíticos da organização.

Segundo os observadores, o ministro alemão referia-se à proposta de resolução apresentada pela Jordânia sobre a implanta-

ção de colonatos israelitas nos territórios árabes ocupados.

O ministro solicitou ainda aos Estados membros da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) que dediquem uma parte dos lucros à criação de indústrias e postos de trabalho mais carecidos de matérias-primas.

Os países pobres em matérias-primas são os mais afectados pela alta dos preços do petróleo e por isso têm o direito de contar com a solidariedade da OPEP — acrescentou.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS**SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO****Direcção de Habitação do Sul ANUNCIO**

CONCURSO PUBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA 7/DHS/80 «Construção de 39 fogos em Vaia Monte — Monforte»

1 — PREÇO BASE DE EXECUÇÃO42.167.264\$20
CAUÇÃO PROVISÓRIA 1.054.181\$60
PRAZO DE EXECUÇÃO540 dias

2 — ALVARA EXIGIDO

— 1.ª Subcategoria e categoria I para empreiteiros de obras públicas.

— Categoria única para Industriais de Construção Civil.

— Classe e subclasse correspondente ao valor das propostas apresentadas.

3 — Data, hora limite e local para entrega das propostas:

Até às 17 horas do dia 7 de Julho de 1980, na Direcção de Habitação do Sul — Serviços Administrativos, Quinta da Vista Alegre, Lote 38, 2.ª Fase em Évora.

4 — Local, dia e hora do acto público do Concurso:

No mesmo edifício, 1.º andar, pelas 16 horas do dia 8 de Julho de 1980.

5 — Local e horário para exame do Processo:

No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente e na Câmara Municipal de Monforte.

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL, em Évora, aos 4 de Junho de 1980.

O DIRECTOR DE HABITAÇÃO DO SUL,
Mário Fernando Costa Santos de Sá

MINISTERIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS**SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO****Direcção de Habitação do Sul ANUNCIO**

CONCURSO PUBLICA PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA 6/DHS/80 «CONSTRUÇÃO DE 52 FOGOS EM SANTO ALEIXO — MONFORTE.»

1 — PREÇO BASE DE EXECUÇÃO55.835.834\$20
CAUÇÃO PROVISÓRIA 1.395.895\$90
PRAZO DE EXECUÇÃO540 dias

2 — ALVARA EXIGIDO

— 1.ª Subcategoria e categoria I para empreiteiros de obras públicas.

— Categoria única para Industriais de Construção Civil.

— Classe e subclasse correspondentes ao valor das propostas apresentadas.

3 — Data, hora limite e local para entrega das propostas:

Até às 16 horas do dia 7 de Julho de 1980, na Direcção de Habitação do Sul — Serviços Administrativos, Quinta da Vista Alegre, Lote 38, 2.ª Fase em Évora.

4 — Local, dia e hora do acto público do Concurso:

No mesmo edifício, 1.º andar, pelas 15 horas do dia 8 de Julho de 1980.

5 — Local e horário para exame do Processo:

No mesmo edifício, 1.º andar, às horas normais de expediente e na Câmara Municipal de Monforte.

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL, em Évora, aos 4 de Junho de 1980.

O DIRECTOR DE HABITAÇÃO DO SUL,
Mário Fernando Costa Santos de Sá

Maus ventos sopram na NATO

Maus ventos sopram na NATO, levantando a cizânia no interior de alguns dos seus Estados membros, e, pelo menos, noutro que há-de vir a ser (se for). Do outro lado do Atlântico, um presidente de reduzida capacidade diplomática escreve mensagens «advertindo» os aliados sobre a necessidade de cerrar fileiras. A questão-chave que agora ocupa os Estados membros da NATO é a instalação da nova geração de mísseis nucleares, os quais antes mesmo de serem implantados em território europeu, produziram já uma viragem perigosa nas relações Leste-Oeste.

A revista oeste-alemã «Stern» transcreveu na semana passada o conteúdo de uma carta escrita pelo presidente dos EUA ao chanceler Helmut Schmidt, «advertindo-o» contra qualquer acto ou decisão que pudesse pôr em causa o estacionamento na Europa dos novos mísseis «Pershing-2» e de «Cruiseiro». Apesar dos desmentidos formais partidos de Bona sobre o tom alegadamente «duro» dessa mensagem, o certo é que ela revela que os alemães, causticados por duas guerras devastadoras este século, devem ter começado a raciocinar muito seriamente sobre os riscos que correm se decidirem ficar assentes sobre tal barril de pólvora. É isso exactamente o que se passa com os britânicos, seriamente divididos quanto a esta questão. A ala esquerda do Partido Trabalhista contesta vigorosamente a instalação de mísseis da nova geração no seu território. Aos britânicos cabem 160 mísseis de Cruiseiro. Além disso, o senhor Thatcher pretende modernizar a força de dissuasão, britânica substituindo os «velhos» «Polaris» pelos novos mísseis balísticos intercontinentais «Trident».

Agora o Governo britânico terá de decidir onde ficarão instalados os 160 mísseis americanos. O governo conservador de Londres, «pioneiro» na submissão aos ditames washingtonianos, gos-

taria de ser o primeiro também a escolher locais de instalação para as novas armas. Mas as disposições da oposição trabalhista parecem de molde a contrariar esses desejos. Três locais estão a ser encarados: a base de Lake-nheath, no Suffolk (onde a aviação dos EUA tem já bombardeiros F-11 e A-10), Greenham Common (a uns 100 quilómetros de Londres) ou Oxfordshire (a 80 quilómetros da capital). Dada a existência de um amplo movimento contra os mísseis na Grã-Bretanha é provável que esta decisão, contestada no Parlamento, venha a ser objecto de vigorosa oposição popular, nomeadamente da parte dos habitantes das zonas es-

colhidas. Oposição séria encontram também os EUA e a NATO na Bélgica, outro país «eleito» para receber os novos mísseis. Aliás, o secretário-geral da NATO, Joseph Luns, «advertiu» agora o Governo belga de que este não está a cumprir as obrigações assumidas com a Organização, uma vez que o corte orçamental de 1,7 mil milhões de francos agora proposto implicará, entre outras coisas, a paralisação de aviões de combate, navios, tanques e artilharia, a redução do número de pilotos da Força Aérea e a não participação das forças belgas nas manobras da NATO.

Os países euro-ocidentais têm cada vez mais fundadas razões para recuarem na corrida da NATO para o abismo. A verdade é que desde Novembro de 1979 até agora, já por três vezes os computadores do Pentágono se «enganaram» e lançaram um alerta nuclear que colocou vários dispositivos norte-americanos em acção prontos a ripostar a um falso «ataque nuclear soviético». Isto indica que é perfeitamente possível imaginar um «cenário» até há pouco só possível na «ficção política»: os EUA «ripostam» a um falso ataque nuclear da URSS, esta ataca os objectivos nucleares mais próximos (os euro-ocidentais), e a NATO, que faz depois? Os que cá

ficarem chorarão os mortos num cenário lunar...

Apesar de tudo isto, o Governo de Madrid resolve jogar na carta da NATO. É esse o meio de chantagem que a chancelaria madrileña resolve usar para chegar a bom termo em duas negociações: sobre o ingresso na CEE e sobre a restituição do rochedo de Gibraltar. Não deixa a Espanha de ter razão quanto à primeira questão: sendo a CEE uma das componentes «civis» da estrutura integradora do imperialismo (cuja componente militar mais importante é a NATO), realmente não se entende que se «corteje» um Estado para correr os riscos da integração no aparelho agressivo do sistema, e que ao mesmo tempo se mostrem grandes hesitações quanto ao «brinde» (talvez envenenado) da solene admissão no Mercado Comum. Quanto à questão de Gibraltar, esse tem sido o velho trunfo espanhol para aceitar a entrada na NATO. Mas aqui a Espanha parece pretender uma coisa que dois membros velhos da Aliança (a Grécia e a Turquia) ainda não conseguiram: que a NATO seja um foro distribuidor de justiça interpartes. Nada mais vão.

O grave, porém, é que o Governo de Madrid, jogando com as posições favoráveis à CEE que a oposição tem assumido, levante a questão da NATO, quando esta não colhe, nem de perto nem de longe, a mesma unanimidade que a outra. Tanto o PCE como o PSOE se têm declarado contrários à entrada na NATO. Significativo também é o facto de um inquérito entre oficiais das FFAA ter demonstrado que nem sequer entre os militares a opção NATO colhe a maioria.

Mas em Espanha, como noutros países, os Governos atalhados de dificuldades internas, que são incapazes de resolver, viram-se para as habilidades diplomáticas esperando que os santos de fora façam os milagres. O mal desses Governos é que até na escolha dos «milagres» são mesmo maus...

A. N.

Bomba islâmica

Uma bomba nuclear islâmica, financiada pelos petrodólares do coronel Iyad Moammar Gaddafi, está a ser fabricada pelo Paquistão, noticiou a emissora de televisão britânica BBC.

A mesma fonte prevê que o Paquistão testará o seu primeiro engenho nuclear num prazo inferior a dezoito meses e especula que a Índia poderá envolver-se em guerra com o seu vizinho para impedir que este forme o seu arsenal atómico.

No seu programa «Projecto 706: a Bomba Islâmica», a emissora britânica reúne dados antigos e alguns inéditos para demonstrar que os cientistas paquistaneses dispõem já da tecnologia e equipamento necessário à produção de armas nucleares.

De acordo com a BBC, o urânio destinado ao Paquistão é obtido na Nigéria, um vizinho islâmico da Líbia.

Explosão em Muroroa

O ministério francês da Defesa não confirmou nem des-

mentiu a informação, publicada em Wellington, segundo a qual a França encetaria terça-feira uma nova série de explosões nucleares subterrâneas em Muroroa.

Este mutismo sobre as experiências nucleares é de rigor nos meios oficiais franceses desde 1975, ano em que a França abandonou a experimentação na atmosfera por ensaios subterrâneos no atol de Muroroa.

A informação de Wellington

provém da organização «Green Peace» que se refere a uma fonte francesa que pretende conservar o anonimato. Segundo «Green Peace» a explosão deverá ocorrer hoje e será seguida em Julho, de cinco ou seis outros ensaios. Ela consistiria na experimentação de uma ogiva de míssil M-4, a nova geração de foguetões de ogivas múltiplas que equiparão os submarinos nucleares franceses a partir de 1985.

Encontro Muskie-Dobrynine

O embaixador da União Soviética nos Estados Unidos, Anatoly Dobrynine, foi recebido, ontem, pelo secretário de Estado americano, Edmund Muskie.

Segundo o porta-voz da Secretaria de Estado, tratou-se de uma visita de cortesia, feita a pedido do embaixador da URSS, que até agora não tivera oportu-

nidade de se encontrar com o novo chefe da diplomacia norte-americana.

Os dois políticos terão, «provavelmente», no dizer do porta-voz, abordado problemas de interesse bilateral e internacional. O porta-voz recusou-se a revelar se o problema do Afeganistão fora abordado.

Novas Hébridas

Rebeldes

rejeitam

negociações

Os rebeldes da ilha de Espirito Santo (norte do arquipélago das Novas Hébridas) rejeitaram hoje qualquer tentativa de negociação, impedindo a aterragem do avião que transportava os emissários do Governo central e jornalistas, soube-se de boa fonte em Port Vila.

Uma flotilha de três aparelhos tinha tentado alcançar a ilha rebelde, mas a pista de aterragem estava bloqueada por camiões e bidões de gasolina. Os aviões voltaram para Port Vila.

Um avião deve, porém, tentar pousar em Espirito Santo, levando a bordo os negociadores do Governo do arquipélago e quatro jornalistas.

Nenhum representante da França e da Inglaterra, as duas potências de tutela do condomínio das Novas Hébridas, se encontrava a bordo destes aviões.



ugandesa. Estes acontecimentos parece terem carácter político, visto as vítimas — entre as quais uma mulher e um rapaz de 13 anos — estarem a celebrar o regresso ao Uganda do antigo presidente Lule, aguardado para hoje.

● **POLISARIO** — As forças da Frente Polisario atacaram a guarnição marroquina da Smara, cidade santa do Sara Ocidental, anunciou um Paris a referida Frente. Durante duas horas, a guarnição marroquina esteve sob o fogo de artilharia pesada, segundo a mesma fonte.

● **EUA-CHILE** — Os Estados Unidos decidiram excluir o Chile das manobras navais inter-americanas do próximo Outono, em protesto contra a atitude do Governo chileno no caso Letelier.

A decisão, tomada pelo presidente Carter, provocou vivo descontentamento, porém, nos meios militares norte-americanos, por razões de ordem prática: a Marinha chilena, considerada nos Estados Unidos como uma das melhores armadas da América do Sul, vigia mais de 4000 km de litoral, desde o cabo Horn, que constitui um ponto estratégico de passagem, em caso de guerra.

● **ETIÓPIA: O PRIMEIRO CONGRESSO** — Duzentas mil pessoas desfilaram em Addis-Abeba, por ocasião do início do primeiro congresso para a organização de um partido marxista-leninista etíope. Um membro do Comité Permanente do Conselho Nacional, Solomon Muluneh, afirmou à multidão reunida na Praça da Revolução que a fundação de um partido marxista-leninista se impunha como única «garantia de um novo avanço da Revolução etíope na via que escolheu».

● **VIOLÊNCIA NO UGANDA** — Pelo menos 13 pessoas foram mortas por soldados, em Kampala, nas últimas 24 horas — revelaram fontes da Polícia da capital

China «sem embargo»

Segundo o exemplo norte-americano, os sete principais países industrializados capitalistas, que nos próximos dias 22 e 23 vão reunir-se em «cimeira» na cidade italiana de Veneza, decidirão nessa altura levantar parcialmente o embargo às exportações estratégicas com destino à República Popular da China. Na verdade, durante uma re-

cente reunião da Comissão de Coordenação das Exportações destinadas ao Mundo Comunista, os EUA propuseram a liberalização desse embargo.

Se tal for decidido em Veneza, nada obstará a que a partir de Julho próximo a China receba do Ocidente produtos de alta tecnologia como computadores e aviões.

COMECON:

«Cimeira» em Praga

Começa hoje em Praga a 34.ª sessão do «mercado comum de leste» (COMECON), a nível de chefes de governo.

A reunião vai decorrer, sob os signos da crise do petróleo, da crise do Afeganistão e da deterioração dos termos das trocas entre o Leste e o Ocidente.

Este ano, em Praga, o COMECON rompe com a tradição segundo a qual o principal tema

da sessão era apresentado pelo secretário-geral da Organização. Desta vez, vai ser o presidente do Comité de Estado da URSS para a Planificação, Nikolai Baibakov, o encarregado de fazer o relatório mais importante da sessão. Os debates serão articulados à volta do «Estado Actual dos Planos Nacionais e da Planificação para 1981-1985», isto é, da estratégia económica do bloco socialista.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

GRANDE LEILÃO

DIA 20 DAS 19 ÀS 22 H.

LIQUIDAÇÃO TOTAL DE MÓVEIS

VÃO À PRAÇA PELA MAIOR OFERTA 300 MOBÍLIAS DE TODOS OS ESTILOS E GRANDE VARIEDADE DE JOGOS DE MAPLES

AV. 5 DE OUTUBRO, 55 LISBOA

LIQUIDAÇÃO TOTAL DE MÓVEIS

POR MOTIVO DO ÊXITO ALCANÇADO JUNTO DOS NOSSOS CLIENTES E PÚBLICO EM GERAL, INFORMAMOS QUE A DATA DE ENCERRAMENTO DESTA LOJA FOI ADIADA PARA O PRÓXIMO DIA 21

ESTAMOS ABERTOS TODO O DIA

50% DO SEU VALOR

AV. 5 DE OUTUBRO, 55 — LISBOA

África do Sul

Polícia dispara contra manifestantes

A Polícia sul-africana abriu fogo, ontem à noite, contra um grupo de jovens, no bairro negro do Soweto, ferindo onze pessoas, entre as quais três crianças.

Antes, em Bloemfontein, as forças racistas tinham atingido cinco jovens negros, numa das muitas operações realizadas para tentar evitar que as comunidades discriminadas pela minoria branca evocassem, ainda que de modo pacífico, o massacre de Soweto, ocorrido há quatro anos.

A actuação da Polícia às ordens do Governo racista de Pretória endureceu, a partir da notícia da morte de um agente, durante um confronto na Cidade do Cabo.

Um clima surdo de tensão abateu-se sobre toda a África do Sul. O secretário-geral do Conselho das Igrejas Sul-Africanas, bispo Desmond Tutu, afirmou em Joanesburgo que «nunca esteve tão preocupado como agora com a situação do país». O bispo viu-se obrigado a suspender um serviço religioso na igreja católica Regina Mundi, no Soweto, porque não quis «expor os fiéis à acção da Polícia. Mas — acrescentou — se as coisas continuam como até aqui, vamos ter um banho de sangue. Se os brancos estão convencidos que os jovens negros continuarão a aceitar um estatuto de inferioridade, enganam-se muito e então chegaremos a um ponto em que ter uma pele branca se tornará muito pouco aconselhável» — disse ainda.



O dr. Abdul Asuat acompanhado de Nabunto Mathunjwa, que foi espancado pela polícia no Soweto. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»).

A Polícia sul-africana proibiu a entrada dos correspondentes estrangeiros nas áreas reserva-

das da não-brancos, a pretexto de que os jornalistas «incitaram os jovens negros a provocar distúr-

bios».

Por isso, e «dada a gravidade da situação», a Polícia decidiu permitir apenas a entrada nas «áreas afectadas» a «um grupo de jornalistas nacionais seleccionados, que se deslocarão sob protecção», decidiu o comandante, general Mike Geldhuys.

William Nicholson, secretário da Associação dos Correspondentes Estrangeiros, declarou, por seu turno, ser «lamentável que o comandante da Polícia acusasse os jornalistas» e convidou-o a revelar «pormenores sobre a actuação dos jornalistas estrangeiros. Queremos deixar bem claro — afirmou — que os jornalistas estrangeiros que têm estado a acompanhar o movimento grevista, em curso no país, já foram alvo não só das pedras lançadas por jovens negros, como das granadas de gás da Polícia».

Em Luanda, numa manifestação de solidariedade para com a luta do povo oprimido da África do Sul, o secretário nacional da organização juvenil do MPLA, depois de evocar o levantamento de Soweto, em 1976, criticou as organizações fantoches que, com o apoio de Pretória, pretendem aniquilar a vanguarda do povo sul-africano — o Conselho Nacional Africano. Preciso, por outro lado, que o apoio imperialista concedido aos racistas, com a finalidade de atacar a República Popular de Angola, não impedirá que este país continue a apoiar a luta dos povos namibiano e sul-africano.

Irão

Demitiu-se o dirigente dos Guardas da Revolução

A demissão do comandante «Abu Charif», nome de guerra de Abbas Zamani, chefe dos «Guardas da Revolução», anunciada hoje pela agência PARS, abre uma fase de incerteza no Irão, estimam os observadores.

Segundo a agência PARS, Abu Charif apresentou a sua demissão ao presidente Bani-Sadr numa carta onde explica a sua decisão pela existência de «diferentes tendências que impedem a formação de um exército que seja o prolongamento da revolução islâmica».

Esta demissão verifica-se quando o presidente Bani-Sadr e o próprio imã Khomeiny apelaram aos «Guardas da Revolução» (os «Pasdaran») à vigilância contra as infiltrações de «conspiradores» nas suas fileiras.

Esta advertência tinha sido dirigida publicamente, na segunda-feira no final de um grande desfile dos «Pasdaran» diante da Embaixada americana. Presente à leitura, Abu Charif não discursou depois da leitura da mensagem do imã Khomeiny pelo seu filho e da alocução do presidente Bani-Sadr.

Os avisos do «ayatollah» Khomeiny e do presidente Bani-Sadr contra a presença de «conspiradores» nas fileiras dos «Pasdaran» verificam-se depois de uma polémica sobre o papel dos «Guardas da Revolução» durante um comício em Teerão dos «Mudjahidine» (islamo progressistas) na passada

quinta-feira.

Muitas testemunhas contam que os «Pasdaran» foram nitidamente atacados pelo partido dos «Hezbollahs» (Islâmicos Integristas) que tentaram impedir a realização do comício. Os recontros fizeram um morto e mais de trezentos feridos.

Nomeado em 23 de Maio último, o comandante Abu Charif apresentou a sua demissão no momento em que uma aspra luta pela conquista do poder divide a classe política iraniana. A Assembleia prepara-se, com efeito, para nomear um primeiro-ministro, depois de sete meses de vacatura deste posto. Ao demitir-se, o comandante Abu Charif procura provavelmente, estimam os observadores, demarcar-se do campo do presidente Bani-Sadr.

Os cerca de dez mil «Guardas da Revolução» de Teerão desfilaram, segunda-feira, em frente da Embaixada dos Estados Unidos, na presença do presidente Bani-Sadr, de Seyet Ahmac Khomeiny, filho do imã, e do comandante Abu Charif.

Entretanto, iniciou-se o julgamento dos membros da rede contra-revolucionária descoberta em 12 do corrente nas fileiras do exército iraniano, anunciou Rádio-Teerão.

Os elementos da rede «Barandazi (Derrube)» desmascarados em Piranchan (Curdistão) respondem perante uma das câmaras do tribunal revolucionário das Forças Armadas Iranianas, acrescentou a estação.

Egipto

Estado de emergência na fronteira com a Líbia

Entrará em vigor, amanhã, e pelo período de um ano, o estado de emergência na região egípcia de Marsa Matruh, perto da fronteira líbia — anunciou o ministro egípcio da Informação e Cultura, Mansur Hassan.

Para tanto, foi já aprovado pela Comissão de Defesa um projecto-lei a ser apresentado hoje à denominada Assembleia do Povo, revelou o ministro em conferência de Imprensa.

Segundo Mansur, o estado de emergência, que responde às

«ameaças» do coronel Gadafi, presidente da Líbia, «contra a segurança do Egipto e contra as forças egípcias estacionadas junto das fronteiras», é indispensável para fazer abortar «as tentativas de infiltrações terroristas a partir da Líbia».

Recorda-se que o presidente Sadat levantara o anterior estado de emergência no país em 14 de Maio passado. Em Julho de 1977, violentos combates opuseram egípcios e líbios, após se terem degradado as relações

entre os Governos dos dois países.

OLP reivindica

A Organização para a Libertação da Palestina reivindicou a responsabilidade pela tentativa de incursão naval contra a cidade israelita de Nahariya.

Um comunicado emitido em Damasco por um porta-voz militar da OLP afirma que os combates contra os israelitas duraram três horas e «deixaram muitos soldados inimigos mortos ou fe-

ridos».

As autoridades militares israelitas declararam anteriormente que um navio-patrolha tinha afundado uma lancha de fibra de vidro palestina e morto os seus três ocupantes, tendo ficado ligeiramente ferido um marinheiro israelita.

Em Beirute, a emissora «Voz da Palestina» noticiou o combate naval, sublinhando que o mesmo se dera «durante uma patrulha de rotina» palestina em águas territoriais do Sul do Líbano.

A TASS denuncia Plano sino-americano para invadir o Afeganistão

A agência soviética Tass referiu a existência de «um plano de invasão do território do Afeganistão através de diferentes direcções, elaborado por conselheiros militares chineses e americanos».

Num comentário intitulado «Numa Via Perigosa», a agência soviética acusa Pequim de «esbater a sua ingerência aos assuntos internos do Afeganistão soberano» e de ter transformado a fronteira sino-afegã, cujo comprimento é de 70 quilómetros, num «foco permanente de tensão». A TASS acusa ainda os dirigentes chineses de «coorde-

narem» as suas actividades com a administração paquistanesa, nomeadamente no que respeita ao treino militar dos «bandidos afegãos» no território chinês e paquistanês. A ajuda militar chinesa ao Paquistão já atingiu a soma de dois milhões de dólares, afirma a agência.

A TASS acusa Pequim, por último, de «boicotar a iniciativa pacífica» do Afeganistão em relação ao Irão e ao Paquistão, no intuito de manter um foco de tensão na Ásia do Sul, «a qual constitui uma espécie de caldo de micróbios para aqueles que visam a expansão e o hegemonismo».

Câmara Municipal de Sesimbra
EDITAL

«CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA — REFORÇO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO CONCELHO — APROVEITAMENTO DOS FUROS DE CAPTAÇÃO JK9 E JK10 — EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DOS MESMOS — PARTE I»

ESEQUIEL LINO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

TORNA PÚBLICO Que foi prorrogado por mais trinta dias, o prazo para entrega das propostas referentes ao concurso em título, aberto por aviso publicado no «Diário da República», III Série, N.º 117 de 21 de Maio de 1980.

Paços do Concelho de Sesimbra, 9 de Junho de 1980

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Esequiel Lino

Câmara Municipal de Sesimbra
EDITAL

«CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA — REFORÇO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO CONCELHO — APROVEITAMENTO DOS FUROS DE CAPTAÇÃO JK9 E JK10 — POSTO DE TRANSFORMAÇÃO — PARTE II»

ESEQUIEL LINO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

TORNA PÚBLICO Que foi prorrogado por mais trinta dias, o prazo para entrega das propostas referentes ao concurso em título, aberto por aviso publicado no «Diário da República», III Série, N.º 117 de 21 de Maio de 1980.

Paços do Concelho de Sesimbra, 9 de Junho de 1980

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Esequiel Lino

Câmara Municipal de Sesimbra
EDITAL

«CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA — REFORÇO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO CONCELHO — APROVEITAMENTO DOS FUROS DE CAPTAÇÃO JK9 E JK10 — EQUIPAMENTO ELECTROMECÂNICO DOS FUROS JK9 E JK10 — PROTECÇÃO DO GOLPE DE ARIETE — PARTE III»

ESEQUIEL LINO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA:

TORNA PÚBLICO Que foi prorrogado por mais trinta dias, o prazo para entrega das propostas referentes ao concurso em título, aberto por aviso publicado no «Diário da República», III Série, N.º 117 de 21 de Maio de 1980.

Paços do Concelho de Sesimbra, 9 de Junho de 1980

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Esequiel Lino

Cultura e espectáculos

Solilóquio

Praça de Touros de Santarém. Quinta-feira, 5 de Junho de 1980. Touros de David Ribeiro Telles para David Ribeiro Telles, João Moura, João Palha Ribeiro Telles (que tomou a alternativa) e forçados amadores de Santarém.

Se me não falham a memória e a consulta dos livros, João Palha Ribeiro Telles passou a ser, no que vai de século, o sétimo cavaleiro tauromáquico a ter o próprio pai como padrinho de alternativa.

Começa a série no Campo Pequeno, em 6 de Setembro de 1903, quando José Casimiro de Almeida recebe de Manuel Casimiro de Almeida essa alternativa que tanto iria acrescentar a popularidade do apelido dos Casimiros. Segue-se, a 4 de Junho de 1922, também na praça lisboeta, outra alternativa dum histórico: é Simão da Veiga, o saudoso Simãozinho, quem a recebe desse artista, das arenas e da tela, que se chamou Simão Luís da Veiga. Oito anos mais tarde, a 25 de Maio de 1930, ainda no Campo Pequeno, Manuel Casimiro, o irmão da inesquecível Mirita, faz-se doutor em Tauromaquia pela mão de seu pai: José Casimiro de Almeida. Torna-se assim o único marialva que, tendo recebido do pai a alternativa, a irá, por sua vez, conceder a um filho. E por pouco a não concede também ao mais novo, pois retirara-se havia apenas um ano quando, em 1932, se fez cavaleiro profissional o último Casimiro da dinastia, esse José Casimiro Júnior, que não chegou onde a sua classe consentia. É outra vez a praça de Lisboa o cenário dez anos decorridos, da seguinte alternativa



Crónica de touros

Pais e Filhos

de pai para filho: do consagrado António Luís Lopes para o então jovem Alberto, na tarde de 12 de Julho de 1942. E passam outros vinte anos até que, sempre no Campo Pequeno, Mestre João Nuncio concede a alternativa a seu filho José, a 16 de Agosto de 1962. A cerimónia seguinte da série acontece pela primeira vez fora da capital, quando a 2 de Junho de 1968, em Santarém, Fernando Salgueiro cede a Fernando Andrade Salgueiro o touro que abre a praça. E agora, doze anos volvidos, como que a confirmar o declínio em que está caindo o prestígio do Campo Pequeno, foi outra vez Santarém o cenário escolhido para que David Ribeiro Telles concedesse a alternativa a seu filho João.

Sete pais e sete filhos. Dos sete pais, todos figuras do seu tempo; e dois deles, José Casimiro de Almeida e António Luís Lopes, figuras grandes; isto sem

falar na maior de todas, João Nuncio, Califa de Alcácer, caso à parte. Dos sete filhos, como é natural (porque nos filhos a imitação ocupa muitas vezes o lugar da vocação) só dois chegaram a figuras: o dito José Casimiro de Almeida, e Simão da Veiga Júnior. Dos restantes, Manuel Casimiro apagou-se cedo; Alberto Luís Lopes, decidido e espectacular, andou mais próximo do aplauso que da fama; Andrade Salgueiro nunca logrou aproximar-se do «temple» clássico e aveludado de seu pai; e de José Nuncio não quis o destino que mostrasse onde podia chegar a chispa da sua arte, longe ficou do Califa, longe como os outros todos, por ser filho não foi poupado à ditadura do maestro, nem sequer no dia da alternativa: dia de gala, João Nuncio fazendo doutor em Taurimaquia esse filho José que chegava dum carreira triunfante de amador, o

nome na boca e na esperança de todos os aficionados. Mestre João revia-se nos êxitos do seu rapaz: mas ali, na arena do Campo Pequeno, feitos os dois profissionais, a questão deixara de ser familiar. E o Califa aplicou no filho um banho de que ninguém mais se esqueceu, como se quisesse marcar para sempre a distância que os separava; naquela exibição memorável, com que João Nuncio quase esmagou a primeira corrida de seu filho como cavaleiro de alternativa, alguns quiseram ver crueldade naquilo que era apenas o indomável amor-próprio do Mestre, com ele se manteve mais de meio século, sozinho, na cúpula do toureio, sem deixar que alguém lhe chegasse aos calcanhares.

Mas voltamos à actualidade, à sétima alternativa de pai para filho, que acaba de celebrar-se em Santarém: é cedo ainda, eu sei, para a situarmos ao lado das seis que a precederam. Mas, se vaticínio é permitido, admito que David Telles irá alinhar na companhia, aliás honrosa, de Manuel Casimiro de Almeida e Simão Luís da Veiga: isto é, no grupo daqueles que, na arena, em vez de darem banho aos seus filhos, por estes acabaram suplantados. Não digo que João Ribeiro Telles irá despertar tanta paixão popular como José Casimiro de Almeida, ou ser falado por todas as arenas do Mundo, com essa saudades com que nelas ainda se recorda Simão da Veiga. Mas admito que a centelha do moço ateará pelas bandadas do lume que o classicismo às vezes indecisa de seu pai não foi capaz de acender, apesar dos tantos anos dum constante dignidade, dum nome prestigiado, resistindo aos ventos e marés de outros estilos e novidades.

Não houve grandes novidades, nem triunfos para a história, nesta corrida de Santarém em que reinou o companheirismo: a começou logo após as cortesias, quando o António Badajoz renunciou a entregar a primeira farpa da tarde, a que seria da alternativa, e com um abraço a deixou a Bacatum, para que com ela atravessasse a arena o sempre dedicado peão de confiança dos Ribeiro Telles. Companheirismo continuado para além da comovida cerimónia da alternativa, na troca de abraços em que se juntaram as casacas, as três azuis, dos cavaleiros: que na arena se iriam reunir mais vezes, nesse raro gesto com que, David primeiro e Moura depois, na hora do triunfo se lembraram dos companheiros, e os chamaram para com eles repartirem os aplausos da muita gente que ocorreu à praça de Santarém.

Para esses aplausos contribuíram, como em tal dia era obrigação sua, os touros da casa Ribeiro Telles, de aceitável presença, e só o último não cumprindo da forma a que nos vai habituando a divisa de Coruche — coisa de fazer crescer água na boca a essas grandes figuras que vivem à procura de touros cómodos; e com razão, pois sem touros cómodos já não seriam nem grandes nem figuras.

Tarde agradável, com méritos para que em alguns momentos as ovações se fizessem calorosas: no lidar vistoso e alegre de João Telles no primeiro, o da alternativa, n.º 73, negro, com 460 quilos, já que o último da tarde saiu apagado de mais para o luzimento; na galoiada em que David esperou e consentiu à saída do segundo, deixando depois arrastar-se a lide, as ovações só voltaram quando cresceu e se

recreou nos curtos cravados a quarto, luzindo-se até em piruetas e adornos de pai feliz; ovações também, as maiores, para forma como Moura sacou a espinha do terceiro da tarde, e no quinto meteu a praça no bolso, chuva foi de chapéus, não de flores, para, com o garbo de «Sandokan» a arte de quem é indiscutível número um; e primeira foi, entre as pegadas dos moços de Santarém, mais uma vez a do Nuno Megre, no último do touro passando como uma seta pelas ajudas, e ele fixe na ca-beça, como uma lapa, até ao fim.

Até ao fim esteve na tribuna o vice-Primeiro-Ministro, Freitas do Amaral. Não terá sido opção política, foi concerteza ignorância ou esquecimento; mas certo é que neste País pluralista os cavaleiros desta tarde de Santarém não cumpriram o Artigo 9.º do Regulamento Taurino, que obriga cada lidador a brindar o seu primeiro touro às altas entidades que estejam presentes. David e Moura entenderam que o brinde dos seus primeiros touros devia ser para o neófito cavaleiro, que para o pai guardara o seu: e os três se estiveram nas tintas para o tal Artigo 9.º, artigos aliás indesejáveis, como já em 1972 expliquei, ao comentar um regulamento que, bem vistas as coisas, foi feito para que tudo continuasse na mesma.

Sugestão final (que não vem no regulamento) para o João Ribeiro Telles: sendo tão diferente de seu pai, admirando-o sem cuidar de lhe ser igual, que cimitude numa coisa — tourear com o tricornio na cabeça. Eu já disse e repito, contra essa moda que se está a espalhar: a cabeça dum cavaleiro não serve só para pôr o tricornio, mas o tricornio é que só serve para se pôr na cabeça do cavaleiro.

Festival de trabalhadores

A CGTP-IN, em colaboração com a APTA, Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculo e Federação das Colectividades de Cultura e Recreio, organizou o II Festival Sindical de Teatro de Amadores. Este Festival, como o primeiro, resultou da selecção de alguns grupos que, ao longo de meses, apresentaram, com dezenas de outros, os seus espectáculos em todo o País. Realizou-se durante três dias nas seguintes cidades: Viana do Castelo, Porto, Viseu, Coimbra, Santarém, Lisboa, Setúbal, Beja e Faro, embora os espectáculos participantes tivessem sido apresentados em muitas outras localidades.

Por estar integrado no júri encarregado de escolher os espectáculos referentes à zona de Lisboa pude não só ver cerca de duas dezenas de espectáculos como contactar, menos superficialmente do que o costume, com os respectivos grupos.

Objectivos do teatro de amadores

O primeiro problema que se põe a quem queira fazer uma análise desses espectáculos e da actividade desses grupos, é o de saber em que medida será legítimo, e eficaz, utilizar uma bitola estética no julgamento dos trabalhos apresentados. Não ignoro que o teatro de amadores tem responsabilidades também nessa área, nem ignoro que amadores portugueses puderam já apresentar espectáculos de inegável qualidade artística. Aqui, porém, parece-me que o problema se coloca noutros termos. Os objectivos deste Festival, de acordo com o respectivo Regulamento, consistiam no seguinte:

1. Despertar o interesse po-

tencial das classes trabalhadoras pelas coisas culturais;

2. Lançar bases para a criação e/ou dinamização de grupos de teatro de amadores de Empresas e Sindicatos.

Estes objectivos implicavam, parece-me, a consciencialização por parte das entidades organizadoras de um dado adquirido: estava-se a partir do zero, pelo menos em grande número de casos. Isto significava que, em relação à maior parte dos grupos, não existia, à partida, o mínimo de condições que justificassem a exigência, pelo júri, da indispensabilidade de um estatuto estético por parte desses espectáculos. A contraprova podia tirar-se facilmente comparando espectáculos de grupos que não reuniam as condições necessárias para um trabalho aceitável, sob esse aspecto, e espectáculos de grupos já com certa experiência, dotados de meios humanos e materiais que potencializavam criações a outros níveis. O que podia acontecer, e efectivamente aconteceu, é que esses espectáculos apresentados por grupos situados nesta área tinham muito menos interesse, na sua globalidade, e reflectiam vícios e carências de criatividade, que os tornavam, afinal, menos aceitáveis do que espectáculos marcados por uma grande ingenuidade, por grandes incapacidades técnicas, pela inexistência dum estatuto, apresentados por outros grupos.

Este um ponto a considerar. Outro, tem a ver com os objectivos que os grupos visavam, com a identificação de cariz político que os grupos procuravam. Factor que não é de somenos importância, como se calcula, num Festival Sindical.

Por fim, não se pode deixar de ter em conta o próprio facto lúdico que o teatro representa e

que não se confunde, como é óbvio, com o factor estético. Por isso, surgem espectáculos que reflectem o desejo dos trabalhadores em actuarem num outro plano, sem preocupações formais, que não sejam esse trabalho que se faz por prazer, embora indissociável possivelmente da intenção política.

Da quantidade e da qualidade

Para resumir este II Festival da CGTP-IN, no que se refere à zona de Lisboa, sublinharei a fraca participação quantitativa e qualitativa de grupos com espectáculos infantis; a quantidade de grupos cujos espectáculos revelavam a especial preocupação em contribuir para o alerta do público, como praxis política; a incapacidade de grupos, com maior experiência, fazerem uma autocritica tendo em conta, por um lado, aquilo que pretendem fazer, por outro, as possibilidades de o realizarem de forma correcta.

Alguns espectáculos revelaram um certo equilíbrio entre as propostas estéticas e ideológicas, o que assegurava um trabalho eficaz, sob os dois pontos de vista. Era o caso do grupo Esteiros, de Alhandra, que apresentou a peça de Luiz Francisco Rebello, «O Dia Seguinte», encenação colectiva. Espectáculo cuidado quanto aos seus aspectos plásticos (cenário, luz), com actores jovens mas minimamente apetrechados, e até com uma intérprete com alguma força dramática, era, de certo modo, traído por um texto demasiado datado, que o autor devia rever (o que não parece difícil), sob pena de poder ser considerado contraproducente sob o ponto de vista de eficácia política, aliviando-o da carga de clichés que lhe dão um tom pseudolítico,

que se entendia durante o fascismo, mas que agora se torna quase insuportável. Não era, porém, o caso de um outro grupo, este com um historial muito maior mas revelando não ser capaz de apreender correctamente o significado das suas experiências. Refiro-me ao grupo de Carnide, dirigido por Bento Martins, que apresentou dois espectáculos: «A Cotovia», de Anoueth, e «A Grande Aventura», texto colectivo, ambos encenados por Bento Martins. O que choca nos espectáculos deste grupo (como já tenho referido) é não haver nos seus responsáveis a humildade necessária para se autocriticarem, ou para aceitarem como boas as críticas que lhes são feitas (embora seja certo que nem todas as opiniões coincidem).

O que há de positivo neste grupo é o facto de conseguirem reunir dezenas de jovens para trabalhar em teatro com regularidade, facto que talvez não se repita em nenhum outro sítio. O que há de negativo consiste no facto dos espectáculos apresentarem uma leitura errada dos textos que é dada através de formas cénicas marcadas por um «barroquismo» e por um sentido plástico de muito mau gosto. Com «A Grande Aventura» quis o grupo de Carnide contar, através de formas ritualistas, nada mais nada menos do que a história da humanidade desde os tempos primitivos. O resultado foi desastroso, como não podia deixar de ser: o texto surge como um «digest» da história onde havia por vezes erros clamorosos, e o espectáculo denunciava a incipiência, porventura irremediável, ao nível da expressão corporal e vocal, o que implicava quase que a sua destruição, pois era nessa base que pretendia

Continua na pag 16



Uma cena de «Quinteto», de Robert Altman

Hoje e amanhã no Quarteto

Luís Buñuel, Woody Allen e Altman

Três nomes célebres encaixam a programação a apresentar, a partir de hoje à noite, do XVII Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa a decorrer no Cinema Quarteto: Luís Buñuel, Woody Allen e Robert Altman.

De Buñuel ver-se-á uma obra desconhecidíssima do seu período mexicano intitulada de **A Filha do Engano** (tratou-se, para o nada conformista cineasta, de «virar do avesso», com soberba ironia, um dos típicos folhetins lacrimogénios de que aquele país é fértil). Allen não poderia deixar de surgir nos «Rostos do Cinema Cómico», desta feita com a sua farsa «no futuro»

conhecida por **O Herói do Ano 2000**. Num futuro incerto decorre também o filme de Altman que se antestreará: uma inquietante ficção-jogo intitulada **Quinteto**, contando com um «cast» espectacular encabeçado por Paul Newman, Vittorio Gassman e Bibi Anderson.

E, ainda, ao futuro nos transporta **O Cosmonauta Perdido**, fascinante ficção científica que, integrando o subciclo «Angústia Made in USA», revela Douglas Trumbull como realizador e não apenas como o genial criador dos efeitos especiais de 2001 ou **Encontros Imediatos**.

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ



SEMANA DE MADRID EM LISBOA

17 A 22 DE JUNHO

ZARZUELA

PELA

**COMPANHIA LÍRICA
ESPAÑHOLA**

DIAS 17, 18 E 21, ÀS 21.30 H.

DIAS 21 E 22, ÀS 16 H.

«LA DOLOROSA»

E

**«LA VERBENA
DE LA PALOMA»**

DIA 19, ÀS 16.30 H.

DIA 20, ÀS 21.30 H.

«LUÍSA FERNANDA»

COLABORAÇÃO DA
**ORQUESTRA LIGEIRA
DA RADIODIFUSÃO
PORTUGUESA**

BILHETES À VENDA

Não aconselhável a m/ 13 anos

Continuação da pag. 15

realizar-se. Não se pode deixar de reconhecer a boa vontade e o esforço feitos, nem o facto de haver um ou outro momento conseguidos, sob o ponto de vista cénico. Porém, teria sido melhor que o grupo tivesse estudado a fundo e seriamente um dado momento histórico e no-lo apresentasse através de formas menos pretensiosas mas mais eficazes.

Não se pode, também, deixar de reconhecer na encenação da peça de Anouilh uma coerência e até uma força que fazem do espectáculo porventura o que até hoje o grupo fez de melhor. No entanto, também aqui os excessos plásticos, sobretudo na caracterização e na utilização de luz negra, prejudica fortemente o resultado final. Sob o aspecto da luz negra, processo de que o grupo abusa não sei se convencido de estar a fazer moderno, poderei garantir-lhe que os espectáculos do teatro mundial mais ambiciosos, nos seus aspectos plásticos e até mais capazes sob o ponto de vista financeiro, como é o caso dos de Bob Wilson, dispensam truques como esse.

Por outro lado, a incapacidade de entender as relações das personagens, faz com que estas surjam monolíticas, sobrecarregadas, sem a subtilidade que os define. A isso escapava a personagem principal, graças também ao excelente trabalho da jovem intérprete.

A vantagem da simplicidade

Contrapondo-se a esta tendência estetizante, no mau sentido, outros espectáculos definiam-se pela debilidade das propostas cénicas em contraste com a força das propostas ideológicas. Um espectáculo apresentado pelo grupo da Carris com uma peça inédita de um trabalhador (facto que deve ser assinalado) propunha uma visão política correcta e em termos teatralmente eficazes mas muito carenciada como manifestação artística. Este espectáculo, de que uma intérprete tinha tal força que fazia esquecer o resto (seria uma «Mãe Carrar» ideal), punha

Festival de trabalhadores

em termos muito concretos o problema da dicotomia que comecei por assinalar: era um espectáculo correcto, e até comovente, dentro dos limites que se propusera não ultrapassar. Podia-se discutir se a sua carga emocional seria a mais indicada (tendo em atenção os ensinamentos de Brecht) mas dificilmente se podia pôr em causa as forças que essa carga desencadeava. Infelizmente, a segunda parte do espectáculo, constituída por um acto de variedades, revelava uma pobreza de imaginação, de criatividade e de gosto que não se pode aceitar por parte de trabalhadores conscientes do seu papel na sociedade.

Coisa semelhante se pode dizer, generalizando, em relação ao espectáculo apresentado pelo grupo Arte-Viva, da Amadora, com a peça de E. Navajas Cortés, «A Agonia do Defunto», encenada por F. Alves Santos. Numa peça tão carregada, no que se refere à sua mensagem política, um trabalho como este ressentia-se naturalmente da incapacidade do encenador e dos intérpretes em ir além da linearidade que o marcava. Esse aspecto era, porém, compensado pela seriedade, pela sinceridade inteira, pela simplicidade que o grupo manifestou. O facto foi, aliás, comprovado pela reacção da teatrológica francesa Anne Ubersfeld, professora do Instituto de Estudos Teatrais, de Paris, que reconheceu no trabalho uma ingenuidade sem fingimento, e por isso autêntica, que constituía a sua força.

Um grupo que não conseguiu dar uma ideia correcta das suas possibilidades, apesar de ter apresentado dois espectáculos, foi o GOTA, da Rua de São Mamede ao Caldas. Entre a «Farsa de Mestre Pathelin», espectáculo sem pretensões, erradamente apresentado para crianças, e «A Noite dos Assassinos», de José Triana, não se podia deixar de optar pelo primeiro. O segundo demonstrava a impossibilidade dos jovens do grupo em entender que não basta a boa vontade e o esforço para fazer um texto como esse que exige uma leitura dramática e uma

interpretação de que, normalmente, poucos grupos profissionais são capazes.

A surpresa do Festival aconteceu numa pequena mas antiga associação da Buraca, onde um grupo de jovens tenta, com alguma dificuldade, implantar uma prática cultural regular. O grupo representou uma espécie de revista, aliás com alguma originalidade formal, cujo texto continha surpresas curiosas. O mais interessante, contudo, consistia no facto de haver uma mistura saudável entre crianças e jovens cujos trabalhos diferenciados se articulavam muito bem, com a particularidade do trabalho das crianças ser da sua inteira responsabilidade, o que não é muito habitual. Mais, pois, do que as habilidades apresentadas, interessou-nos a proposta do grupo como colectivo.

Um reparo: o espectáculo abusava do «play-back» o que prejudicava, sem remédio, a sua comunicação. Aparentemente de que havia vozes razoáveis entre os intérpretes. O seu aproveitamento impunha-se, portanto.

O ovo de Colombo

Se houve alguns espectáculos que não pude ver, não quero deixar de referir um outro que apresentava uma proposta de recriação de Gil Vicente, discutível e até, em certos aspectos, primária, mas a ter em conta. Tratava-se do Grupo «Os Bonifrades», do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, que apresentou uma encenação de Mário Pereira da «Farsa de Inês Pereira». Imagina-se a dificuldade dos amadores em representar Gil Vicente, dificuldades que nem sempre o encenador conseguiu superar, sobretudo porque o tratamento de actualização a que submeteu o texto, a sua politização, raramente resultaram. No entanto, o espectáculo funcionava por vezes e revelava a capacidade do grupo para trabalhos inicialmente menos ambiciosos.

Deixei para o fim o que foi, talvez, o espectáculo mais importante do Festival: a peça inédita de Virgílio Martinho, «Um

Povo Amigo de Lutar», encenação de José Manuel Osório, poemas de Rui Gomes, música de Artur Alves, primeiro espectáculo do grupo Brigada Alfredo Dinis, do CIC.

Conta a peça de Virgílio Martinho a história, tão bela, da luta dos trabalhadores da Corame contra a desintervenção, em 1979, texto baseado em parte na reportagem de António Costa Santos publicada no «Diário».

Espectáculo que conseguiu ser, ao mesmo tempo, um divertimento, no sentido mais alto da palavra, conter uma informação factual considerável, e propor uma reflexão aprofundada sobre a problemática em questão. «Um Povo Amigo de Lutar» não podia deixar de ser fortemente brechtiano. Para isso contribuiu — e como! — o duplo trabalho de um jovem que, sobretudo na primeira parte, atingiu uma força invulgar, mesmo tendo em conta o teatro profissional. Refiro-me a Artur Alves, autor da música e intérprete das canções, que deu ao espectáculo um «punch» sensacional.

Espectáculo extremamente comovedor sem deixar de ser extremamente crítico, espectáculo que superava as debilidades da maioria dos intérpretes pela sua própria autenticidade. «Um Povo Amigo de Lutar» propunha, afinal, e com grande simplicidade, aquilo que muitos procuramos: um teatro político, popular, eficaz, sensibilizador, belo. Uma lição a ter em conta.

E foi isto, pouco mais ou menos, o II Festival Municipal de Teatro de Amadores no que a Lisboa se refere. Terminado o Festival, cerca de vinte jovens puderam participar num breve curso dirigido por Joaquim Benite e que, além das sessões de trabalho, propunha o visionamento e debate de espectáculos profissionais em cena: «As Três Irmãs», «O Dragão», «Preto no Branco», pelo menos. Que tudo isto tenha sido feito, não pelo Governo, não com o apoio oficial, mas pelos próprios trabalhadores através das suas estruturas organizativas, é uma coisa que dá que pensar, não é verdade? **Carlos Porto**

ROBERT DUVAL O NOTÁVEL ACTOR
DE «APOCALYPSE NOW» E «IKE»



Na tradição
de Patton
mas sem
guerra para
combater...
combatia o
mundo à
sua volta

**A FURIA
de um
HERÓI**

sabia
lutar
mas
esquecera
como
amar

BCP Apresenta THE GIFT OF FURY
com ROBERT DUVAL · BLYTHE DANNER
e MICHAEL O'KEEFE · STAN SHAW

Escrito e Realizado por LEWIS JOHN CARLINO Baseado na novela de PAT CONROY

Produção de CHARLES A. PRATT Música de ELMER BERNSTEIN

Prints by Technicolor® An ORION PICTURES Release Thru WARNER BROS. A Warner Communications Company

HOJE ÀS 21.30 — ESTREIA NO **ESTUDIO 444**

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Grande torno vertical

TEMOS HORAS DE TRABALHO
DISPONÍVEIS

Thies Lda — Apartado 20 — Leça da Palmeira
Telef. 995 20 48

2 "OSCARs"
DA ACADEMIA



BARBRA
STREISAND / REDFORD

numa emocionante história de amor que nos leva a recordar

**O NOSSO AMOR
DE ONTEM**

(THE WAY WE WERE)

Um filme de SYDNEY POLLACK

HOJE ÀS 21.30 H. NO **City**

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

EM EXIBIÇÃO
TEATRO
DA
GRAÇA

Trav. S. Vicente, 11 Telef. 875626

na LARSON...
...
D. JOÃO
...
A MÁSCARA
...
O NOVO TEATRO

Enc. José Gh — Int. João La-
garto

SÓ ATÉ DOMINGO

Diariamente às 21.45
Domingos e Feriados às 18 horas
Maiores de 13 anos
Os sócios da Voz do Operário têm
entrada gratuita

50% desconto aos sindicalistas
e estudantes

Subsidiado pela Secretaria
de Estado da Cultura

Angústia Desespero Solidão
uma voz amiga estará contigo

54 45 45



Canal da crítica

Mário Castrim

... Mas o pesadelo pode ser vencido

Foi pior do que um filme de terror. O serão de ontem da TV chamou-se pesadelo. Que pode acontecer amanhã. Se.

Na realidade, a ameaça da total destruição total pesa sobre o mundo. Quase dão vontade de rir aqueles abrigos antiatómicos que, por lei, devem ter todos os edifícios a construir (será para salvar as pastilhas elásticas?), sendo certo que, sob a mira dos mísseis ou na vizinhança dos alvos, a morte é apenas uma questão de tempo...

Aliás, isso ficou bem expresso no filme. Recordemos que, há tempos, quando o Governo português envergou mais uma vez a libré da NATO (por isso se diz que o Governo AD é um Governo Natifundário) para se arrastar aos pés dos chefes belicistas, foi dito alto e bom som que, em caso de ataque por uma só ogiva nuclear, cidades como Lisboa, Porto e Coimbra, iam pró maneta num abrir e fechar de olhos.

Isto devia servir como aviso para nos não metermos em aventuras com as quais só temos a perder. Mas a sujeição Natifundária continua, com um governo que significa destruição, ruína, morte.

É preciso ganhar a paz

A guerra que devemos evitar estava excessivamente marcada pelo ponto de vista americano, sendo notória a criação artificial de um clima anti-soviético. Por outro lado, no entanto, foi impossível à BBC fugir à realidade que, a muitos responsáveis americanos inclusive se mete pelos olhos dentro. A saber:

1) - Que a União Soviética não ameaça nunca ameaçou, nem é crível que seja a primeira a utilizar a arma nuclear, aliás repetidamente o afirmam os seus dirigentes;

2) - Que o sistema de segurança soviético inspira infinitamente mais confiança;

3) - Que a NATO e os Estados Unidos, perigosamente, rodeiam a União Soviética com um poderoso arco agressivo (Portugal inclui-se nesse arco...) que acaba de incluir a China «que se ofereceu para compensar as rupturas no Irão e no Afeganistão...»

Evidentemente, por muito elevado que seja o nível de segurança, a guerra devido a um engano é possível. Os erros, há dias verificados no computador americano que avisava da aproximação de mísseis soviéticos são a melhor prova.

Que fazer então para diminuir os riscos da catástrofe? O filme de ontem foi bem claro: antes de mais nada, interditar a tecnologia de novas armas, não aumentar o arsenal para com a escalada do terror.

Trata-se de matéria pela qual os defensores da paz há muito se batem, contemplada no acordo SALT II e no desenvolvimento da coexistência pacífica. A perda, pela América, das suas bases de espionagem, e de ataque no Irão e no Afeganistão, levou os Estados Unidos a uma situação de histeria e serviu de pretexto à criação de novos focos de tensão.

Claro que tal situação não pode durar muito, pois os povos dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha não morrem de amores por uma guerra nuclear.

A gravidade consiste em que tal histeria bélica se destina a encobrir a crise da sociedade ocidental, a braços com o desemprego, a miséria, a angústia. As classes dominantes apenas buscam atrasar a inevitável solução da crise: assentar a sociedade em bases mais justas, mais racionais, mais fraternas.

O jogo maldito

Torna-se indispensável tomar medidas que reduzam as tensões, promovendo a aproximação

ção e o entendimento entre todos os povos. Regras como aquela inscrita na Constituição Soviética e que proíbe a propagação da guerra, devem ser seguidas com urgência, nos países ocidentais.

A revista, «TEMPOS NOVOS» no seu número 13, de Março, último, refere a existência nos Estados Unidos de um novo jogo, **A Guerra Futura**, de que se faz imensa propaganda. O jogo - pode ler-se - **permite imitar batalhas terrestres, aéreas e navais na Europa, planificar vertiginosas operações para rechazar ataques do bloco de Leste a países da Europa ocidental. O jogo inclui cinco mapas pormenorizados, dois guias de 72 páginas e mais literatura informativa (...)** o criador deste «hobby» que ganhou toda a América é um

tal James Dunnigan, cujos lucros subiram de 40 mil dólares, em 1970, para dois milhões e meio em 1979. A produção de Dunnigan tem aceitação até no Pentágono que incluiu algumas «situações de conflito» no plano de instrução dos oficiais.

Os perigos a que estamos sujeitos, como ontem dramaticamente vimos, não se compadecem com esta educação para a guerra, verdadeira loucura. Como não se compadecem com a política de agressividade internacional, seguida pelo Governo AD. Abrir as portas ao mundo, desfazer barreiras, é obra de paz. É obra do 25 de Abril.

Claro os inimigos de Abril tinham de ser inimigos da Paz. Temos de os impedir que brinquem com o fogo.

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA (ISPA)

Organiza:

SEMINÁRIO SOBRE: ADAPTAÇÃO ESCOLAR E INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

Orientado por

Marianne Hardy; Monique Breaté; Elvira Lima investigadoras no S.R.E.S.A.S. do Institut National de la Recherche Pédagogique.

Datas: 7 a 11 de Julho das 9 às 13 Horas

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

Av. Marquês de Camar, 33, 4.º, Esq. Lisboa Tel. 760951



Câmara Municipal do Barreiro

FORNECIMENTO DE MÁQUINA DE RASTO CONTINUO PARA ATERRO SANITÁRIO

Acceptam-se propostas para o fornecimento de Máquina de rasto continuo para aterro sanitário **apetrechada de pa carregadora de rastos**, de acordo com o Programa e Caderno de Encargos que pode ser consultado nos Serviços de Higiene e Limpeza da Câmara Municipal. Edifício dos Paços do Concelho, nas horas normais de funcionamento.

As propostas deverão dar entrada na secretaria da Câmara até ao dia 30 de Junho do ano corrente.

Barreiro, 16 de Junho de 1980

O PRESIDENTE
HELDER DA SILVA NOBRE MADEIRA



Uma cena da telenovela «Dancin' Days» que dentro de dias termina a sua exibição através da RTP-1

Hoje

RTP-1

- 18.30 **Sumário**
18.35 **Histórias Contadas** - «O Chico Maravilhas e a Festa na Aldeia».
19.00 **País, País**
19.20 **Condição Mulher**
20.00 **Telejornal (C)**
20.35 **«Dancin' Days»** - (C) episódio n.º 173.
21.15 **O Tempo (C)**
21.20 **1.ª Página** - uma reportagem sobre têxteis.
22.05 **«Os Três Milagres»** - intérpretes: Carlos Duarte, Manuel Coelho, Fernanda Figueiredo, Graça Vitória, João Rodrigo, Mário Sargedas, José Capela, Rolando Alves, Andrade e Silva, Carlos Cunha, Maria Alexandra, Luís Horta, Armando Venâncio, Adelaide João, Carlos Daniel e Benjamim Falcão.
23.10 **24 Horas (C)**
23.25 **Fecho**

RTP-2

- 20.30 **Campeonato da Europa de Futebol** - Transmissão, via Eurovisão, do jogo de futebol Alemanha-Grécia.
22.00 **Informação/2 (C)**
22.30 **«Zé Gato»** - episódio intitulado «Moeda Falsa».
23.30 **Fecho**

NB - os programas que têm a indicação (C) são emitidos a cor.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

RTP-1
«Os Três Milagres» (22.05)

RTP-2
Alemanha-Grécia (20.30)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef. 2112871

Amanhã

RTP-1

13.20. Ciclo Preparatório TV. 18.30. Sumário. 18.35: «Guerreiro do Inferno»; 19.00. País, País. 19.20. Campeonato da Europa de Futebol - transmissão directa do jogo Itália-Bélgica; 21.20. Telejornal; 21.50. O Tempo; 21.55. «Dancin' Days» - episódio n.º 174 (1.ª parte); 22.40. Vamos Jogar no Totobola; 22.50. Jogos Sem Fronteiras; 23.05. Benny Hill; 23.30. Fecho

RTP-2

20.30. Informação Especial. 21.00. School Prom - 8.º programa. 21.30. Informação/2; 22.00. Desporto; 23.00. Fecho

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

«QUE FAREI COM ESTE LIVRO»

Peça de J. Saramago (sobre Camões e os Lusíadas)

EM ENSAIOS

SUB. SEC.

teatro da barba

teatro da cornucopia

Capitão Schelle
Capitão Schelle
Região

Todos os dias às 21.30 h
Dom. só às 17.00 h
2.ª-feira descanso
n/acons. men. 18 anos
Subsidio de S.E.C.

GITUS
TURISMO SOCIAL

HUNGRIA 80
BUDAPESTE
CIRCUITO BALATON

de 29 de Junho a 9 de Julho
- Passeio de barco no Danúbio
- Visitas Culturais e Sociais
- Hotéis de 1.ª classe

Preço 28 5000\$00 (tudo incluído)

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE:
GITUS
Av. da Liberdade, 713, 1.º Dt. Lisboa
Tels. - 32 05 56-32 06 38-36 43 03

atelier BELO MARQUES
R. da TRINDADE, 5-2.º dt. 1200-LISBOA
R. VITOR CORDON, 12 - Telf: 371254 - 360868
OFICINAS PRÓPRIAS - R. DO FERRAGIAL, 24-28 TEL-320626 LISBOA

medalhas progressistas

MAIOR PRODUÇÃO DE TEMAS SINDICAIS - OBRZEIOS - CAMARARIOS - NACIONALIZAÇÕES

1908

UNIDADE PARA TODA A GENTE

Compelmo

MEDALHA COMEMORATIVA DO CENTRO SOCIAL DA QUINTA DA BOAVISTA

MELEÇAS

80MM PEDIDOS AO CENTRO SOCIAL

ROTEIRO CULTURAL

Presença cultural de Trás-os-Montes

A cultura e a vida em Trás-os-Montes são tema de um conjunto de intervenções que assinalam hoje, à noite, a partir das 21.30, na Casa do Alentejo, em Lisboa, o lançamento do livro «Contos Transmontanos», de Modesto Navarro.

Urbano Tavares Rodrigues apresentará o novo livro e falará do seu autor. Acerca de Trás-os-Montes e da sua história fará uma intervenção o historiador António Borges Coelho. José Peixoto, actor, lerá um dos contos incluídos no livro de Modesto Navarro. Finalmente, será exibido o filme de Manuel Costa e Silva «Festa, Trabalho e Pão em Grijó de Paradá».

Simultaneamente será inaugurada uma exposição da pintora transmontana Graça de Moraes.

Exposições

O grupo «Paralelo 12» e a sua exposição itinerante de pintura, escultura, desenho e gravura estão patentes até ao fim do corrente mês na Escola D. António da Costa, em Almada, numa iniciativa que conta com o apoio da Câmara Municipal.

Na exposição encontram-se representadas obras de

Adão Rodrigues, Alberto Gordillo, Alvaro Perdigão, António Carmo, António Trindade, Cipriano Dourado, Estêvão Soares, Guilherme Mateus Casquilho, Hilário Teixeira Lopes, José António Flores, João Hogan, Maurício Penha, Querubim Lapa, Ribeiro Farinha, Rogério do Amaral, Silva Palmeira e Zé Júlio.

Na Galeria de Arte do Casino Estoril é inaugurada amanhã, pelas 22 horas, uma exposição de Manuel Cargaleiro, na qual serão apresentadas quatro novas tapeçarias deste artista, além de um valioso conjunto de trabalhos produzidos num período que vai desde 1957 até à actualidade, abrangendo as suas várias fases, por forma a dar uma panorâmica possível da evolução estética deste artista, que nunca poderá ser completa, dada a vastidão da sua obra.

Além das quatro magníficas tapeçarias manufacturadas por Fortunato Silvério, Ld.ª, do Porto, sobre cartões de grande beleza, em que resalta o cromatismo riquíssimo, numa alegoria de cores e alegria, que são características deste artista, apresentam-se, ainda, 13 óleos, produzidos entre 1964 e 1980, cerca de duas dezenas de guaches e cerâmicas, entre as quais três dos seus melhores painéis, além das últimas gravuras executadas pelo artista, nomeadamente a dedicada a Castelo Branco e feita para a exposição a inaugurar naquela cidade no próximo dia 21.

Esta exposição é completada com 60 trabalhos de pintura, desenho e gravura de 42

autores nacionais e sobretudo estrangeiros da colecção particular de Manuel Cargaleiro. Recordemos que o artista vive há quase 25 anos em Paris e aí tem conhecido e privado com dezenas de artistas das mais diversas tendências e correntes. Integram esta exposição trabalhos de alguns pintores da Escola de Paris: Vieira da Silva, Arpad Szénes, Hartung, Lansky e Bissière; estão ainda presentes Max Ernst, um dos representantes do dadaísmo alemão e fundador do surrealismo; Marcel Cahn, da escola do neoplasticismo de Piet Mondrian; Von Endt, da escola alemã; Szasz, húngaro da Escola de Paris; Sônia e Robert Delaunay, precursores do movimento de pintura abstracta francesa e que viveram em Portugal em 1915 e 1916; Alberto Magnelli, um dos principais pintores abstractos da Escola de Paris e precursor do modernismo italiano; o dinamarquês Montsen, abstractista geométrico; Magdalena Radulesco, um dos mais importantes pintores romenos dos nossos dias; Luc Peire, representante da corrente concretista; Cícero Dias e Athos Bulcão, dois dos mais representativos artistas brasileiros actuais; Jacques Villon, Goetz e Prininger, mestres da gravura; Gina Pane, perscrutora do recente movimento «body art»; a russa Natalie Gontcharova, uma das representantes mais conhecidas do «raionismo»; além de um conjunto de consagrados artistas portugueses, incluindo Jorge Barradas, Costa Pinheiro, Bertino, Lagoa Henriques, Barros, Manuel Bentes, Ribeiro de

Pavia, Pedro Avelar, Francisco Relógio e o alemão Hein Semke, há quase cinquenta anos radicado no nosso país. Esta exposição de Manuel Cargaleiro e da sua colecção particular ficará patente ao público até ao próximo dia 29.

Zarzuela

No âmbito da Semana de Madrid em Lisboa, estreia-se hoje no São Luiz a Companhia Lírica Espanhola.

Assim, hoje, amanhã e nos dias 21 e 22, a companhia apresenta «La Dolorosa», original de Juan José Lorente, com música de José Serrano, e ainda «La Verbena de La Paloma», de Ricardo de La Vega, música de Tomás Bretón.

Nos dias 19 e 20, será cantada «Luísa Fernanda», letra de Frederico Romero e Guilherme Fernandes Shaw, com música de Moreno Torroba.

A parte musical está a cargo da Orquestra Ligeira da Radiodifusão Portuguesa.

Teatro

A Companhia do TEP continua a apresentar nas instalações da ex-Escola Académica, no Porto, a peça infantil/juvenil «Romance de Nicomícion e Adelala» de Eduardo Blanco Amor, traduzida por Norberto Ávila e encenada por Xosé Gilino Gil. Os cenários e figurinos são da autoria de Mário Alberto e a interpretação está a cargo de Fernanda Gonçalves, Emília Silvestre, Lucinda Loureiro, João Enes e José Maria Es-

A AD em dificuldades

Continuação da pag. 3

ciais) e com o Conselho da Revolução (bastará recordar o célebre «pronunciamento militar» e as confrontações em torno da Lei de Dilitação de Sectores e do Recenseamento Eleitoral).

Neste contexto a AD exprime um discurso político híbrido: é simultaneamente poder e oposição, assumindo daquele as responsabilidades da sua própria ineficácia e as sequelas das suas propensões autoritárias, e desta a lógica negativista de funcionamento, a propensão destabilizadora e insegura. A tão falada dimensão de estadistas dos dirigentes da AD cai assim por terra, quer pela precipitação ilusionista da guerrilha institucional que conduzem em termos de política interna, quer pelo provincialismo ridículo e bacoco da «política» externa que aplicam num servil atentismo pelos designios dos centros internacionais mais reacçãoários.

4. Esta situação gera naturalmente fissuras no seio da própria AD. Como no futebol quando uma equipa sofre alguns significativos desaires logo aparecem os primeiros associados reclamando a «chicotada psicológica» que inverte o curso dos acontecimentos. Também com a AD se passa o mesmo: aparecem já as primeiras vozes que reclamam do próprio seio da maioria uma alteração do curso dos acontecimentos.

Com efeito, a perda de fôlego da AD neste último mês é um dado inegável. E nem o anúncio público da candidatura de Soares Carneiro per-

mitiu insuflar sangue novo na maioria; pelo contrário, introduziu novos factores de divisões cujas principais consequências, pensamos, ainda estão para vir.

A partir deste dealbar de Junho iniciou-se a contagem decrescente em ritmo vertiginoso para os próximos actos eleitorais. A AD começa a faltar tempo e determinação, a sua própria orientação estratégica emperra em vários escolhos, gera controvérsia no seio dos seus dirigentes, mostra-se incapaz de satisfazer cabalmente as aspirações dos diversos sectores sociais que em Dezembro de 1979 convergiram e possibilitaram a sua vitória eleitoral.

Mas não nos podemos iludir! As dificuldades da direita não significam forçosamente ganhos da esquerda. A conjuntura é propícia para o lançamento de uma alternativa credível, o momento este mesmo. Mas se o deixarmos passar, se permitirmos que a direita reformule a sua estratégia política beneficiando da passividade das forças da esquerda, se consentirmos consciente ou inconscientemente em que a AD recupere a margem de manobra que tem vindo a perder, então teremos que suportar por quatro anos um Governo de direita com todo o caudal de sequelas que inevitavelmente comportará na limitação das liberdades fundamentais dos cidadãos e no reforço do pendor autoritário que a governação da AD hoje prenuncia já.

A palavra cabe às forças da esquerda pois. E as responsabilidades também.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS		(Por UNIDADE)	
	COMPRA	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	50\$30	55\$30	
ALEMANHA FED (marco)	27\$40	28\$50	
AUSTRIA (xelim)	3\$75	3\$95	
BELGICA (franco)	1\$639	1\$739	
BRASIL (cruzeiro)	\$619	\$869	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41\$70	43\$70	
(notas de 5 a 1000)	42\$20	44\$20	
DINAMARCA (coroa)	8\$80	9\$20	
ESPAÑA (peseta)	\$655	\$755	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	47\$95	49\$95	
(notas de 5 a 1000)	48\$45	50\$45	
FINLÂNDIA (marca)	13\$25	13\$85	
FRANÇA (franco)	11\$75	12\$35	
HOLANDA (florim)	25\$00	26\$00	
INGLATERRA (libra)	11\$40	11\$740	
ITALIA (lira)	\$053	\$063	
JAPÃO (iene)	\$203	\$233	
NORUEGA (coroa)	9\$95	10\$45	
SUECIA (coroa)	11\$60	12\$20	
SUIÇA (franco)	29\$70	30\$80	
VENEZUELA (bolívar)	9\$75	10\$75	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, a Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e pouco nublado a Sul do referido sistema; o vento era geralmente fraco de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	15°
VILA REAL	16°
PORTO	18°
PENHAS DOURADAS	10°
COIMBRA	18°
CABO CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	20°
ÉVORA	17°
SINES	18°
BEJA	18°
SAGRES	18°
FARO	22°
PONTA DELGADA	19°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.07 3,5 m 11.28 1,3 m	
18.24 3,7 m	
Dia 18	
6.51 3,4 m 0.06 1,3 m	
19.09 3,5 m 12.14 1,5 m	
Dia 19	
7.39 3,2 m 0.56 1,5 m	
19.59 3,4 m 13.07 1,6 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo temporariamente muito nublado no litoral Oeste a norte do Cabo Carvoeiro; Vento fraco ou moderado de Norte; neblina matinal a Norte do Cabo Mondego.

NAScer ÀS 6.12
OCASO ÀS 21.05

DIA 20 DIA 28 DIA 5 DIA 12

rádio

1.º Programa

17.30. Sem margem. 19.30. Jornal da noite. 20.00. Grandes orquestras. 21.00. Columbofilia. 21.15. Guitaradas. 21.30. 17.º episódio do folhetim «O Retrato de Ricardina», de Camilo Castelo Branco. 24.00. Jornal da meia-noite

2.º Programa

18.00. Música portuguesa; 19.00. Terra viva, planeta azul, um programa sobre ecologia; 19.30. Canções; 20.00. Ciclo Brahms; 21.00. Música sinfónica; 21.30. Aspectos da moderna música espanhola; 22.30. O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00. Intercâmbio musical; 00.25. Música de câmara; 01.00. Fecho.

Rádio Comercial (290m)

17.03. Contacto; 18.45. O mundo da Fórmula 1; 19.45. Teatro trágico; 20.03. Quando o telefone toca; 20.30. Cartaz; 21.03. Novas de alegria; 21.30. Quando o telefone toca; 22.03. Quando o telefone toca; 22.30. Portugal e a CEE.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03. Rock em stock; 17.30. A história do rock inglês; 18.03. Circulo em FM; 19.03. Em órbita; 21.03. Café concerto

544545

centro SOS voz amiga

Tiragem média diária do mês anterior: 49 739 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 12659

HORIZONTAIS:

- Hastes. Completo. Bromo (sq).
- Sairiam frequentemente à rua. Dé pios.
- Artigo definido. Raer. Vossa Alteza.
- Espécie de labro (peixe). Compro.
- Deus supremo da religião Fenícia. Género de moluscos.
- Letra grega. Preposição e artigo. Zombar.
- Vazio. Sufixo que designa estado. Alimento para engordar.
- Cinquenta e um em romano. Rápidas.
- Frutos do tomateiro.
- Membro de ave. O mesmo que caris.
- Bau. Espaço de trinta dias.

VERTICAIS:

- Vantagens. Vira.
- Pronome pessoal. Prefixo que designa afastamento. Zelosa.
- Fasquia. Abismo.
- Borrifal. Apellido.
- Região alpestre dividida entre a Áustria e a Itália e que pertenceu inteiramente aos Estados austríacos. Diferente.
- Preposição e artigo (inv). Equipel.
- Decímetro. Punhado. Guarnecim de asas.
- Turno. Crómio (sq). Hospedaria oficial na China.
- Impedirei de andar. Reis.
- Bismuto (sq). Salpicara.
- Fizeras eco. Isolado.

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8719

HORIZONTAIS:

- Flutuar. Divisões de uma casa.
- Estimar. Bengala.
- Moda. Piedosa. Viscera dupla.
- O mais. Ilha numa das bocas do Danúbio. O lado do vento.
- Foles. Burras.
- Raera. Caminhar.
- Quebrara as bordas ou os ângulos.
- Rezas. Aprel.
- Solitários. Sadias. Seguias.
- Basta. Trabalho à noite. Cálcio (sq).
- Estimais. Solução.

VERTICAIS:

- Cremes. Naco.
- Afiar. Ratem.
- Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Aposento de condenado, em cadeias penitenciárias (pl).
- Clima. Colocarás. Nota musical.
- Ponderas. Catedrais.
- Notou. Comer à ceia.
- Termino. Vai para fora.
- Actínio (s.q). Pertences. Zomba. Grande ribeira da Ásia Russa.
- Pátria. Rio do Congo francês explorado por Bouzza em 1881.
- 10Esmaltar de azul. Origem.
- Uma das Espóradas. Unes por casamento.

HORIZONTAIS:

- FILHO DE VS
- Alt. Amaç
- Rua Sacodem
- It Tas Co
- Assolar Mur
- Sa Me Cela
- Moa Avelá
- Gorro Ana
- Arear Ladra
- T. Sata
- Omo Mas Suo.

VERTICAIS:

- Fartas GATO
- Itu Samorim
- Liais. Ore
- Tomaras
- Sao Le Oram.
- MATA Ta'
- Dacar. Valas.
- Ecos. Cena
- Ad Meladas
- Ecula
- Samora RATO

HORIZONTAIS:

- Parca Altas
- Adiar Baila
- Sao.Cia Las
- Só. Bã La Rs
- Caveira
- Cara Zama
- Cos. Amaro
- As An
- Lia Arc Has
- Magas Acamo
- Asada Sés

VERTICAIS:

- Passa Calma
- Adao Cosias
- Rio Cas Aga
- Ca Bar Ad
- Arcavam Asa.
- Fr
- Abaliza Cao
- La Aramã
- Til Amanhas.
- Alar Ar Ame
- Sasse Ossos

Lisboa

PERMANENTE

ANUNCIADA, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **NOVA LUZ**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALENTEJO**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **CARDOTE**, Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **CENTRO FARMACÉUTICO**, R. Portas de St. António, 88 (T. 321211); **GOMES SUC**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **URBANO DE FREITAS**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **PEREIRA PINTO**, Av. Almirante Reis, 121-B; **S. TOMÉ**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **MARLUZ**, C. da Picheleira 140-B-C (T. 880703) e R. Prof. Mira Fernandes, MAF. LARANJEIRAS, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **BRANCO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **GOÑÇALVES PIMENTEL**, Az. dos Besouros, lote R-8

REFORÇO

VERA CRUZ, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **SANTA CRUZ**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **ULTRAMARINA**, R. de S. Paulo, 99-101 (T. 321771); **COSTA**, R. dos Lusitãos, 30-32 (T. 636704); **NOVA IORQUE**, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **OLIVEIRA**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ASCENSO**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **MONTE**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **NOVAIS**, Av. Luis Bivar, 11-13 (T. 44324); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **MATOS**, T. Prioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305)

Outra Banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504); **COVA DA PIEDADE**: Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO**: Feljó, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA**: Chal, Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO**: Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035); **AMORA**: Julieta Campos, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL**: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTEJO**: Moderna, R. Buião Pato, 60 (T. 2310156); **MOTA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239025); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, Até às 21 horas. **ALCABIDECE**: Carvalho, Até às 21 horas. **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, Até às 21 horas. **OEIRAS**: Mourão Vaz, Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS**: Leal, Até às 24 e das 0 às 9

Outros Espectáculos Lisboa

OLIMPIA - «Felicja», sessões permanentes (18 anos)
CINEARTE - «Os Desertoires», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «O Gato e o Canário», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO - «Sonhos Sensuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
PARIS - «Paixão e Aventura», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Os Bons e os Maus», às 21.30 (13 anos)
LUMIAR - «A Velha Senhora Indigna», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Estúdio Flores - «O Comboio do Medo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Cine Plaza - «Arrasa Quarteirões», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - Lido - «A Invasão dos Violadores», às 21.30 (18 anos)

horas; **CARCAVELOS**: Central, Até às 22 horas; **Vilar**, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29-B (T. 260085), até às 21 horas; **PAREDE**: Alsir, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948), Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas; **AMOREIRA**: Amoreira (T. 262313/267314) Até às 22 horas; **ESTORIL**: Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116), Até às 21 horas; **CASCAIS**: Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044), Até às 21 horas; **Marginal**, Av. Marginal (T. 280078), Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210), Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756), Até às 22 horas; **DAMAIA**: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461), Até às 22 horas; **QUELUZ**: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **CAMARATE**: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); **CACÉM**: Araújo e Sá, E. Paço de Arcos, lote 1-B (T. 2940781); **AGUALVA-CACÉM**: Mira Sintra, P. N. Torre, 310, Até às 20.30; **ALGUEIRÃO**: Rodrigues Rato (T. 2912038), Permanente; **MERCES**: Claro Russo, Até às 21 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194) Até às 23 horas; **SINTRA**: Gomes da Silva, Portela Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 299088)

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, Permanente; **SACAVÉM**: Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025), Até às 22 horas.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016 (T. 60342); **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136 (T. 52344); **GOMES FERREIRA**, R. Faria Guimarães, 449 (T. 481907); **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076 (T. 481158); **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo Mártires da Pátria, 122 (T. 24262); **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61 (T. 21566); **LOUSADA**, L. do Campo Lindo, 62 (T. 480353).

DE DIA E TODA A NOITE

FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B (T. 681975); **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola (T. 27420); **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (T. 22884); **NAU VITÓRIA**, R. Nau Vitória, 723 (T. 490427)

Coimbra

DAS 9 HORAS, ÀS 9 DO DIA SEGUINTE
ATÉ ÀS 22 HORAS

CRUZ VIEGAS, R. do Brasil 154 (T. 74821)

SERVIÇO PERMANENTE

MONTE CLAROS, R. Dr. António J. Almeida, 69 (T. 25904)

Cineclubes e cinemas privados

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
SALA A
ABC do AMOR
Não acons. m. 18 anos
SALA B
As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
interdito men. 13 anos
CUBA

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 14, 16.30 19 e 21.30
para todos
A LINDA DITADORA
com Frank Sinatra
Esther Williams, Gene Kelley

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
As 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. men. 18 anos
Marlon Brando, Robert Duval, Martin Sheen em
APOCALYPSE NOW
Um filme de Francis Ford Coppola
As 24.00 não acons. men. 18 anos
OS SELVAGENS DA NOITE

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
ENCERRADO PARA MELHORAMENTOS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
James Brolin, Margot Kidder, Rod Steiger
AMITYVILLE (A Mansão do Diabo)
um filme de Stuart Rosenberg (colorido)
Não acons. men. 18 anos
5.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Productions apresenta
HERBIE NO RALLY DE MONTE CARLO
com Dean Jones Don Knotts, Julie Sommars
Technicolor
2.ª semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
DESCULPE O FICA O FAR-WEST?
a mais lendária e humanista lenda do Velho Oeste

Transportado pelos
Caminhos de Ferro Portugueses

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
5 Óscar da Academia
13.ª semana de êxito
Não acons. m. 18 anos às 23.45
A MORTE DE UM CANALHA

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int. men. 18 anos
Um snack do sexo
SEXO SELF SERVICE
pornográfico Hard Core
As 24 horas, Não acons. m. 18 anos
CAI A NOITE SOBRE A CIDADE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
As 14.15, 16.30, 18.45, 21.45 e 24.00
Não acons. men. 13 anos
AMERICAN GRAFFITI
(Nova Geração)
Um dos 10 melhores filmes do ano
5.ª Semana

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O PASSAGEIRO DA CHUVA
Um filme de René Clément
com Charles Bronson e Marlène Jobert

CITY CINE 579460

Rua Tomás Ribeiro, 34
Estreia às 21.30
Não acons. men. 13 anos
O NOSSO AMOR DE ONTEM
Um dos melhores filmes de Sidney Pollack
com Barbra Streisand e Robert Redford
As 23.45
DUEL NO MISSOURI
de Artur Penn

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
As aventuras do mais célebre agente secreto do Mundo
O MAGNÍFICO AGENTE
C/Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset

DOIS MIL 2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés
As 15.30 e 21.30
Int. a menores 18 anos
MENINA BONITA

D. JOÃO V 971794

Pr. Centro Comercial - Damala
As 21.30
Não acons. menores 13 anos
O SEU PRIMEIRO AMOR
Um filme de Joan Darling
com William Kat e Susan Dey

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19, e 21.30
Frankie Howard, Anita Harris
COM JEITO VAI... PESSOAL!
um filme de Gerald Thomas
não acons. men. 13 anos

ESTÚDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Malcolm McDowell, e David Warner em
OS PASSAGEIROS DO TEMPO
um filme de Nicholas Meyer
5.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Estreia às 21.30
Int. men. 15 anos
Sabia lutar mas esquecera como amar
FÚRIA DE UM HERÓI
com Robert Duval, Blythe Danner
Venha mais cedo e aprecie «Dancin' Days»
no nosso televisor instalado no bar

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
EUTANÁSIA DE UM AMOR
Com Ornelli Muti, Toni Musante

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 19.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Diferente de tudo o que viu até hoje!
A BATALHA DAS ARDENAS
c/Henry Fonda
2.ª semana
filme após início das sessões

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 18 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A história imortal!
DON GIOVANNI
Mozart-Losey
Filme de qualidade
Dolby Stereo

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
OS ESCRAVOS
com T. Howard, Brit Eklund
na noite, início da projecção do filme
às 22.15

MONTECARLO 538743

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Com parque de estacionamento
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
O CAMPEÃO
um filme de Franco Zeffirelli
18.ª semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15 e 21
Atenção: o filme começa à hora do espectáculo!
E TUDO O VENTO LEVOU
Com Clark Leslie Howard
não acons. men. 13 anos
em 70 mm

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.15, 16.15, 18.30 e 21.30
para todos
COPA 78 - O PODER DO FUTEBOL
Realizador Mauricio Sherman
nota: Toda a emoção do maior espectáculo desportivo do Mundo

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30
Interdito menores 13 anos
Uma hilariante comédia
A NOVA INQUILINA
E UM ESPANTO
com Edwige Fenech e Lino Banfi

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20
As 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
A DAMA DA LOTAÇÃO
com Sonia Braga na sua mais andaciosa interpretação
Colorido

PATHÉ 821933

R. Francisco Metrass, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O PAI DE BRUCE LEE
com Bruce Lee
Cinemascope. colorido

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. António
As 14.15, 16.30 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
OS COMANCHEIROS

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 - «Os grande filmes esquecidos»
às 14.30, 16.45 e 19.00
O JUIZ E O ASSASSINO
As 21.15 e 23.30
A FILHA DO ENGANO

SALA 2 - «As ante-estreias»
às 14.30, 16.45 e 19.00
PRETOS E BRANCOS A COR
As 21.15 e 23.30
QUINTETO

SALA 3 - «Rostos do cinema cómico»
às 14.30, 16.45 e 19.00
O MEU TIO
As 21.15 e 23.30
O HERÓI DO ANO 2000

SALA 4 - Homenagem a Jane Fonda
«Angustia made in USA»
As 14.30, 16.45 e 19.00
QUEDA NO ABISMO
As 21.15 e 23.30
O COSMONAUTA PERDIDO

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30
Int. menores de 13 anos
TRUNFO NA MANGA

ROMA 887778

Av. de Roma, Lte JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O CLA DOS SICILIANOS

Venha mais cedo e aprecie o Dancin' Days a cores no nosso aparelho instalado junto ao bar

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30 18.45 e 21.30
não acons. men. 13 anos
COM JEITO VAI PESSOAL
c/Frankie Hoxerel, Anita Harris
Colorido

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.30, 18.15, e 21.30
no ciclo «Festival de Éxitos»
OS 7 MAGNÍFICOS
/Yul Brenner, Steve McQuenn
Charles Bronson
amanhã, o mesmo programa
no mesmo horário
3.ª semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Atenção ao hor. especial para este programa
4 sessões, 14, 16.30 19, 21.45
inter. men. 18 anos
A PROCURA DE UM HOMEM
Diane Keaton
projecção do filme 5 minutos após
o início das sessões
4.ª semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
As 14.30, 16.45 19 e 21.30
nao acons. men. 13 anos
O novo êxito musical de Michael Lang
SOMOS TODOS VEDEAS
c/ Leslie Caron, e Robert Webber
7.ª semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
Dustin Hoffman, Mery Streep
e Justin Henry
13.ª semana de êxito

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade 188
14, 16.30, 19 e 21.30
Ryan O'Neal, Candice Bergen/Nicola Pagetti
OLIVER'S STORY
um filme de John Korty
não acons. men. 13 anos

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
10 anos
a história ardente
de uma mulher apaixonante
LONGE DA MULTIDÃO
em 70 mm

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742

Recolha de dados p/computador

SISTEMAS IBM E UNIVAC
Início: 20-6-80

DACTILOGRAFIA

EM MAQUINAS MANUAIS
OU ELÉCTRICAS IBM

Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
TEL. 325652 - 364272
R. do Arsenal, 100-1.º
1100 - LISBOA



PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RENAISSANCE GRÁFICA, SARL

Administração Redacção Serviços Técnicos e Publicidade
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

Telefones 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368740

Agentes Assinaturas e Contabilidade
Rua Castilho 185-1 - 1100 LISBOA
Telefones 654531-2-3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro - 321154
Redacção 320271/2-3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegrafico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO Rua do Almada, 30-2º
Telefones 20954/5 - 4000 PORTO

Aumento da gasolina só depois das eleições

Não será previsível para breve, o aumento da gasolina em Portugal, em consequência do recente aumento do preço do petróleo, pela OPEP.

Segundo informações dadas ao Diário de Lisboa por um responsável da Direcção Geral de Combustíveis, Portugal passará a pagar o novo preço do petróleo, a partir do próximo dia 1 de Julho. Este aumento resultará em dois milhões de contos, até ao fim do ano.

O consequente aumento dos derivados do petróleo no nosso país, poderá ser absorvido pela receita que vai para o fundo de abastecimento. No tocante ao aumento directo dos preços pagos pelo consumidor, é provável que o Governo os venha a reter até à altura que lhe seja favorável o que não será com certeza, até às próximas eleições.

(Hoje 28 páginas)

A EUROPEIA Agência Turística Lda, informa os seus estimados clientes, colaboradores e amigos, que abriu mais uma Agência ao seu serviço, na Av. de Roma, 35-A 1700 Lisboa — Tel. 778062

EUROPEIA AGÊNCIA TURÍSTICA

UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA

EXTREMO ORIENTE

3 EXCURSÕES DE ÉXITO CRESCENTE

SONHO DO JAPÃO - 17 DIAS

Visitando: TOQUIO - KAMAKURA - HAKONE - OSAKA - KYOTO - NARA - HONG KONG - MACAU - BANGKOK

Partidas: 2/6, 4/8, 8/9 e 27/10

ÍNDIA E NEPAL - 19 Dias

Visitando: KATMANDU - PATAN - DELHI - JAIPUR - AGRA - KHAJURAHO - VARANASI - CALCUTA - BHUBANESWAR - PURI - KONARAK

Partidas: 31/5, 9/8, e 13/9

TAILÂNDIA - 10 Dias

Visitando: BANGKOK - CHIANG MAI - DOI SUTHEP - PATTAYA - ILHA DOS CORAIS

Partidas: 18/7, 8 e 22/8, 5 e 12/9

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu fundada em 1840

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 25035/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 2 • Telef. 31077/8

Eanes esta tarde em Évora

Presidente Leopoldo Senghor doutorado "honoris causa"

O presidente do Senegal, Leopoldo Senghor, é esta tarde doutorado «honoris causa» pela Universidade de Évora, tendo como testemunha o Presidente da República, general Eanes.

Esta cerimónia integra-se nos «Encontros de Évora», promovidos por aquela Universidade e que, desta vez, versaram o tema «Convergência de Culturas». Na sessão de abertura, o próprio presidente Leopoldo Senghor abordou o problema «da mestiçagem cultural à civilização universal». Referindo-se a Ramalho Eanes, Leopoldo Senghor recordou uma afirmação do PR de que «o seu povo é mestiço» considerando que é preciso «coragem na Europa, mesmo nos dias de hoje» para assumir tal declaração.

Sublinhou, ainda, o presidente Senghor, que «nós decidimos enraizarmo-nos o mais profundamente possível nos valores da negritude para nos abrimos aos

dos outros continentes e etnias, ou seja, das outras civilizações. Trata-se de construir um mundo mais humano, porque mais complementar na sua diversidade».

Évora, será esta tarde, ponto de convergência dos académicos portugueses. Reitores das Universidades de Coimbra e Lisboa estão hoje na capital alentejana. Também o ministro da Cultura, Vítor Crespo, ali se desloca, oferecendo um almoço ao presidente do Senegal.

Presença significativa na cerimónia de doutoramento «honoris causa» de Senghor, é a dos embaixadores dos países de expressão portuguesa. A República Popular de Moçambique, porém, é o único país que está a participar nos trabalhos destes «Encontros de Évora», com o professor de Linguística e Literatura da Faculdade de Letras do Maputo, Lourenço da Costa Rosário.

Para além da intervenção de Leopoldo Senghor, alguns dos sessenta participantes nestes «Encontros de Évora» têm apresentado trabalhos importantes sobre a «Convergência de Culturas». Assim, o prof. Bugner (EUA) falou sobre «O negro na Arte», o prof. Charron (França) acerca da «Unidade das Ciências e unidade das Ciências de Espírito» e Nour Ghata (França) «A explosão do Irão». Dois professores universitários portugueses também intervieram nos debates: Cândido Mendes sobre «Mudança de século, mudança de Igreja» e Armando Martins Janeira «A modernização dos países africanos e asiáticos».

Por último e, na sua qualidade de secretário-geral do PS do Senegal e vice-presidente da Internacional Socialista, o presidente Leopoldo Senghor recebe uma delegação da Federação Socialista de Évora.

Comissão Permanente da AR

AD prescinde da Lei Eleitoral e vira-se para o "antiterrorismo"

Continuação da pág. 1

que apenas são agendadas matérias que já tenham sido apreciadas e votadas na generalidade no plenário, e, em fase de conclusão, nas Comissões.

A AD «abre mão» de leis importantes para a sua promoção eleitoral e que «prometeu» na anterior campanha. Assim, não será discutida a Lei Eleitoral (não chegaram a acordo com os Reformadores e, portanto, seria derrotada), a Lei-quadro, do Referendo (seria, certamente, considerada inconstitucional) e a Lei do Referendo. De qualquer maneira, a moção de censura do PC será discutida (se esta «ordem» da AD se mantiver) APENAS no último dia de funcionamento, SE já tiverem sido discutidos os outros diplomas agendados. Uma

pressão e «chantagem» intolérável, segundo a Oposição. Quando o PS, pela voz de Salgado Zenha, se opôs a esta decisão, Rui Pena (CDS) argumentou que «os socialistas andavam a reboque do Partido Comunista». A isto Salgado Zenha retorquiu que essa linguagem a tinha ouvido «na Pide».

Numa manobra eleitoralista, o Governo, em resposta à moção de censura do PCP, poderá apresentar uma moção de confiança (seria a segunda no espaço de seis meses).

Mais de trinta diplomas serão agendados para este período suplementar, contando-se entre eles o «pacote» da cultura e do ambiente ou o Estatuto das Regiões Autónomas.

Esta madrugada, o MDP divulgava, em comunicado, a sua decisão de impugnar «a acção anti-regimental e anticonstitu-

cional tomada na Comissão Permanente da AR, exigindo o cumprimento da legalidade democrática».

Com as «mãos livres»

Entretanto, e já com as «mãos livres», a AD prepara-se para legislar sobre matérias importantes, requerendo para isso 12 pedidos de autorização legislativa. A «Lei de Indemnizações» e a «Lei antiterrorista» são matérias sobre que o Governo AD quer legislar. Em relação à primeira, pretende-se dar satisfação ao eleitorado da AD, mas a segunda atinge ainda uma maior gravidade, se pensarmos que ela pode colidir com direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos. Estas autorizações serão votadas numa das próximas sessões plenárias.

Pescadores do "Rio Vouga" ainda nas mãos da Polisário

Sem nenhuma novidade de maior quanto ao seu destino, continuam nas mãos da Frente Polisário os 15 pescadores portugueses prisionados no barco «Rio Vouga» no passado dia 4, junto à costa do Saara Ocidental. Diligências estão a ser tentadas «a diversos níveis» para entrar em contacto com os pescadores e negociar com a Frente Polisário a sua libertação, falando inclusive o Governo dos bons ofícios de um terceiro país com quem Portugal mantém boas relações e é simultaneamente aliado da Polisário.

No entanto, as declarações de informadores da Polisário de que os pescadores são hóspedes e não prisioneiros da Frente são de molde a sossegar os familiares quanto às condições da estadia no Saara até à libertação.

EGIPTO - 8 dias

Incluindo **ABU SIMBEL**

CAIRO, MENFIS, ABU SIMBEL, ASSUÃO, LUXOR.

Partidas: **Julho 22, 29**
Agosto 5, 12, 19, 26
Setembro 2, 9, 16, 23

Inclui: Viagem de avião, hotéis 1ª cat., transportes em terra, refeições, visitas com assistência de guias especializados.

Acompanhamento **abreu**

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu fundada em 1840

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 25035/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

ferias na praia

verão 80

ALGARVE apartamentos e moradias

LAGOS — Praia Dona Ana
BEMPOSTA — Praia do Alvor
PRAIA DA ROCHA
ALBUFEIRA
VILAMOURA

preços desde 275\$ pessoa/semana

BENIDORME

VIAGENS DE AVIAÇÃO E SO ESTÁDIAS

HOTEIS DE 3 E 4 ESTRELAS

JUNTO A PRAIA

preços desde 11 800\$ pessoa/semana

TORREMOLINOS

VIAGENS DE AVIAÇÃO AUTOCARRO E SO ESTÁDIAS

HOTEIS DE 3 ESTRELAS JUNTO A PRAIA

preços desde 11 800\$ pessoa/semana

PALMA DE MAIORCA

VIAGENS DE AVIAÇÃO

preços desde 11 800\$ pessoa/semana

Reserve já o seu lugar, tenha mais hipóteses de escolha!

Peça-nos programas detalhados:

EUROPEIA

UM NOME ANTIGO COM UMA NOVA DINÂMICA

LISBOA - Avenida da Liberdade, 233. Tel. 336121
LISBOA - Avenida de Roma, 35-A. Tel. 77002
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira - V.ª. Santa Ana
Praia de Rocha. Tel. 23377

membro WATA em Portugal

Depois dos recentes incidentes pesqueiros e fronteiriços Situação crítica nas relações Espanha-França

MADRID, 17 (do nosso correspondente Fernando Jauregui) — As relações entre a Espanha e a França encontram-se no ponto mais crítico dos últimos anos, em consequência dos graves incidentes pesqueiros e fronteiriços ocorridos nos últimos dias.

Ontem, dez camiões espanhóis foram assaltados e destruídos por franceses «descontrolados» — presume-se que tenham sido piquetes de agricultores que se opõem à passagem de produtos agrícolas pelo território francês. Os incidentes passaram-se no Midi francês, perto da fronteira da Junquera. Alguns camionistas foram também maltratados.

A reacção foi imediata: cerca de 300 camiões espanhóis ficaram estacionados na fronteira, tendo-se assim impedido o regresso a França dos automóveis de matrícula francesa, que tiveram de pernoitar forçosamente em território espanhol.

O incidente foi classificado de «muito grave» por fontes oficiais espanholas, que igualmente referiram os apresamentos, teoricamente ilegais, de pesqueiros espanhóis na zona norte próximo do País Basco. Uma fragata francesa, a «Ancele», que já se tornou célebre nos órgãos de informação espanhóis, está incumbida de retirar as licenças aos pesqueiros basco-espanhóis. Estes pesqueiros tiveram que ser protegidos, ocasionalmente, por um «destróier» espanhol, enquanto outros barcos de guerra franceses acompanhavam a «Ancele». Como se vê, a situação em águas fronteiriças hispano-francesas antecede este incidente gravíssimo.

Os sentimentos antifranceses explodiram em Espanha face aos últimos acontecimentos, desencadeados a partir das declarações de Giscard d'Estaing a um grupo de agricultores franceses, declarações essas claramente favoráveis a um «congelamento» das negociações para a entrada de Portugal e da Espanha na CEE.

Apesar das boas relações de amizade existentes entre Giscard e o rei Juan Carlos, o certo é que a Espanha e a França não se entendem há já algum tempo. O acolhimento que têm encontrado em território francês os militantes da ETA-Militar tem sido constantemente criticado pelo Governo de Madrid, e pelos órgãos de informação espanhóis. Por tudo isto, a visita oficial que Raymond Barre efectuará à capital espanhola no princípio de Julho, apresenta-se cheia de dificuldades.

A difícil situação vivida pelos pesqueiros basco-espanhóis há que acrescentar os problemas dos pesqueiros da zona sul (Andaluzia): foram ontem prisionados por Marrocos 20 barcos de pesca espanhóis, precisamente em vésperas de negociação do novo acordo de pescas entre a Espanha e o Marrocos. Tanto Marrocos como a Polisário dedicaram-se durante as últimas semanas à caça e captura de barcos espanhóis.

Tudo isto explica a procura por parte de Espanha de novos acordos de pesca. Neste sentido se explica a recente visita do ministro dos Transportes e Pescas, Jose Luis Alvarez, a vários países africanos, nomeadamente a Angola. Alvarez, que tomou posse do seu cargo há pouco mais de um mês, viajara até Lisboa, nos dias 1 e 2 de Julho para negociar sobre idênticos assuntos com o seu colega português.

Existe um outro ponto-chave que é também consequência da crise hispano-francesa: o turismo. Os incidentes fronteiriços farão com que o número de veículos franceses que viajarão para Espanha seja muito menor. E, como consequência, será também muito menor o número de turistas franceses que chegarão a Portugal. Para a Espanha, país que tem tradicionalmente dependido do turismo, é gravíssima esta situação que pode aprofundar ainda mais a crise do sector, que vê este ano diminuir o número de turistas em cerca de 17%. Por outro lado, o secretário de Estado para o Turismo lançou uma intensa campanha de publicidade tentando convencer os espanhóis a veranearem este ano, em Espanha e não no estrangeiro. O certo é que, apesar desta campanha, haverá um «boom» de veraneantes espanhóis fora das suas fronteiras. As reservas de muitas agências de viagens madrilenas para o Algarve estavam já esgotadas, e calcula-se em cerca de um milhão o número de espanhóis que visitarão Portugal durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

PARIS "cidade luz"

4 e 8 DIAS DE VIAGEM

PARTIDAS:

Maio 2-9-16-23 e 30
Junho 6 e 13

preços desde 14950\$

INCLUINDO:

- Viagem aérea
- Estadia no Hotel 3 ou 7 noites em quartos com banho
- Visita da cidade com guia local
- Taxas de Estado, turismo e serviço.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 25035/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 31077/8

CHINA

Maravilhosa Excursão

Acompanhada por guia Abreu

Visitando: CHINA (12 dias)

De 29 de Agosto a 20 de Setembro

PEQUIM, NANQUIM, SOOCHOU, CHANGAI, HANGCHOU e CANTÃO, *HONG-KONG*, MACAU e FILIPINAS

Partida assegurada — inscreva-se já.

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA: Av. da Liberdade, 160. Telef. 371321
PORTO: Av. dos Aliados, 207. Telef. 317921
COIMBRA: Rua da Sota, 2. Telef. 27011-2
FARO: Av. da República, 124. Telef. 25035-6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1. Telef. 31077-8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

concurso DL

concurso DL

concurso DL

5.º ANO

LISBOA — SEGUNDA-FEIRA 14 DE SETEMBRO DE 1925

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.º)
Telefones: 1-470 0.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Direcção: T. 195
Redacção: T. 219)
Endereço Telegrafico: DIBOA

O VISTO obrigatorio nos passaportes parece ficar eterno, na nossa terra.

Ha já perto de quatro anos que a França e os demais aliados aboliram o visto consular, como desnecessario e contraproducente.

Por esse motivo, nada menos de vinte e sete países, entre os quais as republicas de S. Salvador, de Honduras e Guatemala, gozam da facilidade dos seus cidadãos poderem atravessar a França e quasi todos os países da Europa, sem terem necessidade de visar os seus passaportes nos consulados respectivos.

Portugal, por uma obstinada teimosia, tem feito orelhas moucas ás propostas dos países aliados, para a abolição do visto consular, sob os mais extravagantes pretextos.

E assim, quem quiser ir ao estrangeiro, é obrigado a pagar uma elevada quantia por vistos, que se não justifica, nem mesmo a importância da receita para o Estado, pois é nada o que nós pagamos, no governo civil, comparado com o que os consules estrangeiros nos cobram.

E' ministro dos Estrangeiros um homem desempoeirado, que tem ligado o seu nome a uma obra de progresso e de acção.

Confiamos nele a supressão do visto, pois que, a'ém de não ter justificação possível, a sua exigencia representa hoje uma pequena humilhação para nós.

Voltaremos ao assunto.

* * *

NAS oficinas da Companhia da Beira Alta, Figueira da Foz, trabalha-se, com a maior actividade, na construção de novas carruagens de passageiros e de todas as classes, sob a habil direcção do distinto engenheiro sr. Xavier da Fonseca, que ultimamente afirmou a sua competencia transformando e modernizando as mesmas oficinas.

As novas carruagens, que são dotadas dos mais modernos melhoramentos, destinam-se aos comboios omnibus e correios, esperando a companhia ter dentro em pouco substituido o seu antigo material, hoje muito longe de oferecer as comodidades exigidas pelos passageiros.

* * *

SEGUNDO a Agencia Americana, foi ontem recebido na Academia Brasileira de Letras o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, professor da cadeira de estudos brasileiros da Universidade de Lisboa, e que acompanha o Orfeon Academico de Lisboa.

Foi saudado pelo presidente daquela prestigiosa colectividade, sr. conde de Afonso Celso, saudação que o sr. dr. Sousa Pinto agradeceu num interessante discurso. O sr. dr. Sousa Pinto realiza no proximo dia 15, no Instituto de Musies, a sua annunciada conferencia sobre D. João.

* * *

O SR. Painlevé, no admiravel discurso que pronunciou em Strasburg, declarou que a França em Marrocos não quer conquistar nem oprimir: visa uma obra de paz.

Os rifenhos, apesar disso, defendem-se como lobos.

Abd-el-Krim não acha campo favoravel para a sua actividade numa politica que, apesar de muito suave, tem como porta-voz os canhões e metralhadoras do marechal Petain.

* * *

A Revue Anthropologique, orgão do Instituto Internacional de Antropologia, publicou, no seu ultimo numero, um notabilissimo trabalho do professor Mendes Correia — *Essai sur l'Ethnologie pré-romaine de Portugal*.

A DISCIPLINA

O Exercito tem por missão a defesa da Patria contra os inimigos de fóra e os de dentro.

Com risco da sua propria vida, incumbem-lhe manter integro o solo e a unidade moral da raça.

Não deve, portanto, o Exercito manifestar outras paixões nem servir outros interesses que não sejam estes—levar o patriotismo até ao sacrificio e proteger o trabalho e a produção, garantindo-lhes a segurança, com o sentimento indiscutivel da independencia nacional.

Porque, entre nós, o Exercito não se tem cingido a esta noção rígida, mas nobre, dos seus deveres, a sua situação actual carece de grandesa e mesmo daquele alto respeito que sempre mereceu como reconhecimento das suas virtudes e premio dos seus serviços.

A politica seduziu o Exercito e este não compreendeu que, a trôco de algumas comodidades, perdia o seu prestigio e a sua força.

A nossa colaboração na guerra foi enormemente prejudicada pelos dissídios que dividiam todos os portugueses, sem excepção dos militares.

O 9 de Abril representa uma lição para o nosso orgulho.

Se o mesmo pensamento animasse os soldados da Flandres e Portugal se conservasse firme e unido, secundando o seu esforço, talvez o fulgor das nossas armas resultasse mais impressionante, diante da admiração dos nossos aliados.

Fizemos muito, mas muito mais louros teriamos colhido se não nos entregássemos ao prazer venenoso de levar para as trincheiras as misérias da nossa triste politica.

Esta invadiu tudo, como esses nevoeiros que baixam das serras e que pouco a pouco vão estendendo o seu contacto humido e frio a vales, planicies e colinas.

Os quartéis estão ao alcance dos clamores da rua e a rua pratica a anarquia com a convicção bem arreigada de nos preparar um futuro melhor.

A grande voz das aspirações e das ambições é a revolução. Nunca se viu um país com tantos revolucionarios.

As ideias são poucas, visto que as facções são muitas.

Escasseando os elementos necessarios para uma solida autonomia mental—a razão é que estabelece a liberdade na consciencia e no cerebro—os portugueses, intolerantes e apaixonados, rasgam as carnes uns dos outros ou as suas reputações, pelo facto de não poderem impôr as suas opiniões ao respeito alheio.

O Exercito, cuja obrigação era ficar estranho ao *pandemonium*, lançou-se nele, a principio com o proposito de estabelecer a ordem, mas a pouco e pouco foi-se ligando aos desordeiros, certamente pela dificuldade de os distinguir do ideal que diziam servir.

Em que crês, amigo?

Na Republica que sonhei e nos sacrificios necessarios para a implantar.

O idealismo serve de passaporte a algumas manhas menos desinteressadas que as palavras fingidas que as apregoam e exaltam.

NO LARGO DE ANDALUZ



Ele: — Não devem beber essa agua, porque está inquinada...
Ela: — Ora essa! Mas o meu marido andava doente e foi com vinho inquinado que se curou...

A VIAGEM LISBOA-ESPANHA

UMA "PANNE" forçou a descer em Fregenal o Fairey 3 que partiu o trem de aterragem

Ontem, o *Diário de Lisboa*, como todos os jornais da tarde, publicou um telegrama da Agencia Havas, comunicando a chegada a Cuatro Vientos do «Fairey 3 D.», tripulado pelos aviadores capitão Craveiro Lopes, tenente Dias Leite e sargento ajudante João dos Santos.

Esse telegrama foi originado pelo aparecimento, sobre o referido aerodromo, de um avião que todos os que ali estavam julgaram ser o «Fairey». O colaborador da «Fabra», de Madrid, agente da Havas, apressou-se a telegrafar e daí o engano facilmente explicavel.

Afinal, o «Fairey 3 D.» que, depois de reparado o tubo do oleo, levantou vôo de Tancoz ás 12 horas, teve de aterrar em Fregenal de la Sierra, a 70 quilómetros de Badajoz, ficando avariado, conforme se vê dos seguintes telegramas:

General Inspector da Aeronautica Militar—Lisboa.

FREGENAL DE LA SIERRA, 16, ás 17,30.—Fomos obrigados a aterrar em Fregenal de la Sierra. Partido aparelho. Regressamos a Lisboa imediatamente.

Craveiro Lopes, capitão,

Comandante da Aeronautica Militar—Lisboa.

FREGENAL DE LA SIERRA, 16, ás 18.—Aterrámos em Fregenal de la Sierra. Partido o avião. Estamos bons. Regressamos a Lisboa.

Craveiro Lopes, capitão.

Hoje foi recebido em Lisboa o seguinte telegrama do tenente Antonio Dias Leite:

FREGENAL DE LA SIERRA, 17.—Aterrámos forçadamente e partimos trem de aterragem.—Antonio.

A' chegada dos dois comboios que passam por Badajoz, estiveram, no Rossio, muitas pessoas, aguardando os aviadores que só devem vir no comboio que chega amanhã ás 6,30.

Em virtude de não terem ainda, a essa hora, noticia do paradeiro dos seus camaradas, adiaram para amanhã o vôo ao Algarve os aviadores major Cifra Duarte e tenente Jorge d'Avila.

A síntese da opinião de todos os aviadores com quem falámos:

—Provavelmente devido ao nevoeiro na linha para Madrid, os tripulantes do «Fairey» resolveram ir primeiro a Sevilha. Fregenal de la Sierra fica exactamente na linha de vôo para a capital andaluza. Deve ter havido «panne» no motor que forçou a aterragem. E aterragem forçada — aterragem de campo — é sinónimo de trem partido.

* * *

A ASSOCIAÇÃO Industrial de Vila Real de Santo Antonio enviou um telegrama ao sr. ministro da Marinha, protestando contra o facto de haver sido suprimida a fiscalização portuguesa nas aguas piscatorias do Algarve.

Não podemos deixar de lhe dar razão, tanto mais que acontecimentos recentes aconselhavam precisamente o contrario.

A industria algarvia da pesca necessita, pelos menos, que, dentro dos nossos dominios, ela encontre a protecção das nossas leis e não o escarnio dos outros.

concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL concurso DL concurso DL

O 18 DE ABRIL

Foi lida uma carta

em que se afirma
que ao lado das forças governamentais
combateram elementos civis

A audiência abre às 12,35 procedendo o tenente Miranda, secretário do tribunal, à chamada dos réus e das testemunhas. O major Tamagnini Barbosa lê a seguinte carta que lhe foi enviada pelo alferes de cavalaria 2.º sr. Mario Alvaro de Carvalho Nunes:

«Tendo estado fôra de Lisboa, venho declarar agora, a fim de definir situações, o seguinte:

1.º Nunca tomei o compromisso nem sequer fui convidado para entrar, ou avisado da data da eclosão do movimento de 18 de Abril. 2.º — Este facto não impede que eu coerente com as minhas opiniões, tanta vez manifestadas, me puzesse de alma e coração ao lado do movimento.

Foram circunstâncias do momento que obstaram a que a minha atitude se evidenciasse mais, como oportunamente tive ocasião de relatar ao Ex.º Sr. tenente coronel Raul Esteves.

Creia V. Ex.ª na subida consideração do de V. Ex.ª At.º Ven. — Mario Alvaro de Carvalho Nunes, alferes de cavalaria. Acompanha a leitura das mesmas referências elogiosas dessa atitude:

—E' mais um oficial que nobremente vem assumir a responsabilidade das suas opiniões. Folgo muito com isso.

O serralheiro Vitoriano Ferreira, diz que apenas viu o chefe da banda de Sapadores sair de casa no dia 18 de Abril...

O promotor:
—Mas não via sair todos os dias?
—Nem sempre...
O promotor, o juiz e os defensores, a um tempo:
—Não veremos mais nada...

Antonio Romão, serralheiro mecânico, depois dum intervalo provocado pelos apitos do Arsenal, declara que «um vizinho que por modos estava metido nisso, saiu de casa às 10 e meia, no dia do movimento...»

Trata-se também do chefe da banda de Sapadores, sr. Vilanova...

O sr. Cunha Leal:
—O sr. sabe que ele ia para a revolução?

—Não sei...
—Então como é que aparece aqui, como testemunha?
—Não sei. Recebi um papel em casa e vim. Mas não sei nada.

O sr. Fernando Infante da Camara Almeida e Sousa, alferes da G. N. R., que fazia parte do esquadrão do capitão Albuquerque, conta o encontro desse esquadrão com o grupo a cavalo na Buraca.

—E depois não fez nada?
—Fiz; saí à tarde, do quartel de Campolide com um grupo.

O sr. capitão Albuquerque, quando o mandou com uma comunicação ao Quartel de Campolide, não lhe disse qual era a sua intenção?

—Não disse. Pedi-me apenas que dissesse ao sr. capitão Silva Ramos que havia encontrado o grupo a cavalo, e que por várias razões nada podia fazer.

O major Tamagnini Barbosa:

—O sr. alferes Sousa ficou para trazer o grupo a cavalo, a telefonar?

—Fiquei. E depois, para me juntar ao meu esquadrão, tive que atravessar o grupo a cavalo.

O major Tamagnini lê o depoimento da testemunha, em que ela afirma que «julga que o grupo a cavalo o tomasse como agente de ligação».

O capitão Cunha Leal:
—O sr. alferes Sousa disse que encontraram, primeiro, uma patrulha do grupo a cavalo. O que fez a patrulha?

—Retirou.

—E acha natural que o esquadrão se precipitasse atrás dessa patrulha, sem tomar qualquer precaução? Tem a certeza de que os soldados do esquadrão iam com as carabinas fôra dos coldres?

—Tenho.

—E' interessante, porque isso está em contradição com o que disseram vários oficiais, inclusive o comandante do esquadrão, sr. capitão Albuquerque. A única maneira de pôr as suas declarações de acordo com todas as outras, é con-

cluir que os soldados não obedeceram às ordens dos seus oficiais. A mais importante desculpa do capitão Albuquerque para justificar o não combater, foi a de não terem os soldados nem sequer as carabinas fôra dos coldres. A provar-se o que a testemunha afirma, demonstrar-se-ia que o sr. capitão Albuquerque só não combateu porque não quis. E haveria que concluir que não quis porque estava de acordo...

O capitão Cunha Leal mostra as contradições existentes entre a declaração da testemunha e as afirmações feitas por vários acusados e testemunhas:

—Apenas acentuo que a situação do esquadrão do sr. capitão Albuquerque, à medida que vão sendo ouvidos oficiais, fica cada vez mais confusa. Espero que não tenhamos de ouvir mais nenhum, porque senão então não percebemos nada.

O sargento da G. N. R., João Guedes, não adianta nada.

O alferes reformado Raul Coelho é interrogado:

—O que é que sabe?

—Não sei nada.

O defensor officioso, capitão sr. Bertoldo Machado:

—Que conceito forma dos sargentos Costa e Figueiredo?

—O melhor.

O sr. Cunha Leal:

—Este sr. foi dado como testemunha de acusação, só por ter almoçado com dois dos réus. Seria um almoço criminoso?...

Risos.

O alferes medico Silva e Costa declara:

—Eu não tive conhecimento do movimento revolucionário senão depois de estar na rua. O Grupo das Companhias da Saúde, como não podia deixar de ser, foi absolutamente neutral, prestando serviços a quem deles necessitasse.

Um pormenor interessante:

—Alguns soldados meus vieram informar-me de que passou perto do grupo um esquadrão com bandeiras ou lenços brancos hasteados.

—Vi a bandeira branca?

—Não. Vi apenas a cauda do esquadrão.

E' possível que ela fôsse mais adiante. Pouco depois as metralhadoras abriam fogo contra essa força.

—A que horas se deu isso?

—Na tarde de 18, pelas 3 ou 4 horas.

O unico oficial que diz ter visto na Rotunda é o falecido tenente Neves e Castro.

O major Tamagnini:

—Quando o chamaram a depôr no processo, deram-lhe latitude para fazer declarações, ou só lhe fizeram determinadas perguntas?

—Só me fizeram algumas perguntas.

—Sobre a bandeira branca, nada perguntaram?

—Nada.

—Já o mesmo se fez com um soldado que viu a bandeira branca e que aqui o declarou. V. ex.ª afirma que viu um esquadrão «que se pôe ser o de Campolide» (acentua) e que, segundo os seus soldados, levava bandeira branca. V. ex.ª que tem ouvido tudo o que se tem dito sobre a atitude desse esquadrão, já deve ter formado o seu juízo...

O capitão Cunha Leal:

—O esquadrão passou antes ou depois do bombardeamento de Monsanto?

—Foi antes.

—Antes, só passou por ali o esquadrão de Campolide.

Salienta que a testemunha foi ali levada para depôr «sobre um sargento desconhecido».

—E' mais uma especie de testemunhas.

O sargento Santarem, da G. N. R., diz que nada sabe sobre o 18 de Abril.

Interrogado sobre o sargento Joaquim Ferreira, diz apenas que foi com ele até ao Rato.

O sr. Alberto de Albuquerque, barbeiro, diz que viu o seu José Manuel com um sargento, à porta da sua loja, no Largo de S. Sebastião da Pedreira.

O promotor:

—Porque é que sabe que esse José Manuel estava ao lado dos revoltosos?

—Não sei.

—Então não sabe?

—E' que ele andava, com uma bengala, ao lado dum sargento revoltoso...

O major Tamagnini:

—Ficamos sabendo que o senhor tem uma loja de barbeiro em S. Sebastião da Pedreira, que é para nos acautelarmos quando passarmos por lá. Então o senhor vê um homem com uma bengala em S. Sebastião e conclui que ele estava na Rotunda com os revoltosos? Não preciso mais nada.

Interrogado pelo promotor, sr. general Carmo, e pelo juiz, sr. dr. Almeida Ribeiro, diz que o conhece por, nas últimas eleições, no Liceu Camões, ter maltratado republicanos.

—E o senhor também apanhou?

—Eu não. Mas os outros...

—Então, como é que o senhor sabe que ele era revoltoso?

—Porque era contra...

—Mas ele estava armado?

—Estava. Com uma bengala...

O juiz:

—Olhem se eu tenho passado de bengala à sua portal. Não estava aqui a responder também...

Risos.

O juiz ensaboa o juízo ao infeliz barbeiro que sae, jurando aos seus botões que não se meterá noutra...

Eugenio Roque, sapateiro, também viu o seu José Manuel, com um sargento, no largo de S. Sebastião, no dia 18 de abril.

Como não sofreu perguntas de maior... A não ser do sr. major Tamagnini que mostrou uma contradição entre o depoimento feito ha tempos e o de agora.

O Roque:

—Essa declaração não a fiz na policia...

—Quere dizer que a policia falsificou as suas declarações...

O sargento da G. N. R., Albino Ribeiro

Pesqueira declara que no dia 19 de abril prendeu alguns civis revoltosos, armados de espingardas.

O promotor chama alguns réus civis para que a testemunha diga quais são os que prendeu. O sargento Perquin...

O promotor:

—O senhor, no seu depoimento, declarou que só alguns iam armados, e agora diz que levavam todas as armas. Como explica isso?

Um silencio. E apura-se depois, por declaração da testemunha, que a todos os civis que prendeu só apreendeu uma espingarda e uma pistola. Os restantes foram presos por irem com os dois.

O major Tamagnini:

—De todas as referências que fez, apenas importa tratar das declarações acerca dos três réus que reconheceu. Não sabe se eles eram revolucionarios?

—Não.

O sr. Cunha Leal:

—Sabe se, do lado do governo, havia civis armados?

—Não sei.

—Pois eu vou ler uma carta dum antigo vereador, do partido democratico, que ainda goza de grande prestigio no P. R. P.

Nessa carta afirma-se que houve, ao lado das forças fiéis ao governo, civis armados, entre os quais um grupo chefiado pelo legionario «Bela-Kum», que esteve a fazer fogo na rua Maria Pia.

—Houve outro grupo, de que faziam parte o legionario Vasconcelos da Silveira—que foi ferido— e outros que estão na Guiné. Pode, pois, acontecer que esses civis armados, sem defensores do governo, são é verdade?...

O sr. Cunha Leal afirma, por fim, que vai pedir autorização ao veredor que escreveu a carta, para usar do seu nome.

O defensor officioso interroga a testemunha —e a audiência é interrompida às 2,40.

Segunda parte da audiencia. São quinze horas e um quarto. E' chamado a depôr o cabo da G. N. R. José Gomes. Interrogado pelo general promotor, nada adianta de notavel. Declara que prendeu alguns civis armados, junto ao quartel das metralhadoras. Ignora, porém, se esses civis estavam comprometidos no movimento revolucionario.

O segundo cabo Manuel da Rosa Calão e o civil Bernardino Gertrudes, também nada adiantam. O segundo, testemunha de acusação do civil Raposo, declara não o conhecer, não tendo pronunciado o seu nome no interrogatorio a que foi submetido na policia.

O sr. Tamagnini:

—A policia faz os interrogatorios a seu modo. O que vale é que os senhores declaram, sob palavra de honra, vir aqui dizer a verdade. Quem fica mal é a policia...

Aurelio Daniel, funcionario publico, é testemunha de acusação dos civis Ivo Ferreira e João Alves. Viu-os na rua de S. Filipe Nery, mas nada pode dizer como prova de que eles tenham sido revolucionarios.

Interrogado pelo sr. Cunha Leal, sobre o que o levou ao Parque Eduardo VII, a testemunha declara:

—Quiz saber se estavam os não civis no Parque. Por isso fui, não me importando de ser preso ou morto.

O sr. Cunha Leal:

—Mas, então, ha alguém que, só para satisfacção da sua curiosidade, se arrisque a ser morto ou preso?

O defensor officioso:

—A testemunha foi para o Parque para satisfazer a sua curiosidade. Mas aproveitou-se disso para tirar conclusões abstractas, comprometendo pessoas que nada tiveram com os acontecimentos, obrigando-as a responder num conselho de guerra.

Antonio Marques, cabo de policia, afirma ter visto um homem, com uma espingarda, passar em frente da esquadra.

O sr. Tamagnini:

—Vocemecê estava à porta da esquadra viu passar um homem armado que lhe pareceu suspeito, e não o prendeu? Mas, então, a policia estava feita com os revoltosos?

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

O 18 DE ABRIL

As testemunhas de acusação dividem-se em duas categorias:

os que deviam ser reus

e não são

e os que não sabem nada afirma Cunha Leal

Decima audiência. Continua o interrogatório das testemunhas de acusação. Movimento e assistência do costume. Procede-se à chamada dos reus e das testemunhas. Já passa das 12,30. O general Sinel de Cordes, como sempre, prepara-se para tomar apontamentos.

O sr. Tamagnini pede à presidência para ler uma carta do conhecido republicano sr. Martins Junior, explicando umas referências por ele feitas, em artigo, a alguns oficiais que, segundo as suas declarações, não podiam abranger o exercício inteiro, que ele tanto considera e estima.

* * *

Procede-se à acareação entre o capitão Albuquerque, testemunha interrogada na audiência de ontem, e o acusado capitão Jaime Batista—a propósito dum «clarim misterioso» —a expressão é do sr. Cunha Leal—que foi comunicar com o sr. capitão Baptista por ordem do comandante do esquadrão que, à frente da bateria a cavalo, partia para um reconhecimento.

O capitão Baptista que afirmara no interrogatório pertencer ao clarim ao esquadrão comandado pela testemunha, declara agora tal não poder garantir.

* * *

Outra acareação entre a mesma testemunha, capitão Albuquerque, e os acusados, tenente Jorge Botelho Moniz e alferes Santos Romão.

Trata-se de saber se a testemunha mandou ou não chamar o alferes Sousa, por intermédio dos dois oficiais revoltosos do grupo a cavalo, e se tomou ou não o compromisso de não hostilizar as forças revolucionárias. A testemunha cai em contradições flagrantíssimas, até mesmo em relação a declarações prestadas ontem.

* * *

O alferes Santos Romão, comandante da flecha do grupo a cavalo, garante que ouviu o capitão Albuquerque prometer que não hostilizar os revoltosos.

Com desassombada convicção, o acusado historia a posição dos grupos e as palavras trocadas entre ele, alferes Santos Romão, e o capitão Albuquerque.

Interrogado de novo, o capitão Albuquerque continua a cair em contradições—ficando, no entanto, assente que as relações entre a coluna da G. N. R. e o grupo a cavalo eram um tanto ou quanto cordiais, seguindo com este o alferes Sousa.

A testemunha, que se atrapalha a certa altura, acaba por declarar que efectivamente havia prometido não hostilizar os revoltosos. A certa altura, o capitão Albuquerque afirma:

—Era uma trapalhada... Havia uma grande confusão!

—Ora aí está!—exclama o juiz auditor. É muito notável que o sr. capitão Albuquerque não se recorde bem das palavras trocadas. Negar é que é um pouco arriscado.

O sr. juiz auditor passa a ler o depoimento do tenente Custódio Branco, que fôra, segundo disse, encarregado pela testemunha de parlamentar com o comandante das forças revoltosas. Como sempre, a acareação não deu nada.

* * *

Depois o major Crespo, de infantaria. O sr. general promotor convidou a relatar o que sabe sobre o movimento de 18 de abril.

A testemunha relata varios factos que pouco interessam, e repele a afirmação de que infantaria 2 se tivesse comprometido a tomar parte no movimento.

O general promotor, interrompendo a testemunha:

—V. ex.ª está a dar um aspecto ao seu depoimento que parece mais uma defesa do que outra coisa. Isso não interessa ao tribunal.

—Mas interessa-me a mim. Preciso que fique devidamente aclarada a atitude do comandante de infantaria 2.

O sr. Tamagnini, para a testemunha:

—Desejava que v. ex.ª me dissesse o que pensa sobre os seus dois subalternos que tomaram parte no movimento.

A testemunha responde, fazendo o elogio dos dois oficiais de infantaria 2, implicados no movimento.

* * *

É chamado, em seguida, para depôr, o capitão Francisco Alberto Santos Lara—que, depois de declarar não saber nada, é dispensado, após um pequeno interrogatório do sr. Cunha Leal. Segue-se-lhe o alferes Manuel Matos que declara também não saber nada acerca do movimento.

Dispensado pelo sr. general promotor, é interrogado pelo sr. Tamagnini sobre a hora da sua chegada ao quartel, bem como a hora certa da chegada ali do sr. tenente-coronel Malheiro.

O sr. Cunha Leal:

—As horas andam muito atrapalhadas neste tribunal.

* * *

Apresenta-se o cabo Inácio Fernandes—que conta também a sua historia sobre o movimento. O seu depoimento, de pouco ou nenhum interesse, mal chega aos nossos ouvidos.

O sr. Tamagnini, depois de interrogar a testemunha sobre a dissolução dos Sapadores de Caminhos de Ferro:

—Reconstituí-se uma unidade com elementos dos revoltosos... Este facto merece registo especial.

* * *

O sargento Jesus Martins presta também declarações—que pouco ou nada adiantam para a causa que está sendo julgada.

O sr. Tamagnini, para a testemunha:

—O sargento conduzia uma viatura com rancho para os revoltosos, não é verdade?

—Sim, senhor—responde a testemunha.

—E essa viatura entrou na Rotunda?

—Sim, senhor, o rancho foi distribuído.

O sr. Tamagnini, concluindo:

—Quero dizer: enquanto os ranchos para as tropas fiéis eram apreendidos, os que se destinavam aos revoltosos circulavam livremente. Outro facto que merece especial registo.

O segundo sargento Elias Fabião que esteve preso e aparece agora como testemunha, também não adianta nada. Era cabo por ocasião do movimento. Foi então preso e depois posto em liberdade e promovido para servir de testemunha.

* * *

O cabo Artur Pedro de Oliveira, depois de meia dúzia de palavras, é dispensado, apresentando-se o segundo cabo, aprendiz de musica, João Cigarra Carraça, do batalhão de Sapadores do Caminho de Ferro. Esteve no quartel na noite do movimento, como sempre acontecia quando havia prevenção. Nada mais adiantou.

* * *

Filipe Nery Calvo, também 2.º cabo, aprendiz de musica, da mesma unidade, é também dispensado por nada adiantar ao processo, o mesmo acontecendo com o 1.º cabo Ricardo da Costa Pacheco e com o 2.º cabo Alvaro João Duarte.

* * *

Mas os cabos não acabarão como testemunhas? É caso para perguntar. Eles veem depôr num tal alheamento que, dispensado um, nesse mesmo momento deviam ficar todos dispensados. Está-se a perder um tempo precioso com o seu interrogatório que nada adianta, e que apenas serve para a defesa tirar ilações espi-rituosas, que fazem rir o tribunal.

* * *

Durante o intervalo da audiência, ouve-se à voz de um preso civil:

—Isto é uma vergonha, sr. presidente! A Guarda Republicana maltrata os presos! Não nos deixam comer!

Outras vozes secundam o protesto:

—Não pôde ser! Isto é uma vergonha! Sensação. Intervem o oficial comandante da força e o defensor sr. Tamagnini Barbosa, que pede providências ao presidente do tribunal.

Um preso civil afirma que foi ameaçado de morte por uma sentinela da G. N. R. Levanta-se auto de noticia. Tomam-se nomes de testemunhas e o incidente liquida-se rapidamente, conforme manda a lei.

* * *

Reaberta a audiência, depõe a testemunha civil Jaime Gonçalves, torneiro mecanico, que confirma o seu depoimento feito nos autos, nada mais acrescentando.

* * *

Depõem em seguida:

Alcino Figueiredo, soldado do batalhão de sapadores dos caminhos de ferro; Jaime Alves, primeiro cabo do mesmo batalhão e Antonio dos Santos, soldado. Volta à tela da

discussão a historia de uma bandeira branca, que é sempre a mesma. A ultima testemunha declara que viu passar, proximo da Rotunda, um esquadrão da Guarda Nacional Republicana, com uma bandeira branca.

O sr. Tamagnini Barbosa afirma que no processo se ocultam proposadamente as declarações desta testemunha, dizendo-se que ela se conservou de sentinela no quartel, quando a verdade é que esteve na Rotunda, incorporada no seu batalhão.

O proposito é bem claro, diz o advogado de defesa: trata-se de ocultar a historia da bandeira branca.

Esclarecido o incidente pelo sr. dr. Almeida Ribeiro, chega-se à conclusão de que o depoente não foi ouvido no processo, com o mesmo nome que depôs no auto de corpo de delito.

A testemunha:

—Dá-me licença...

O juiz auditor:

—Espere aí... Vamos mais devagarinho...

E devagarinho se chega à conclusão do incidente.

* * *

João Baptista, 2.º cabo do batalhão de sapadores; Domingos Canhão, que ao contrario do que se pode supôr não é de artilharia, e Artur do Nascimento nada adiantam sobre a materia dos autos.

* * *

O sr. capitão José Luís de Abreu, um dos oficiais de infantaria 16 que tomou conta do Quartel de Sapadores, narra as condições em que a força do comando do major Melo se instalou no quartel—sem resistencia e com a maior disciplina.

Augusto da Silva Guerreiro, 1.º sargento da Armada, não chega a prestar declarações. A sr.ª Inácia Marcelina Alves, que é ouvida em seguida, põe na audiência uma nota de luto rigoroso.

Sendo hospedeira de um sargento reu, conta que o foram ali chamar na noite de 18 de abril para ir para o quartel. É mais nada.

José Ferreira Junior, antigo soldado do batalhão de sapadores, provoca alguns risos na assistência—por uma coisa de nada.

Americo de Almeida, serralheiro e antigo soldado, ainda mal se tem sentado na cadeira de braços e já se pode retirar.

Adão de Matos declara que, na madrugada de 18 de Abril, ouviu três pancadas na porta ao lado de sua casa e em seguida um chamamento que se dirigia ao sargento Antonio Luciano. O sargento saiu de casa, e, como nas novelas policiaes, o silencio voltou a envolver a madrugada.

Daniel da Silva declara que nada sabe.

Observação do sr. Cunha Leal:

—Eu quero frisar ao Tribunal o seguinte: as testemunhas de acusação dividem-se em duas categorias: as que deviam ser reus e não são e aquelas que não sabem nada.

Manuel Onofre, soldado de sapadores, declara que andou dezassete horas para trás e para diante, em cima duma carroça que não sabe onde foi parar.

Avelino Gonçalves, segundo sargento da G. N. R., afirma que não é Junior—como por engano escreveram na sua guia de marcha. Sobre o movimento nada acrescenta.

A audiência é interrompida às 16 horas, para recomençar na proxima sexta feira.

NACIONAL RADIO, SARL REPRESENTANTES PARA O SUL DAS PRESTIGIADAS MARCAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Candy **PROGRESS** **K I N G** **FAGOR** **GRUNDIG**

NR

50 ANOS
NACIONAL RÁDIO
1930-1980

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

CAMBIO OFICIAL		
	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	95575	96500
Madrid.....	—	2589
Paris.....	—	193,5
Suiza.....	—	3883
Bruzelas.....	—	587,5
New-York.....	—	19585
Amsterdan.....	—	7598

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL		
	COMPRA	VENDA
Italia.....	—	582
Brazil.....	—	2867
Praga.....	—	859
Suecia.....	—	5833
Austria.....	—	2881
Berlim.....	—	4874
Libra esterlina.....	97500	99500

O 18 DE ABRIL

Ha quem pretenda EXERCER COACÇÃO

sobre o tribunal que está julgando os revoltosos?

A audiência começa ao meio dia e meia hora.

Procede-se á chamada dos acusados e das testemunhas. Uma delas é o general Sá Cardoso que toma lugar dentro da sala, ao lado do general Gomes da Costa que veste á paisana.

O major Tamagnini Barbosa apela para todos os generais e para o juiz auditor, para que confirmem que a defeza se tem mantido sempre dentro da maior correcção, não se justificando, portanto, as referencias feitas em certos jornais: —Como oficiais do Exército, temos sempre procurado manter o seu prestigio, fazendo a apologia dos elementos bons, e expurgando o dos seus maus elementos.

Desmente varias afirmações dum jornal e diz, em tom energico:

—Se se pretende criar um conflito entre militares, se essas campanhas partem de reuniões de grupos de oficiais, declaro que deste lado encontrarão outro grupo que não se deixará atemorizar.

O capitão Cunha Leal:

—Não ligo especie alguma de importância á essas insinuações. Hei de cumprir o meu dever até ao fim. Pretendo-se exercer coacções sobre o tribunal. Mas ele, ao contrario doutos que têm receio de condenar bombistas, está acima de todas as suspeitas, e ri-se de todas as coacções. Pela minha parte, declaro a V. Ex.ª que cumprirei o meu dever até ao fim, a não ser que pela força me obriguem a interromper a minha acção. Estou certo de que V. Ex.ª farão o mesmo.

O promotor, sr. general Carmona, associa-se ás palavras de estranheza da defeza perante certas acusações que desmente.

E o presidente, sr. general Ilharco, ante toda a assistência de pé, declara: —Estou velho. Nunca aceitei tutelas — e, já agora, não estou em idade de as aceitar. Dentro da lei, procedo como entendendo, pouco me importando o que dizem da minha acção.

Estas palavras impressionam o auditorio.

O capitão-medico Barbieri Baptista Cardoso limita-se a confirmar o seu depoimento:

—Como já o fiz ha muito tempo, tenho medo...

O promotor:

—Mas, desde que V. Ex.ª proceda de boa fé, não tem que ter medo.

A testemunha conta, então, que viu as baterias a cavallo saírem do quartel.

—E o que supoz que elas iam fazer?

—Que havia qualquer coisa de extraordinario. Estranhei que não me chamassem.

Interrogado sobre os officiaes que viu á saída, declara que no depoimento disse a verdade:

—E agora tenho medo de não dizer...

—Mas diga sempre.

E lá se resolve a dizer os nomes dos tenentes Botelho Moniz e Soares.

Conta que viu com o tenente-coronel Malheiros no automovel, sendo preso na Rotunda, onde, durante a revolução prestou os seus serviços.

O major Tamagnini Barbosa:

—Estava no Quartel quando as baterias saíram? Viu-as sair?

—Sim. Estava e vi.

—Alguem — alguém que não sabe quem era, devido á escuridão — convidou-o para o movimento. E' verdade?

—E'. Não aceitei.

—Dentro do seu Quartel, viu algum civil?

—Não.

—Pelo menos, está portanto, provado que, para fazer sair o grupo, não foi necessaria a acção de civis.

O capitão Cunha Leal:

—Não se lembra de quanto seria o intervalo entre a saída do grupo e a chegada ao quartel do sr. comandante Malheiros?

—Menos duma hora.

—E quanto tempo, pouco mais ou menos, se demoraria no quartel?

—Não me lembro.
—V. Ex.ª é uma testemunha que, podendo adiantar muito, não adianta nada.

O 1.º sargento Carlos Henriques de Sousa é interrogado pelo promotor:

—O que sabe sobre o 18 de Abril?

—Não tenho accusação nenhuma a fazer. Sei que, na noite de 18 de Abril, fui acordado pelo sargento Cosmelli que me perguntou o que faria se fosse convidado para um movimento. Respondi que não iria. Levantando-me, vi na parada do Quartel, as baterias prontas para sair, e civis ou officiaes á paisana estranhos ao grupo. Calculei que se tratava do movimento.

—Mas porque não seguiu com a sua baterias?

—Por desconfiar disso.

—Quem foi com a sua baterias?

—Não sei. Estava escuro. Não vi...

O major Tamagnini Barbosa:

—Tem conhecimento de haver algum engano das praças?

—Ouvi dizer que os soldados julgavam que iam para algum exercicio.

—Mas ouviu-o a alguns dos soldados que saíram?

—Não, senhor.

—Estavam cinco sargentos no grupo, além dos três que saíram, não é verdade?

—E' verdade.

—Portanto, vêem V. Ex.ª que, dentro do grupo, havia officiaes e sargentos que não se opuseram á saída. E' verdade aquilo que eu disse ao tenente-coronel Malheiros.

—Ofereceu-se ao comandante para ir com ele á procura do grupo?

—E' verdade. Mas ele recusou e foi com o sr. dr. Barbieri e uma ordenança desarmada.

—Viu civis no Quartel?

—Vi. Não sei se eram officiaes.

—Sim; pôde ser. O sr. tenente-coronel Malheiros, por exemplo, apresentou-se á paisana...

O capitão Cunha Leal:

—Quanto viu á paisana?

—Não me lembro bem.

—V. Ex.ª vêem que as testemunhas estão perdendo a memoria... Mas quantos civis viu? Admittindo mesmo que os viu em duplicado...

—Eram uns cinco ou seis...

—Eram quatro: o «chauffeur» duma «camionette» e o ajudante e dois policiaes á paisana que haviam sido presos... Já vêem V. Ex.ª que não tem qualquer justificação á ideia que se queria dar da colaboração de civis na saída do grupo...

Outra pergunta:

—A que horas saiu de Queluz o seu comandante?

—A's 6 horas.

A testemunha não podia, portanto, supor — nem ninguem, que ele ainda encontrasse no caminho o grupo que saíra ás 3...

O 2.º sargento Francisco Rodrigues Cos-

melli conta o que na noite de 18 de Abril se passou no quartel de Queluz, e o que a testemunha anterior relatou:

—O tenente Julio Botelho Moniz, á meia noite, perguntou: «Ha um movimento, contando com toda a guarnição de Lisboa. Você quer entrar nele?» Respondi-lhe que não, mas que, em todo o caso, ia falar com outros sargentos.

O major Tamagnini Barbosa:

—Ficou encarregado da defeza do Quartel. E esse encargo foi-lhe dado pelo proprio official que o convidou para o movimento, não é verdade?

—E'.

—Quere dizer que cumpriu a ordem e estava de alma e coração com o movimento, não é?

A testemunha hesita. E o major Tamagnini:

—Diga... Diga a verdade, que, de resto, não o comprometo... Se anda á solta tanta gente nas mesmas condições...

E a concluir:

—Portanto, veem v. ex.ª que havia mais um sargento comprometido no movimento...

O capitão Cunha Leal, como a testemunha diz não se recordar das horas da saída do grupo e da chegada do comandante:

—Todas as pessoas que ficaram no quartel estão varridas da memoria... Não acham v. ex.ª extraordinario?

O capitão Cunha Leal, tira das palavras da testemunha a conclusão já tirada doutros depoimentos:

—Quando o tenente-coronel Malheiros saiu do seu quartel, já não tinha qualquer probabilidade de encontrar o grupo no caminho...

O tenente Marcelino Coelho, actualmente ajudante do ministro da Guerra, interrogado pelo promotor, não adianta nada.

O major Tamagnini Barbosa:

—Antes do movimento, teve uma conversa com o tenente Mario Costa que aqui está a ser julgado e, convidado para um movimento militar, declarou que entraria nele, desde que não fosse contra as instituições, tendo, depois, reconsiderado. E' verdade?

—E'.

—Não quero mais nada.

O capitão Augusto da Silva Fernandes, que comandava a Companhia da G. N. R. da Ajuda, quando do 18 de Abril, lê alguns par-tos de papel, em que explica o que fez «para evitar qualquer assalto ao quartel, por parte de civis» e a sua acção contra os revoltosos.

O major Tamagnini Barbosa:

—Quando foi a Telegrafistas de Campanha,

o major Cantarino de Lima, declarou-lhe que o seu batalhão tinha aderido aos revoltosos?

—Não me lembro. Só me lembro de que me declarou que o seu batalhão se conservaria no quartel.

O capitão Cunha Leal lê o depoimento do capitão Quaresma que confirma a declaração do sr. Cantarino de Lima á testemunha, acrescentando que o capitão Fernandes afirmou depois que o movimento «estava no animo de todos».

—Foi isto que disse? Ou será necessario fazer uma acareação?

—Não foi bem assim. O que eu disse foi que podia o movimento estar no animo de todos, mas que eu defenderia o governo...

—Não vale a pena acareá-los... Estamos scientes...

O promotor interroga o capitão da G. N. R. Jacome de Castro, que diz ter-se limitado a cumprir ordens, contando como foi ocupado o quartel de Telegrafistas, cujos officiaes, depois de presos, pediram para terem o destino dos seus soldados, pedido que lhes foi satisfeito.

O capitão Alvaro Boto Machado, de sapadores de praça, faz o elogio de varios dos officiaes que estão a ser julgados, entre os quais o major Cantarino de Lima, «a quem se deve tudo quanto ha de bom no Parque Automovel Militar».

O tenente de infantaria Aquiles do Espirito Santo, tambem de sapadores de praça, conta como chegou ao seu quartel, depois da rendição, o batalhão de telegrafistas.

O tenente Manuel Francisco Goulart de Medeiros declara que não sabe nada sobre o assunto.

O capitão da G. N. R., José Martins do O' Junior, comandante da 6.ª companhia de Campanha, conta a sua acção durante o movimento. Foi um dos officiaes que ficou no quartel, quando partiu a força mista que, por ordem superior, saiu do quartel.

O promotor:

—Quando ela saiu, já havia tiroteio?

—Ainda não.

Sobre o capitão-picador Antonio Correia, diz que não sabe se ele estava na Rotunda. Sabe apenas que ele estava na Penitenciaria com os officiaes presos.

O major Tamagnini:

—Já ha mais um capitão implicado. Vejamos v. ex.ª até onde isto vai! Já chegámos aos picadores...

A audiência reabriu ás 15-15, depondo o cabo Baltazar Ferreira Quelhas, a quem o major Tamagnini pergunta:

—Ao pé das forças fieis, nunca viu civil?

—Vi, sim senhor.

—Chega-se á conclusão de que as forças fieis ao governo tinham civis á seu lado, e ajudá-las. Na Ajuda como no porque Eduardo VII.

O tenente Duarte Pereira e o capitão Cartilho pouco adiantam. E o capitão João de Albuquerque que era comandante do pelotão que se encontrou com o grupo a cavallo, cita o troca de palavras que houve entre os officiaes do pelotão e os revoltosos.

Uma frase:

—Houve quem dissesse que eu pedi misericórdia. Não é verdade. Não abandonei as redes do cavallo — e era incapaz de pedir misericórdia numa situação dessas.

O depoimento da testemunha continua á hora e que escrevemos — facto por facto, por menor por pormenor.

20 annos

de pratica e credito em reparações de machinas de escrever são garantia absoluta da casa

HERBERT DIAS

R. dos Retrazellos, 58 - Telefone C: 1020

concurso DL

concurso DL

concurso DL

Europa: Os últimos 40 anos

RDA: A herança de Clausewitz

Saúde: Educação de crianças surdas

NATO: As diferenças com o Pacto de Varsóvia



AMERICANO NA CONFERÊNCIA DE TEERÃO — Ramsey Clark, ex-ministro da Justiça dos EUA, é hoje um dos homens mais odiados no seu país e chega mesmo a constar que mal ele desembarque será imediatamente preso. Este ódio deriva da veemente condenação que Clark fez da política que o seu país tem prosseguido em relação ao Irão, sobretudo desde o golpe de Estado que a CIA realizou naquele país para salvar o xá. Clark e outras nove personalidades norte-americanas (sobretudo professores e sacerdotes) participou na conferência internacional que se reuniu em Teerão para analisar a ingerência dos EUA nos assuntos internos do Irão. Na telefoto UPI/ANOP/«DL», alguns membros da delegação americana (Lennox Hinds, John Walsh, Charles Kimball, Mary Anderson, George Wald, Paul Washington e Leonard Weinglass).



ESTÁTUA A LIBERDADE: VÍTIMA OU RÉ? começa a merecer atenção a zanga que a Estátua da Liberdade («ex-libris» dos EUA) parece provocar no espírito de pessoas ou grupos mais ou menos contestatários. Será o monumento que não corresponde ao seu valor simbólico, ou o valor simbólico que não corresponde à boa intenção de quem a mandou colocar ali, na ilha também da Liberdade chamada, à entrada do porto de Nova Iorque? Concentrações de pacifistas e correspondentes cargas policiais na dita ilha, suicídios em queda livre, escaladas, atentados, tudo a monstruosa mulher com facho tem suportado. Há dias, na base do monumento, na chamada Story Room, potente explosão fez abalar estruturas, embora não produzisse danos de tomo, como verificaram os peritos que, na imagem, avaliam os estragos. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

CHILE

Demasiadas viúvas

Joan Draper

IPS

NOVA IORQUE — «Há simplesmente demasiadas viúvas no Chile, demasiadas vítimas da repressão». Assim lamenta Isabel Letelier (uma dessas viúvas e fundadora do «Comité Chileno dos Direitos Humanos») os milhares de mortos e desaparecidos desde o golpe militar de 11 de Setembro de 1973.

No seu trabalho, preocupa-se não somente com os que morreram como com os que vivem no Chile de hoje: «Carecemos de um Congresso, não temos uma só pessoa eleita pelo povo do Chile. As universidades têm gente nomeada pela Junta Militar, incluindo os dirigentes estudantis. O Chile é hoje um lugar onde não pode viver quem tenha nascido com um conceito de democracia e de participação».

«Nenhum de vós aceitaria isso para si», disse há dias numa confe-

rência das Nações Unidas sobre a mulher e à imprensa. «Não queremos isto para nós. De facto, 80 por cento do país opõe-se ao governo de Pinochet».

Segundo a Comissão dos Direitos Humanos da ONU, a Amnistia Internacional e o Conselho Mundial das Igrejas, a Junta Chilena, que derrubou o governo democraticamente eleito há sete anos, assassinou 10 000 pessoas, provocou a morte de milhares de outras, e a «desaparição» e a prisão de mais 100 000.

A Igreja Católica chilena informa que mais de um milhão de chilenos foram obrigados a exilar-se por razões políticas ou económicas. Mais de 95 países condenaram a Junta Militar chilena pelas suas violações aos direitos humanos.

«Há casos de corpos lançados ao Pacífico, corpos lançados ao Atlântico, corpos lançados às águas do Caribe», conta Letelier. «E há 600 casos completamente documentados e apresentados nas Nações Unidas de prisioneiros que desapareceram, negando-se a Junta a dar qualquer informação sobre estes prisioneiros desaparecidos».

Da noite para a manhã, «todas as estruturas do país, todas as conquistas do povo chileno desde a independência em meados do século passado se perderam nesse dia de Setembro de 1973»,

diz Letelier. A sua tragédia pessoal ocorreu três anos depois, quando o seu marido foi assassinado em Washington. Orlando Letelier foi ministro dos Negócios Estrangeiros, ministro da Defesa e embaixador nos Estados Unidos durante o regime de Allende. No dia do golpe foi preso e enviado para a ilha de Dawson, um «campo de concentração» próximo de Cabo Horn, nas redondezas da Antártida. Depois de um período de detenção e tortura foi libertado e partiu para a Venezuela e em seguida para os Estados Unidos.

Vivendo no exílio, Orlando Letelier foi uma pessoa-chave na união da resistência chilena no exterior e no trabalho de restaurar a democracia no país. Como tal, o governo do general Augusto Pinochet considerou-o uma ameaça. Quando se deslocava para o trabalho, na manhã de 21 de Setembro de 1976, Orlando Letelier foi morto por uma bomba colocada no «chassis» do seu automóvel. Juntamente com ele morreu uma jovem colega norte-americana, Ronnie Moffitt.

«Disse-se uma enorme quantidade de coisas sobre o assassinio», comenta Isabel Letelier. «Mas agora conhecemos a verdade, pois as investigações levadas a cabo pelo departamento de justiça dos Estados Unidos fez as suas acusações e estas assinalam directa-

mente como responsável a polícia secreta chilena».

De facto, Michael Townley, cidadão norte-americano e membro da DINA (polícia secreta chilena), designação da altura, e os três terroristas cubanos que viviam nos Estados Unidos foram julgados e condenados pelo assassinio.

«Todavia, o general Manuel Contreras Sepúlveda, que dirigia a DINA, o coronel Espinoza e o capitão Fernandes Larrios (cuja extradição foi pedida aos EUA para que compareçam perante os tribunais chilenos e assumam a responsabilidade pela morte de Letelier) continuam livres».

«Manuel Sepúlveda Contreras é o maior criminoso que jamais tivemos no Chile, depois de Pinochet», afirma Isabel Letelier. É um amigo próximo de Pinochet e as autoridades reconhecem que o presidente tinha conhecimento e teria aprovado o plano para matar Letelier.

Apesar da sua história recente, Isabel Letelier está cheia de esperança em relação ao Chile: «pedi para lá me deslocar em 1978. Não se atreveram a negar-me e permitiram-me que lá permanecesse durante uma semana. É evidente que fui seguida constantemente e tiraram fotografias às pessoas com quem contactei. Todavia, muitas pessoas não vacilaram em encontrar-se comigo». Visitei numerosas organizações e uma

mulher disse-me: «Sabe, Isabel, rezamos todas as manhãs. E a nossa oração é: «O Deus ajuda-me a não crer em nada do que diz a imprensa, ajuda-me a não me acostumar a Pinochet e a não acreditar no consumismo»».

Isabel Letelier não tem dúvidas quanto à proveniência destas tentações. «São os bancos privados dos Estados Unidos que fornecem dólares para a Junta Militar e esses dólares aguentam Pinochet. E os interesses das multinacionais são tão fortes que o governo dos Estados Unidos não está disposto a ir contra eles».

Contudo, os cinco anos que Isabel Letelier esteve nos Estados Unidos mostraram-lhe que neste país há muitas pessoas às quais importa o que aconteceu e acontece no Chile: «Os grupos femininos, os grupos de direitos humanos, os membros do congresso, compreenderam perfeitamente bem o que acontece no Chile e deram-nos a sua solidariedade, assim como também obtivemos de todo o mundo uma enorme solidariedade. Porque, como o disse antes, nada temos a ocultar. Queremos reconstruir a democracia no Chile, todas as conquistas do povo chileno dos últimos sessenta anos estão perdidas, todas as nossas organizações foram destruídas. Temos que reconstruir de novo a nossa sociedade».

A RDA E A EUROPA

■ Hans Aschenbrenner

□ PANORAMA DDR

Há quarenta anos (no dia 9 de Abril) a Wehrmacht atacava a Dinamarca e a Noruega. Esta nova acção de guerra relâmpago constituía uma das numerosas medidas dos potentados fascistas para submeter num primeiro tempo o oeste e o norte da Europa, integrando-os no potencial de agressão.

Hitler considerava-se então suficientemente forte para arriscar a campanha contra a União soviética, eliminar o Estado socialista e aplanar a via da hegemonia mundial.

Possuidores de matérias-primas os países escandinavos entravam nos cálculos estratégicos do imperialismo alemão e deviam ser anexados. Para as populações dos países invadidos e dominados começavam cinco anos de ocupação e resistência.

A escalada das operações da Segunda Guerra mundial era acompanhada de «ameaça soviética» que pesava sobre a Alemanha e os outros países da Europa, e sobre os «preparativos militares» da R.R.S.S. na sua fronteira ocidental. Queria-se assim fazer esquecer que a Segunda Guerra mundial previa e preparada em Berlim era a concretização da agressividade e do expansionismo do capital monopolista alemão.

Levados pelo desejo de realizar recursos e novos mercados, e talhar o mundo de um modo diferente, Hitler e os seus não hesitaram em precipitar a humanidade em sofrimentos atrozes. Quando a guerra dos 1417 dias chegou ao seu fim e o terror fascista tombou perante a luta antifascista dos povos, havia 54 milhões de mortos, 20 milhões dos quais na União soviética, frente principal da guerra.

Hoje, a situação na Europa e no mundo difere radicalmente da de há 40 anos. Enquanto que devido à relação de forças da época, a União soviética não pôde impedir a Segunda Guerra mundial, as sempre evitáveis graças ao fortalecimento das forças da paz, do socialismo e

Há 40 anos a Wehrmacht atacava a Dinamarca e a Noruega



Visita de vários parlamentares noruegueses ao campo de concentração fascista de Sachsenhausen, próximo de Berlim. Acompanhava-os Horst Sindermann, presidente da Câmara do Povo da RDA.

da guerra. Junta-se a isto o facto de a humanidade ter dado entrada na era atômica e a única possibilidade razoável ser a coexistência pacífica entre Estados de sistemas sociais diferentes.

Graças à força do socialismo e à luta decidida de todas as forças da paz, já se realizaram progressos importantes no sentido do desarmamento e da salvaguarda da paz, principalmente no continente europeu. Mas os acontecimentos dos últimos tempos mostraram com insistência que o desarmamento ainda não é irreversível.

Os meios agressivos do imperialismo sempre resistiram encarni-

çadamente ao processo do desarmamento e nunca esconderam que essa orientação não lhes agradava nada. A decisão a favor dos novos mísseis, tomada em meados de Dezembro de 1979 pela NATO em Bruxelas, sob pressão dos Estados Unidos, apesar de todas as chamadas de atenção da União soviética e de todos os protestos da opinião mundial, traz consigo um grave perigo de deterioração da situação internacional.

Essa orientação, igualmente encorajada pela R.F.A., preocupa a opinião dos países europeus que ainda se lembram muito bem da guerra provocada pelo imperia-

lismo alemão. Um dos ensinamentos do desencadeamento da Segunda Guerra mundial é que, encorajar as forças agressivas é um erro irreparável, um erro que finalmente se volta contra quem as encorajou, e que o anticomunismo, o anti-sovietismo e a mentira da «ameaça que vem de leste» são uma das maiores loucuras dos nossos séculos.

A defesa enérgica da paz, eis o que hoje importa em primeiro lugar. É preciso que todos os homens de boa-vontade, todos aqueles que querem sinceramente a paz, intensifiquem os seus esforços a fim de evitar o perigo de uma nova



Eric Honecker, secretário-geral do Partido Socialista, antigo embaixador do reino da Dinamarca, em 1973, que a cooperação se desen-

as para a guerra mundial, lutando pela política de desarmamento, pela cessação da corrida aos armamentos e por medidas eficazes de desarmamento.

Ao lado da União soviética e dos outros países da comunidade socialista, a R.D.A. sempre provou, durante os trinta anos da sua existência que se podia contar com ela neste importante problema da humanidade. Foi nos territórios da R.D.A. que se deram as lições da história. A República Democrática Alemã é, com efeito, o primeiro Estado alemão a ter tomado como regra política e a realizar quotidianamente a paz e não a guerra, a

A herança de Clausewitz permanece viva na RDA

■ Fotos e texto

□ Panorama DDR

No dia 1 de Junho de 1780 nasceu em Burg, pequena localidade vizinha de Magdeburgo, sita em território que hoje faz parte da República Democrática Alemã, Carl von Clausewitz, cuja obra iria subverter por completo, no princípio do século passado, as concepções até então vigentes sobre o papel e as características da guerra na vida dos povos. Influenciado pelo filósofo Friedrich Hegel, von Clausewitz analisou as numerosas guerras do seu tempo e chegou a conclusões em geral válidas.

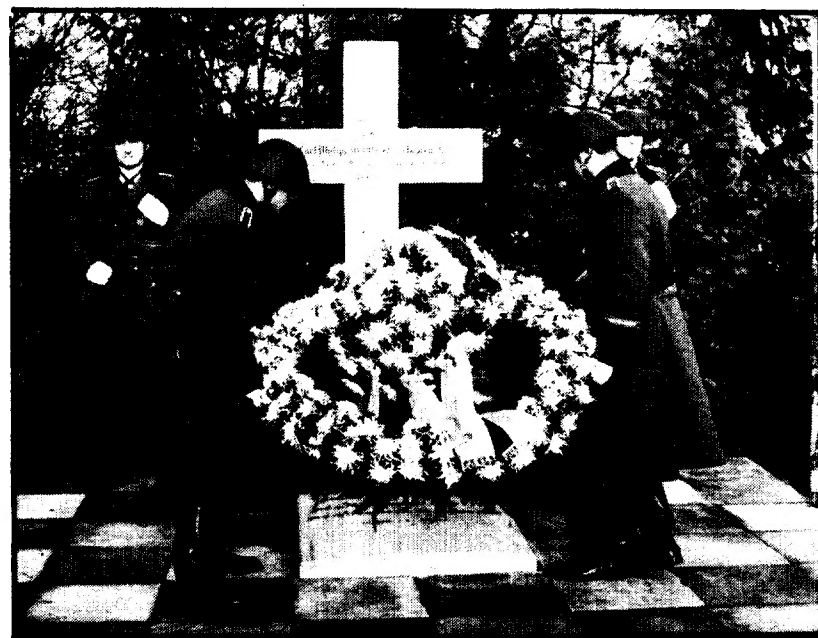
A sua obra, internacionalmente conhecida, é, no entanto, sujeita a interpretações diversas. A RDA e o seu Exército Nacional Popular preservam a grande herança do teórico militar e esforçam-se por depurá-la de todas as falsificações.

Por ocasião do 200.º aniversário do seu nascimento, a RDA prestou homenagem ao comportamento exemplar do povo alemão contra a dominação estrangeira napoleo-

nica. Colaborador do reformador progressista do Exército, Scharnhorst, instrutor na Escola de Guerra Prussiana, membro dos Serviços Prussianos em 1812, onde actuou como intermediário na conclusão do acordo sobre cessar-fogo entre a Prússia e a Rússia, director da Escola de Guerra, e, finalmente, no último ano de vida (1831) chefe do Estado-Maior do reformador do Exército prussiano, Gneisenau, Clausewitz acumulou tantas experiências que se destacou como um dos mais importantes militares progressistas da sua época. As palavras de Scharnhorst «A tradição é caminhar na vanguarda do progresso» estavam inteiramente de harmonia com Clausewitz. Na sua obra fundamental «Da Guerra», publicada depois da sua morte, Carl von Clausewitz põe de rastos a teoria militar estéril e esclerosada do seu tempo, e, ao mesmo tempo, como que faz um ajuste de contas com o sistema prussiano sob o rei Frederico. Por um lado, Clausewitz tinha lutado contra as guerras de conquista de Napoleão, mas, por

outro, compreendia as ideias da grande revolução francesa. A sua tese principal continua a ser actual nos nossos dias: «A guerra é simplesmente a prossecução da política feita por outros meios». Esta frase condensa a experiência de várias gerações. Implica a negação coerente de todas as falsificações reaccionárias sobre as causas das guerras. Se as guerras re-bentam, nunca é devido aos caprichos dum despota, a querelas de religião ou a diferenças de raças, mas sempre devido ao jogo dos interesses materiais das classes ou camadas detentoras do poder. Isto tanto no domínio interno como no internacional.

A análise e a aplicação deste ensinamento é muito importante neste momento em que muitos povos do nosso globo, estão ameaçados pela guerra ou pelo uso da força militar, «no limite da guerra» pelos círculos agressivos do imperialismo. Clausewitz tinha já chamado expressamente a atenção para as relações dialécticas existentes entre a guerra e a



política. Ao analisarmos uma guerra, nunca podemos perder de vista qual a política que a ela conduziu.

Hoje, entre os meios militares

dos EUA e no seio da NATO, muitas pessoas influentes procuram alterar a tese «a guerra como prossecução da política» numa doutrina que faz entrar nos cálculos «a

CRIANÇAS SURDAS



Uma criança surda não é deficiente mental, afirmam muitos educadores especializados. Há, no entanto, quem pense que um surdo não está necessariamente na posse de todas as suas faculdades mentais.

Verifica-se, nas primeiras etapas da existência de um recém-nascido surdo, uma certa «desigualdade» em relação às outras crianças «normais». Distingue-o, desde a primeira hora, um olhar vago, com menos mobilidade. As crianças surdas começam a sentar-se e a andar mais tarde. A visão encontra-se também empobrecida.

Psicólogos polacos e alemães procederam recentemente a estudos comparativos de desenhos feitos por crianças surdas e por crianças normais, da mesma idade. Verificaram que os trabalhos das primeiras eram de conteúdo mais pobre e muitos deles desprovidos de tema. Em contrapartida eram melhor executados.

A partir daí concluíram que a actividade figurativa podia ser um dos ramos de orientação profissional para surdos, embora limitado, é verdade, à arte aplicada, onde existem elementos de transcrições mecânicas de ornamentações, bem como uma estilização simplificada.

Significa isto que as possibilidades criadoras dos surdos sejam então limitadas?

De grande interesse para ajudar a chegar a uma conclusão parecem ser as experiências de um jardim infantil de Moscovo onde funcionam grupos experimentais criados pelo Instituto de Estudo e Tratamento de Deficientes.

Os desenhos destas crianças em nada diferem dos que são feitos por crianças normais e alguns são mesmo superiores em cor e imaginação. Muitos dos pequenitos entre os 5 e os 7 anos, que frequentam estes cursos, são mais desenvolvidos que muitas crianças normais da mesma idade. Fazem teatro, jogam, dançam, e dizem versos.

Este centro infantil de Moscovo foi o primeiro a ser criado, quando começaram em 1966 as experiências dos Grupos de Investigação do Instituto de Estudo e Tratamento de Deficientes, com educadores que acreditavam totalmente nas capacidades das capacidades deficientes auditivas.

O objectivo da experiência era encontrar um sistema de ensino e de educação coerentes que não exigissem dos pedagogos uma devoção «fanática» nem dos pais uma vida disposta a todos os «sacrifícios». Por outro lado, desejavam prazos de recuperação curtos. Em 3 ou 4 anos a criança surda deveria estar inteiramente preparada para continuar numa escola de ensino geral normal.

Hoje, numerosos grupos de

É possível anular as "desigualdades"?

crianças em toda a União Soviética são educados pelos programas elaborados a partir da experiência colhida pelo centro experimental de Moscovo. E dezenas de deficientes auditivos estudam nas escolas «normais» em nada se distinguindo dos seus companheiros, a não ser pelo pequeno aparelho auditivo que transportam.

Treino intensivo

Os métodos de ensino são extremamente simples. Os investigadores partiram do princípio de que todas as anomalias de comportamento, constatadas nas crianças surdas com nível de inteligência normal, provêm da ausência de educação por um ensino compensatório ou então de dificuldades de

Por essa razão insistiu-se, desde o princípio, no discurso oral, na constituição de uma imagem da palavra, na utilização activa dos embriões do ouvido e no desenvolvimento da função auditiva. Todo o ensino tem em conta, muito concretamente, as particularidades etárias da criança e os períodos mais favoráveis à «modelagem» do psiquismo.

Como não existem praticamente crianças surdas que não tenham uma percepção de qualquer som, desde os primeiros dias de ensino que o ouvido é estimulado e desenvolvido graças a um treino intensivo e à utilização de um aparelho amplificador especial para utilização geral ou individual.

Com efeito, o desenvolvimento intelectual de um jovem que não ouve é olhado pelos investigadores

nada com a linguagem. A aquisição de uma palavra nova é sempre acompanhada do conhecimento do objecto correspondente.

A criança assimila o objecto visualmente e, se possível, pelo tacto. Se a palavra designa um conceito, ela é proposta no decorrer de jogos, ou de exercícios se o sujeito maneja já esses conceitos ou lhes dá corpo na sua consciência.

Por essa razão, os exercícios e os jogos «sem palavras» têm um lugar de destaque nos programas, uma vez que é através deles que se formam os conceitos. É apenas depois das crianças terem aprendido a distinguir com precisão as figuras geométricas, pela sua forma, cor e tamanho, que vêm a assimilar os conceitos correspondentes.

Um outro detalhe importante do



comunicação específicas e da falta de desenvolvimento dos meios que a permitem.



como o desenvolvimento de uma criança normal com um fundo sonoro particularmente reduzido. Todas as disposições do programa experimental são tomadas no sentido de que este fundo sonoro seja amplificado ao máximo e que o atraso do desenvolvimento psicológico ocasionado pelo «vazio» sonoro seja compensado por cursos de educação física e de ritmo de movimento, pelo desenho, pela educação musical e sonora, por exercícios que visam desenvolver o intelecto e por um conjunto de conhecimentos especiais que devem ser adquiridos pelos pais das crianças deficientes.

O som e a palavra

O princípio essencial é que os métodos não sejam factuais. As crianças são iniciadas pelo som e pela palavra desde que começam a ser ensinadas. Não pelas suas formas intermédias como o tremor da glote, a vibração do solo, ou indicações dadas por aparelhos, mas sim pelas suas manifestações naturais como o movimento dos lábios e, ao princípio, esquemas sonoros muito primitivos.

O vocabulário enriquece-se no processo de imitação dos adultos. Inculca-se nas crianças, desde logo, um atitude afectiva relacio-

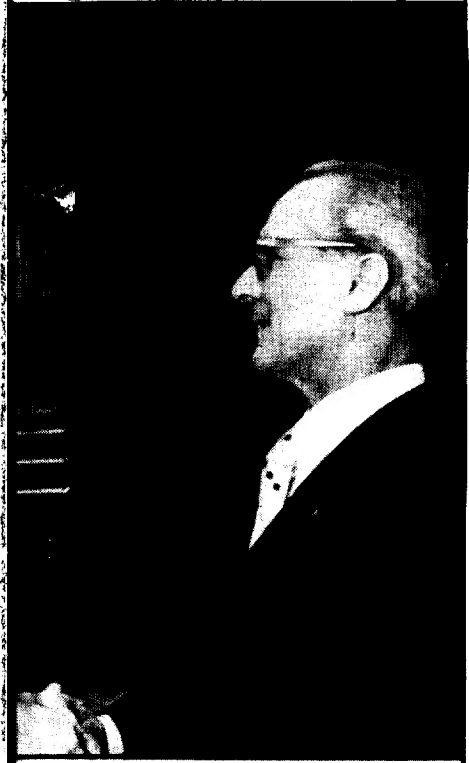
programa são os numerosos exercícios-jogos baseados na autonomia das crianças, que excluem totalmente a ingerência dos adultos.

O desenho, a modelagem, os jogos de construção em particular e os jogos em geral, criam um desenvolvimento orientado da memória e do intelecto das crianças. Obtêm-se resultados muito prometedores num prazo relativamente curto.

Hoje, quando os deficientes auditivos de 7 ou 8 anos entram para a primeira classe do ensino primário, sabem ler, escrever e fazer e problemas. Conhecem as formas gramaticais dos substantivos, verbos e adjetivos, servem-se com um bom conhecimento, das proposições e pronomes, utilizam nas suas frases construções sintácticas complexas, o que é desconhecido pela grande maioria das crianças normais.

Mas não é aqui que reside o essencial. O importante é que as crianças auditivas não estejam nunca separadas pelo «vazio mudo» do seu meio ambiente e que tenham o conhecimento de um outro mundo cheio de cor, movimento e vida. Que sejam crianças alegres, activas, curiosas, vivas, como todas as outras crianças e venham a integrar-se, como elas, na sociedade ■

ega



al do Comité Central do SED e presidente da RDA, recebe as credenciais doamarca na RDA. Desde o estabelecimento entre os dois países, em Janeiro desenvolveu com vantagem para ambas partes.

li- amizade entre os povos e não o ódio. Nesse espírito, ela mantém boas relações com a Dinamarca e a Noruega, na base dos princípios de coexistência pacífica.

Na R.D.A. as disposições dos acordos de Potsdam foram respeitadas, e as causas políticas, sociais e económicas dos crimes nazis e dos crimes de guerra foram eliminados. A R.D.A. entrou em cena em 1949 proclamando o seu compromisso internacional de tudo fazer para que nunca mais uma guerra tenha a sua origem no solo alemão. A R.D.A. ficou e ficará fiel a esse objectivo de que faz um princípio constitucional. ■

RDA

guerra como meio de política». As consequências desta «doutrina» são as aventuras militares empreendidas dúzias de vezes desde a Segunda Guerra Mundial pelos EUA na Coreia, Vietname, Irão, etc.

Finalmente, há que sublinhar que não se deve recusar uma guerra justa pela libertação dum povo ou em defesa da sua liberdade e independência. Esse é mais um ensinamento de Clausewitz, que valentemente combateu contra a dominação estrangeira napoleónica.

Este «astro de primeira grandeza», como lhe chamaram os seus contemporâneos, morreu, vítima da cólera em 1831, mas a sua herança continua viva. E mantida na RDA. Ainda no princípio do mês passado se realizou em Potsdam, no Instituto de História Militar da RDA, uma conferência científica sobre a obra de Clausewitz, na qual participaram generais e outros oficiais do Exército Nacional Popular, cientistas de universidades e representantes de organizações sociais ■

NATO — TRATADO DE VARSÓVIA

Duas alianças, duas políticas

□ Novosti

Por coincidência, ou não, os organizadores da sessão especial do Conselho da NATO fixaram uma reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa dos Países da Aliança do Atlântico Norte para 14 de Maio, dia em que a Organização do Tratado de Varsóvia (OTV) celebrou o seu 25.º aniversário. A escolha teve, pelo menos, o mérito de permitir comparar as orientações políticas das duas alianças europeias e mostrar, uma vez mais, a diferença que existe entre elas.

A NATO

A história da NATO é, desde a sua formação em 1949, uma crónica de acontecimentos associa-

dos à «guerra-fria», à escalada da tensão internacional e à corrida aos armamentos. Nenhum mito lançado acerca da «ameaça soviética» pode desmentir que tem sido a NATO e, principalmente o seu «dirigente reconhecido», os EUA, quem rejeita, na prática, os princípios da coexistência pacífica apesar de, ao mesmo tempo os reconhecer verbalmente.

A corrida aos armamentos, para que os EUA arrastaram um grande número de países, atingiu um nível sem precedentes. Segundo as estimativas da ONU os arsenais de armas nucleares quase equivalem a 1,5 milhões de bombas do tipo da que foi lançada em Hiroshima. A sua potência total é superior a 50 mil milhões de toneladas de explosivo normal. Isto seria suficiente para aniquilar 15 vezes tudo quanto é vivo na superfície da Terra.

No prosseguimento da sua loucura belicista, o Pentágono cria novos tipos de armas mortíferas, afirmando, a título de justificação, que é necessário dar resposta ao aperfeiçoamento dos armamentos soviéticos. As propostas soviéticas visando a proibição de produzir novos sistemas de armas de extinção massiva, têm sido sistematicamente rejeitadas.

O TRATADO DE VARSÓVIA

O Tratado de Varsóvia foi assinado seis anos após a formação da Aliança Atlântica e tem afirmado, ao longo dos seus 25 anos de existência, o seu interesse em reforçar a paz, criar um sistema de segurança colectivo e aumentar a confiança entre Estados e regimes sociais diferentes. Entre as iniciativas tomadas nesse sentido podem mencionar-se:

- Em 1956, os países do Tratado de Varsóvia propõem a redução das forças armadas e os armamentos da Europa Central;

- Em 1958, propõem um pacto de não-agressão entre os Estados das duas alianças militares;

- Em 1966, propõem a convocação de uma conferência europeia sobre a segurança e a cooperação na Europa. Veio a realizar-se em 1975, em Helsínquia;

- Em 1979, os países socialistas sugerem a realização de uma conferência sobre os problemas do desanuviamento militar na Europa. Estas iniciativas não tiveram, de uma maneira geral, receptividade no seio dos países da NATO.

Uma carta enviada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Andrei Gromiko, ao

secretário-geral da ONU expõe de forma abreviada a disposição da União Soviética de limitar e proibir armas de todos os tipos, na condição de uma plena reciprocidade e de não atentar contra a segurança de quem quer que seja. A URSS afirmou, também, mais uma vez, que não aspira a superioridade militar sublinhando que considera a corrida aos armamentos uma competição absurda, cara e perigosa.

Quando foi assinado em Viena, o tratado SALT-2 parecia, enfim, que os meios dirigentes dos EUA tinham optado por uma lógica mais sensata. Mas os interesses do complexo militar-industrial a que é inato a aspiração de uma superioridade militar, não permitiram que tal sucedesse. A ratificação do tratado SALT-2, que reforçava consideravelmente a segurança dos países da NATO, como foi por eles reconhecido, vem sendo adiada e Washington impôs aos seus aliados europeus novos mísseis de médio alcance.

O ÚLTIMO EXEMPLO

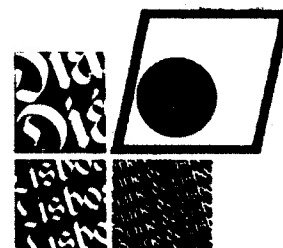
As últimas sessões das duas Organizações — NATO e Tratado de Varsóvia — que decorreram em datas coincidentes, não introduzi-

ram qualquer factor novo na orientação das duas alianças.

Enquanto em Bruxelas, todo o trabalho da sessão da Aliança Atlântica decorria sob a pressão dos EUA aos seus aliados da Europa Ocidental a fim de os levar ao alinhamento incondicional com a política de Washington que visa relançar a corrida aos armamentos, em Varsóvia as delegações dos países socialistas sublinhavam a necessidade de salvaguardar a paz e propunham um encontro, ao mais alto nível, dos dirigentes dos Estados de todas as regiões mundiais. Como objectivo, suprimir os focos de tensão e afastar o perigo de guerra ■

EXCLUSIVO

N.º 25/80



A JOFRAMA

FESTEJA EM JUNHO O SEU 14.º ANIVERSÁRIO

E ORGANIZA UMA GRANDE CAMPANHA COM DESCONTOS PROGRESSIVOS PARA OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES

14 ANOS A VENDER QUALIDADE A BAIXO PREÇO, CRIARAM UM NOME COM TRADIÇÃO

COMPRE MAIS BARATO — COMPRE AGORA SÓ EM JUNHO

R. DOS FANQUEIROS, 226 — LISBOA
R. JOÃO DAS REGRAS, 4-B — LISBOA
R. MADALENA, 203-217 — LISBOA

R. DO COMÉRCIO, 46-54 — VISEU
R. ROMÃO RAMALHO, 29 — ÉVORA
R. LUÍS BARROSO, 69 — FAMILICÃO
Av. DR. LOUR. PEIXINHO, 169 — AVEIRO

5%

7%

10%